



Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação
Programa de Pós-graduação *strictu sensu*
Mestrado em Estudos Literários

Vozes da Cabanagem: os discursos da literatura e da história na construção de “O Rebelde”

Livia Sousa da Cunha

Belém - Pará
2010

Livia Sousa da Cunha

Vozes da Cabanagem: os discursos da literatura e da história na construção de “O Rebelde”

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Letras
Linha de pesquisa: Literatura, cultura e história.

Orientador:
Prof. Dr. José Guilherme dos Santos
Fernandes.

Belém - Pará
2010

Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação Social
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Dissertação intitulada *Vozes da Cabanagem: os discursos da literatura e da história na construção de "O Rebelde"*, de autoria da mestranda Livia Sousa da Cunha, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes – UFPA - Orientador

Profa. Dra. Marli Tereza Furtado – UFPA

Prof. Dr. Daniel dos Santos Fernandes – Faculdades Ipiranga

Prof. Dr. SILVIO AUGUSTO DE OLIVEIRA HOLANDA
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários
UFPA

Belém, 08 de março de 2010

Ao meu Senhor e amigo Jesus pelo seu infinito
amor para comigo.

Agradecimentos

Aos meus pais, Luiz e Léa, pelo apoio durante esses anos de curso e durante toda a minha vida, obrigada por terem me incentivado a sonhar.

Aos meus irmãos, Luciléa, Luiz e Laís, pelo amor e compreensão.

À minha tia e “mãe” Bernadina, pelo incentivo e investimento.

Aos meus sobrinhos, Matheus e Larissa, pelos cheiros e sorrisos.

Aos meus cunhados José Milton e Lucélia.

À Ana Maria pelo incentivo, amizade e pelo exemplo de dedicação e força de vontade de vencer todas as dificuldades, valeu mesmo!

Ao professor e orientador José Guilherme dos Santos Fernandes pela amizade, atenção e interesse na realização deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA) pelo financiamento de minha pesquisa durante esses dois anos de curso.

A todos os professores do Mestrado, por suas contribuições na conclusão de mais uma etapa de minha jornada acadêmica.

À banca de qualificação Marli Furtado e Aldrin Figueiredo por suas observações e intervenções que foram muito relevantes ao meu trabalho.

Ao Grupo de Pesquisa do Projeto Rotas do Mito, Ana, Denis, Tiago, Maria, Salim, José Guilherme pelas tardes de discussões e risadas

À Narjara e à Roberta pela amizade.

À Laurenice Guedes pelo incentivo no início dessa jornada.

Ao Eduardo Brito e à Regina pela atenção e simpatia.

Aos meus amigos e amigas pelas orações e carinho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 LITERATURA E HISTÓRIA	11
1.1 O escritor, o Naturalismo e sua obra	11
1.2 História: o que dizem os historiadores	18
1.3 Literatura: o que dizem os literários	22
2 AS VERSÕES DA CABANAGEM	30
2.1 Os historiadores e as versões da Cabanagem	35
2.2 Por que os cabanos foram derrotados?	47
3 OS REBELDES EM “O REBELDE”: A CONSTRUÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO DO HERÓI	52
3.1 Primeiras considerações	53
3.2 Vozes dos dominadores?	62
3.3 Vozes dos dominados?	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
ANEXO	90

Resumo

O conto “O Rebelde”, da obra *Contos Amazônicos* (1893), do escritor Inglês de Sousa, apresenta em seu enredo um fato da história paraense, a Cabanagem. Na narrativa os personagens vivenciam as primeiras manifestações dos revoltosos em 1832. Foi a partir da constatação desse fato histórico, no conto, que se desenvolveu a pesquisa em questão, atentando para o jogo estabelecido entre o real e o ficcional, ou seja, como um fato histórico foi recriado no universo ficcional inglesiano. Nesse sentido, foram observados os discursos da história, nos séculos XIX e XX, nas obras *Motins Políticos* (1865-1890) de Domingos Antônio Raiol, *Cabanagem: o povo no poder* (1984) de Julio José Chiavenato, e *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia* (1985) de Pasquale Di Paolo, e o discurso da literatura, em “O Rebelde” do século XIX, na construção das versões sobre a Cabanagem, com o objetivo de verificar como cada historiador e literato se posicionou sobre a Cabanagem elegendo vítimas, vilões e heróis; além de verificar como as vozes dos personagens e do narrador do conto se posicionam condenando ou justificando a ação cabana. A discussão apresenta os pressupostos teóricos baseados em Paul Ricoeur (1999), Jacques Le Goff (2005), Beatriz Sarlo (2007) e Umberto Eco (2004).

Palavras-chave: Literatura, história, Cabanagem, versão, herói.

Abstract

The short story "O Rebelde", from Inglês de Souza's *Contos Amazônicos* (1893), presents in its plot a fact of the history of Pará, the Cabanagem. In this narrative the characters experience the first manifestations of the rebels in 1832. The research was developed based on the evidence of this historical fact in the short story, observing the interaction between real and fictional, that is, how the historical fact has been recreated in the fictional universe of the author. This way, the discourses of the history were observed, from the 19th and 20th centuries, in the books *Motins Políticos* (1865-1890) by Domingos Antônio Raiol, *Cabanagem: o povo no poder* (1984) by Julio José Chiavenato, and *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia* (1985) by Pasquale Di Paolo, as well as the discourse of the literature, in "O Rebelde" from the 19th century, in the construction of versions of the Cabanagem, in order to verify how each historian and writer has positioned in relation to the Cabanagem, electing victims, villains and heroes. We also aimed at verifying how the voices of the characters and the narrator of the short story condemn or justify the Cabanagem. The discussion presents the theoretical assumptions based on Paul Ricoeur (1999), Jacques Le Goff (2005), Beatriz Sarlo (2007) and Umberto Eco (2004).

Keywords: Literature, history, Cabanagem, version, hero.

INTRODUÇÃO

O meu interesse em pesquisar a literatura produzida pelo escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) começou durante a graduação no curso de Letras da Universidade Federal do Pará. No término do curso fiz o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) voltado para a discussão literatura e história e literatura e sociedade, nos contos “Voluntário”, “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde”, pertencentes ao livro *Contos Amazônicos* (1893) do referido autor. Esses três contos apresentam, por assim dizer, uma semelhança. Os três apresentam em seus enredos a situação social da população amazônica do século XIX, e trazem versões de fatos ocorridos no mundo real: a Guerra do Paraguai no primeiro conto e a Cabanagem nos dois últimos.

Após esse primeiro momento de observação dos contos, surgiu o interesse na realização de um estudo específico sobre o conto “O Rebelde”, sobretudo no que diz respeito à presença da Cabanagem no universo da narrativa. O objetivo desse estudo é analisar a relação entre literatura e história, observando como um fato histórico é descrito dentro do conto, ou melhor, como a literatura se apropria de fatos do mundo real e os reconfigura no plano ficcional, construindo versões sobre um acontecimento.

Esse conto, publicado pela primeira vez em 1877, no jornal *A Província do Pará*, apresenta em seu enredo a forte presença da Cabanagem ou da fase Pré-Cabanagem, como alguns historiadores classificam o ano de 1832, no qual se passa a ação narrada. O conto destaca ainda as primeiras manifestações de luta dos cabanos e apresenta as ações de invasão, incêndios e assassinatos realizados por cabanos e pelos guardas legais. Esse conto, diferentemente de “A quadrilha de Jacó Patacho”, que classifica e descreve a Cabanagem como um movimento de manifestação da ação de homens incivilizados, mostra o ponto de vista dos dois lados envolvidos no confronto. Em “O Rebelde” o leitor tem, de certa forma, o ponto de vista do cabano em relação ao movimento, pois o personagem se manifesta por meio do discurso direto e justifica o porquê de sua luta. É importante deixar claro que neste trabalho pretendo questionar em que medida essa voz dada ao cabano pode representar o seu ponto de vista, em que medida essa voz do dominado pode

servir como mais um possível mecanismo de afirmação do ponto de vista dos dominadores e, conseqüentemente, a visão do próprio narrador. No conto também temos a exposição dos crimes praticados pelos cabanos, pelos portugueses e guardas do governo, evidenciando que esse movimento, tão condenado pela violência praticada pelos cabanos, também foi alvo de muita violência.

O conto “O Rebelde” é marcado por uma tensão. Essa tensão pode ser atribuída à iminência da invasão cabana à Vila Bela e à presença de pares dicotômicos como dominantes/dominados, portugueses/nativos, brancos/caboclos, ricos/pobres, civilizados/incivilizados, que marcam a constante oposição entre os personagens e grupos de personagens representantes da sociedade de Vila Bela de 1832. Essas dicotomias dividem e caracterizam as várias classes sociais e as relações de poder estabelecidas entre os personagens que se movem na narrativa. Diante dessa constatação, o conto será analisado a partir dessas divisões, sobretudo da relação dicotômica dominador/dominado, que de certa forma engloba todas as outras, destacando que, apesar de existir essa divisão, os personagens representantes de cada lado por vezes trocam de papel: quem dominava passa a ser dominado e quem era dominado passa a ser dominante. Essa mobilidade só é possível com a presença da Cabanagem.

Como já foi dito, a Cabanagem é recontada no universo ficcional de Inglês de Sousa; é descrita, justificada e julgada pelas várias vozes presentes no texto, como a voz do narrador e personagem Luís e as vozes dos demais personagens. Diante dessa presença marcante da Cabanagem no enredo da obra, o presente trabalho foi dividido em três momentos. No primeiro momento há uma contextualização do autor e da sua obra no período literário, Naturalismo, do qual Inglês de Sousa é o pioneiro no Brasil; em seguida será abordada, especificamente, a relação literatura e história, com o objetivo de situar o leitor nessa discussão, que existe há muitos anos e que de certa forma “incomoda” historiadores e literatos. Neste sentido, serão apresentados os conceitos de literatura e história que marcam a separação durante séculos dessas duas formas de conhecimentos, assim como o elemento que as aproximam, a estrutura narrativa comum a ambas. Outros conceitos que permeiam esse debate são: ficção, real, documento, verossimilhança e pacto ficcional. Nesse estudo serão abordados autores como Jacques Le Goff, Lloyd S. Kramer, Wellek e Warren, Umberto Eco e Paul Ricoeur.

O segundo capítulo *As versões da Cabanagem* traz as contribuições de vários pesquisadores sobre a Cabanagem. A discussão situa-se especificamente em torno de três trabalhos, com o objetivo de mostrar como cada escritor e cada época contou a história cabana. Os trabalhos utilizados nessa discussão foram selecionados para exemplificar como a Cabanagem foi narrada nos séculos XIX e XX. As obras selecionadas são: *Motins Políticos* (1865-1890) do escritor Domingos Antônio Raiol, uma das obras pioneira na pesquisa sobre o movimento cabano, que possui uma grande quantidade de documentos oficiais recolhidos pelo autor; o livro *Cabanagem: o povo no poder* (1984) de Julio José Chiavenato e a obra *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia* (1985) de Pasquale Di Paolo, obras que apontam a Cabanagem como Revolução, além de ambas pertencerem ao século XX. Através da observação dessas três obras busca-se mostrar que a reconstrução do passado nunca é completa, ela é sempre uma tentativa, que está ligada a uma série de fatores políticos, sociais e ideológicos. Logo, essas narrativas são versões sobre a Cabanagem.

No último capítulo, temos a observação da construção do papel do herói e, conseqüentemente, do vilão. Além da observação do foco narrativo, como o narrador caracteriza e elege os mocinhos e os vilões na narrativa, como o narrador descreve e caracteriza os personagens. Nesse capítulo, o objetivo é verificar qual versão sobre a Cabanagem Inglês de Sousa criou, quais as vozes que ganharam destaque ao longo do texto, quais os pontos de vista - do português, da igreja, do Estado e do cabano - são defendidos pelos personagens. Nesse sentido, o capítulo se divide basicamente na observação de dois grupos de personagens: aqueles que representam os dominadores e aqueles que representam os dominados. Nessa leitura do conto será utilizada como metodologia de análise a narratologia e os cinco códigos, hermenêutico, proairético, referencial, semântico e simbólico, propostos por Roland Barthes, em *S/Z* (1992).

LITERATURA E HISTÓRIA

Ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real.

(Umberto Eco, 2004, p.93)

1. 1 - O escritor, o Naturalismo e a sua obra.

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em 28 de dezembro de 1853, em Óbidos (Pará). Realizou os estudos primários e secundários em sua terra natal e no Maranhão. Iniciou o curso de Direito em Recife¹ e terminou-o em São Paulo. Depois de formado, atuou na área de jornalismo e na política, foi presidente das províncias do Sergipe e Espírito Santo. Em 1892, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como professor na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Em 1897, participou da fundação da Academia Brasileira de Letras na qual ocupou o cargo de tesoureiro.

Inglês de Sousa, ainda estudante de Direito, publicou em 1876 seus primeiros romances, *O Cacaulista* e *História de um pescador*, ambos sob o pseudônimo Luiz Dolzani. No ano seguinte foi publicado o romance *O coronel sangrado*. Em 1891 foi lançado *O missionário*, obra que recebeu forte influência da literatura naturalista do escritor francês Émile Zola, e como último trabalho literário, a obra *Contos Amazônicos*, que data de 1893. Sousa também publicou livros na área de Direito, como *Títulos ao Portador* (1898), *Anteprojeto do Código Comercial* (1903) e *Código de Direito Privado*.

¹A Faculdade de Direito de Recife, um dos principais pólos de formação acadêmica de 1800, foi o espaço em que surgiu e se desenvolveu o movimento denominado Escola de Recife (1860-1880), o qual influenciou Inglês de Sousa em sua produção literária, sobretudo no que diz respeito ao contato do escritor com as correntes de pensamentos europeias como, por exemplo, o positivismo. Esse movimento, Escola de Recife, configurou-se como um espaço de debate intelectual, que congregava pensadores, estudiosos, juristas, sociólogos, poetas que discutiam sobre vários temas: filosofia, sociologia, literatura e questões jurídicas. Os principais representantes e membros desse movimento são: Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu, Castro Alves, Graça Aranha, Urbano Santos, entre outros.

O escritor paraense faleceu no Rio de Janeiro a 6 de setembro de 1918, deixando sua contribuição na literatura brasileira e principalmente na literatura amazônica, trazendo um cenário diferente do eixo Rio – São Paulo, pois apresenta uma outra parte do Brasil, ainda não conhecida pelos leitores brasileiros, a região amazônica.

De certa forma, as obras produzidas por Inglês de Sousa tentam reconstruir a sociedade amazônica do século XIX por meio do realismo literário, que recebeu forte influência do Naturalismo europeu, corrente literária em vigor na segunda metade do século XIX, que tinha como objetivo desenvolver uma literatura mais próxima da realidade representada.

O Naturalismo surgiu após a Revolução Industrial, como uma reação aos ideais abstratos do Romantismo. Para Salvatore D'Onofrio, em *Literatura Ocidental e obras fundamentais* (2002), o Naturalismo está ligado às transformações geradas pelo avanço das ciências sociais e aos avanços tecnológicos, volta-se para a realidade do homem e para os conflitos externos, tem como característica a resolução dos problemas existenciais e sociais do homem pelo próprio homem, apresenta o homem preso ao meio em que vive (condicionamento ambiental), o homem sujeito ao momento histórico (as determinações temporais) e o homem preso ao determinismo biológico (determinação biológica).

O Naturalismo recebeu forte influência das correntes de pensamento em destaque na segunda metade do século XIX, sobretudo do materialismo, que se apresenta em suas diversas formas: positivismo, determinismo, evolucionismo, cientificismo, liberalismo, ambientalismo, progressismo, contra-espiritualismo, anticlericalismo, sociologismo e ateísmo. Por esse motivo, as obras escritas neste momento apresentam um realismo diferente do realismo das obras românticas.

Em *Introdução à Literatura no Brasil* (1978), Afrânio Coutinho destaca que o Realismo presente nas obras naturalistas tem uma teoria peculiar, de cunho científico, com uma visão materialista da sociedade e do homem. Nessa estética literária ocorre a tentativa da descrição exata da realidade física e humana, com descrição de pormenores, objetivando uma máxima verossimilhança dos fatos contados. Para a crítica literária, a escola naturalista tinha como objetivo principal representar de maneira fiel a realidade, por esse motivo os naturalistas afastaram-se do sentimentalismo, preocuparam-se com a fundamentação dos acontecimentos precisamente observados e recolhidos. Como resultado, as narrativas passaram a

ser cheias de detalhes e tornaram-se mais lentas. Ocorreu também um crescente interesse pela estrutura da sociedade e pelas camadas ditas mais baixas. Nelson Werneck Sodré, em *História da Literatura Brasileira* (1995), destaca que o Naturalismo surgiu numa época em que havia uma tensão entre a burguesia e o proletariado, sobretudo na Europa. Nesse sentido, a ficção naturalista realizava uma crítica à sociedade voltada para o acúmulo de capital. Vejamos a afirmação de Sodré:

O naturalismo, numa época em que burguesia e proletariado se chocavam, procurava trazer à ficção, como à crítica, os novos quadros que a existência européia apresentava, particularmente aqueles quadros urbanos em que se desenvolvia a tremenda luta que a acumulação capitalista proporcionava. Fugindo de figurar as suas exatas dimensões e a profundidade social de seus motivos, o naturalismo descaía inevitavelmente para o excepcional, para o isolado, para o extremo, para o arbitrário.²

Hibbard (*apud* Coutinho, 1978) aponta quatro aspectos importantes presentes no Naturalismo. O primeiro é a visão de mundo, que é mais determinista, mecanicista. O homem aparece como um animal, preso a forças superiores e impulsionado pela fisiologia. No segundo, o naturalista observa o homem de forma científica, impessoal, como um fato a ser estudado. O terceiro está relacionado às questões de inferioridade social, às diferenças existentes no modo de vida da população pertencente às várias classes sociais. E no quarto, a preocupação naturalista com a observação científica mostra que nada é desprovido de importância na construção dos fatos e nada que esteja na natureza é indigno da literatura. Esse comprometimento com a fidelidade dos fatos dá, por assim dizer, aos textos naturalistas um caráter documental, contrário à proposta defendida pela escola romântica.

O principal representante da estética naturalista é o francês Émile Édouard Charles Antoine Zola (1840 – 1902), que desenvolveu a teoria do “romance experimental”, na qual o romancista assumiria o papel de experimentador, através da pesquisa dos caracteres hereditários do homem e das transformações geradas no homem pelo ambiente social em que ele está inserido. Nessa teoria, o escritor

² SODRÉ, 1995, p.384.

literário se utiliza do método científico de observação da sociedade para realizar o seu trabalho. A primeira obra de Zola que apresenta esses princípios estéticos naturalistas é o romance *Teresa Raquin* de 1867.

Arnold Hauser, em *História Social da Arte e da Literatura* (2003), destaca:

O Naturalismo, dizem eles [os críticos conservadores dos anos 50], carece de todo idealismo e moralidade, regala-se na feiúra e na vulgaridade, no mórbido e no obscuro, e representa uma indiscriminada e servil imitação da realidade. Naturalmente, porém, o que perturba os críticos conservadores não é o grau mas o objetivo da imitação.³

Hauser aponta a literatura naturalista como uma literatura que quebra os padrões de idealismo literário defendidos pela crítica dos anos 50, pois traz à cena uma parte da sociedade excluída, apresenta, por exemplo, a situação de trabalhadores de uma mina, como na obra *Germinal* (1881), de Émile Zola; destaca a maneira como os negros e mulatos são tratados na sociedade maranhense de 1800, obra *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo (1857-1913); e a situação de exclusão vivida pelo tapuio, morador da região amazônica, mostrada nas obras de Inglês de Sousa.

Essa literatura, produzida no século XIX, tende a enfatizar o predomínio da personagem sobre o enredo, da caracterização sobre as ações, valoriza os assuntos, as atividades e problemas vividos pelo homem, e se interessa pelas classes com poder aquisitivo mais baixo. É nesse contexto que Inglês de Sousa desenvolve suas narrativas, desloca a atenção dos centros urbanos do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, e conta a vida de personagens que fazem parte da rotina de cidades pequenas e pouco desenvolvidas como Óbidos, Silves e Vila Bela, narra as *cenários da vida do Amazonas*, como ele mesmo titula os seus três primeiros romances, *História de um pescador*, *O coronel Sangrado* e *O cacaulista*, nos quais são descritos o sistema político da região, os preparativos das eleições, as relações estabelecidas entre os políticos e o povo, a compra de votos, o ciclo cacauzeiro, as relações entre patrões e empregados, a luta pela posse de terras, as discriminações raciais. Em linhas gerais, as narrativas de Sousa, tanto os romances, incluindo também *O Missionário*, quanto os contos abordam de certa forma essas questões.

³ HAUSER, 2003, p.794.

No livro de contos, as narrativas mostram uma Amazônia ficcional atravessada por embates políticos e sociais; apresentam um homem marginalizado, que vive no interior da Amazônia praticamente esquecido pelo resto do Brasil. As narrativas abordam o imaginário mítico local, com a presença de feiticeiras, de aves agoureiras, do boto, da cobra grande. Em alguns contos ganham destaque acontecimentos da própria história brasileira, como a Guerra do Paraguai no conto “Voluntário”, que descreve a situação de medo vivida pela população Amazônica com a ameaça do recrutamento para a guerra do Paraguai, e a Cabanagem nos contos “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde”, nos quais são narradas as primeiras manifestações da revolta em 1832, as ações dos cabanos, dos guardas do governo e da população inserida nesse contexto.

A narrativa objeto desse estudo é “O Rebelde”, da obra *Contos Amazônicos*, publicada no Rio de Janeiro em 1893 e dedicada a Silvio Romero, amigo do escritor. Este conto foi publicado pela primeira vez em 1877 no jornal *A Província do Pará*, com o título e subtítulo, respectivamente, “O sineiro da matriz” e “Um conto do Amazonas”. Essa versão do conto circulou no jornal paraense na coluna *Folhetim* no período de 17 a 26 de outubro de 1877, assinada por Luis Dolzani, pseudônimo do escritor paraense Inglês de Sousa.⁴

A primeira versão, publicada em 1877, possui uma introdução em forma de reflexão sobre o caráter dos homens e a capacidade que só alguns têm de praticar grandes feitos, antecipando o que o narrador contará na história, a atitude “heróica” de Paulo da Rocha. Essa versão também traz outras diferenças quando comparada à versão de 1893, como por exemplo, o nome da personagem proprietária do sítio em que Paulo e o grupo de refugiados conseguem asilo, que na primeira versão recebe o nome de Roza e na segunda versão de Andresa.

Em linhas gerais, a narrativa “O Rebelde” apresenta a história do personagem Luís, ainda criança; mostra a amizade entre Luís, Júlia e Paulo da Rocha, um homem que é desprezado pela população de Vila Bela, pelo fato de ter participado da revolta de 1817 em Pernambuco. O assunto que atravessa toda a narrativa é a Cabanagem, fato que gera um clima tenso na região pela ameaça de invasão dos cabanos. A situação se complica quando a ameaça se concretiza, os cabanos invadem Vila Bela e matam o juiz de paz Guilherme da Silveira. Luís e sua

⁴ Essa primeira publicação do conto com o título “O sineiro da Matriz” de 1877 está anexada no final do trabalho e pertence à seção de Periódicos microfilmados do CENTUR.

mãe Mariquinhas são salvos por Rocha e fogem juntamente com o padre João e Júlia para o sítio de Andresa.

O texto segue contando as várias situações vivenciadas pelos personagens no sítio. O personagem de Paulo da Rocha mostra-se, ao longo da narrativa, um grande amigo e protetor dos refugiados. Como último problema, Paulo tem sua filha Júlia capturada pelos revoltosos, que propõem uma troca da jovem pelo filho do juiz, e mais uma vez Luís é salvo, pois Paulo não faz a troca. O conto termina com Luís já adulto, reencontrando Paulo, que havia sido preso como um dos revoltosos. Luís consegue a liberdade de seu amigo, mas Paulo morre logo em seguida.

Em “O Rebelde”, o tema central ou problema que impulsiona a narrativa é a Cabanagem⁵ assunto que envolve os personagens e direciona toda a narrativa. São apresentados por meio das vozes do narrador e dos personagens vários posicionamentos e visões sobre este movimento. Essas vozes trazem versões sobre a situação social, sobre os motivos da revolta, além do posicionamento da igreja, do português, do Estado e do homem marginalizado socialmente.

No conto “O Rebelde”, como é possível perceber, há uma forte relação entre a literatura e a história, pois temos uma narrativa literária recriando ou recontando um fato marcante da história amazônica, a Cabanagem. Essa discussão entre literatura e história remonta o início da teorização da arte ocidental, que separa essas duas formas de conhecimento, criando paradigmas antitéticos. Segundo Aristóteles, em *Arte Retórica e Arte Poética* (1977), há uma grande diferença entre poesia e história.

[...] é evidente que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade. 2. O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo escrever em verso [...] Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. 3. Por tal motivo a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a História, porque a poesia permanece no universal e a História estuda apenas o particular.⁶

⁵ A Cabanagem foi uma revolução que explodiu em Belém na província do Pará, em 1835. O movimento matou índios, mestiços, africanos, escravos, além da elite amazônica. O principal alvo dos cabanos foram os brancos portugueses ou descendentes de portugueses abastados. Segundo Domingos Antônio Raiol (1865-1890), a Cabanagem somou mais de 30 mil mortos. Esse movimento alcançou um território muito amplo, aproximou-se do nordeste e chegou às fronteiras do Brasil central.

⁶ ARISTÓTELES, 1977, p.252.

Para essa forma de conceituar literatura, o texto literário tem o caráter voltado para a imitação da realidade, ou seja, o texto literário cria um mundo particular que imita ou se apóia no mundo real. Esse mundo criado não é, portanto, o mundo real. O que se tem, então, no texto literário é a narração do que poderia ter acontecido ou do que é possível acontecer, e essa narração assemelha-se à verdade, ao possível.

Com o passar dos tempos, essa forma de pensar a história e a literatura como manifestações opostas de conhecimento acentuou-se; a literatura e a arte, de maneira geral, passaram a ser vistas como formas “imaginárias” de contar a realidade, e a história como uma ciência pautada na objetividade e na racionalidade. Como resultado ocorreu a solidificação da separação entre literatura e história.

Nessa discussão cabe uma ressalva no sentido de relativizar a oposição entre literatura e história, visto que essa forma de conceituar a literatura é marcada pelo estigma da mentira, enquanto a história ganha o *status* de verdade, construindo-se, dessa maneira, uma imensa separação entre literatura e história. É necessário dizer também que tanto o historiador quanto o escritor literário constroem narrativas verossímeis e que ambos narram versões de fatos e acontecimentos. É relevante ressaltar que, com o advento da história nova⁷, ocorreu uma grande mudança na maneira de se pensar a história. Jacques Le Goff, em *História e Memória* (1996), destaca a visão de um importante historiador contemporâneo, Georges Duby⁸, que aponta a história como uma arte essencialmente literária, pelo fato de a mesma se realizar ou existir por meio do discurso.

⁷ Movimento que teve como um dos pioneiros Henri Berr que usou o termo “nova história” em 1930, cujo adjetivo “nova” refere-se ao movimento iniciado nos Estados Unidos em 1912 denominado New History. A história, a partir da renovação no campo da historiografia, buscou afirmar-se como história global e pretendia estudar a realidade de uma sociedade em sua totalidade. Segundo Jacques Le Goff, em *A história nova* (2005), essa nova abordagem da historiografia trouxe uma ampliação no campo do documento histórico, que anteriormente era fundamentada em textos escritos. Tal ampliação consistia na aceitação de uma multiplicidade de documentos, como documentos orais, textos figurados, fotografias, filmes, produtos de escavações arqueológicas e outros.

⁸ Historiador francês, sua data de nascimento e morte são respectivamente 07 de outubro de 1919 e 03 de dezembro de 1996; foi membro da Academia Francesa, especialista em história medieval, lançou mais de setenta obras, além de coordenar coleções importantes como a *História da vida privada*.

1. 2 - História: o que dizem os historiadores.

Jacques Le Goff, em *História e Memória* (1996), apresenta três formas diferentes de conceituar “história” nas línguas românicas.

1) esta ‘procura das ações realizadas pelos homens’ (Heródoto) que se esforça por se constituir em ciência, a ciência histórica; 2) o objetivo de procura é o que os homens realizam. [...] Mas a história pode ter ainda um terceiro sentido, o de narração. Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula.⁹

O primeiro conceito foi destacado por Heródoto¹⁰ e relaciona a história às ações de investigação, à procura de ações realizadas pelo homem; o segundo conceito refere-se ao objeto da procura, o resultado daquilo que o homem realizou; e o terceiro conceito está voltado para a idéia de narração, que pode ser verdadeira ou falsa, verdadeira se estiver baseada em uma realidade histórica, e falsa se estiver pautada na pura imaginação.

Essa terceira definição de história, como narração, aproxima a história da literatura na medida em que aponta a estrutura narrativa como elemento comum a essas duas formas de conhecimento. É o que destaca Paul Ricoeur, em *História y narratividad* (1999):

[...] a pesar de las diferencias evidentes que existen entre el relato histórico y el de ficción, ambos poseen una *estructura* narrativa común, que nos permite considerar el ámbito de la narración como un modelo discursivo homogéneo.¹¹

Após a aproximação do relato histórico e o do relato de ficção por meio da narração, Ricoeur lança dois questionamentos. O primeiro consiste em saber se

⁹ LE GOFF, 1996, p.18.

¹⁰ Historiador grego nascido no século V a.C, autor da história da invasão persa na Grécia no século V a.C, obra que ficou conhecida como *As histórias de Heródoto*. Recebeu o título de “pai da história” por ter sido um dos pioneiros a escrever sobre o passado considerando-o como um problema filosófico e como um mecanismo capaz de revelar o comportamento humano.

¹¹ RICOEUR, 1999, p.83.

ambas as estruturas narrativas de história e ficção possuem uma função comum; e o segundo consiste na diferença existente na pretensão de verdade da historiografia e a de ficção da literatura. A resposta para esses questionamentos, tentarei obter ao longo desse trabalho, mas o que já podemos constatar é que, apesar das diferenças entre a literatura e a história, ambas as formas de narrar possuem, de certo modo, uma pretensão referencial, uma pretensão de verdade, ou seja, todo texto narrativo procura reproduzir a verdade da história contada, todo texto narrativo tem uma coerência interna que torna a história verossímil. Ao caminharmos nessa direção, chegamos ao ponto de reconhecer que ambos os relatos, ficcional e histórico, convergem e se complementam por meio de formas distintas. Paul Ricoeur ressalta que, ao se falar sobre o reconhecimento da dimensão referencial do relato de ficção, torna-se necessário considerar também a existência de um elemento de caráter fictício na história, e que ambos os relatos têm como pretensão proporcionar uma representação da realidade.

Outra conclusão que já podemos verificar é que tanto o relato de ficção quanto o relato histórico nos proporcionam olhares e representações sobre a realidade, e que se referem, de certa forma, a modos diferentes de nossa existência individual e social, descrevendo e reescrevendo a nossa condição histórica, pois, como ressalta Ricoeur, nós, homens e mulheres, “elaboramos la historia, de que nos encontramos en ella y de que somos seres históricos.”¹²

Ao falar sobre a pretensão de verdade ou caráter científico da história, caminhamos em direção à imparcialidade e objetividade. Le Goff (1996), ao comentar a objetividade, apresenta, primeiramente, a existência de duas histórias. A história da memória coletiva, que é basicamente mítica e anacrônica; e a história dos historiadores, que tem como objetivo contar um fato, criando uma versão, visto que o historiador, ao contar um fato, levanta hipótese, faz conjecturas e interpretações.

É a partir dessas constatações, sobretudo no que diz respeito à responsabilidade do historiador ao contar os fatos, que Le Goff lança uma pergunta: “Mas estará o historiador imunizado contra uma doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado?”¹³ Essa pergunta nos faz caminhar em direção a uma reflexão acerca do fazer historiográfico, bem como da pressão social sofrida pelo historiador ao utilizar um

¹² *Ibidem*, p. 84.

¹³ LE GOFF, 1996, p.29.

determinado método no desenvolver de suas pesquisas. Essa reflexão abarca desde a decisão do historiador ao considerar o que é ou não é documento, até a sua habilidade de tirar do documento aquilo que ele contém, para, então, revelar algo sobre uma determinada comunidade em um período de tempo.

O trabalho do historiador é visto de forma diferente nos vários períodos históricos. Em alguns momentos foi visto como uma forma de contar a verdade sobre um fato, e o discurso histórico como um espaço neutro, sem interferência alguma de quem conta; em outros momentos há certo questionamento acerca da imparcialidade do historiador, bem como da neutralidade do documento.

O fazer historiográfico passa, ao longo dos anos, por muitas mudanças, atualização de métodos e ampliações no campo de pesquisa. Dentre as várias mudanças, ganha destaque a realizada no século XX, que trouxe benefícios, sobretudo por ter ampliado o campo de estudo da historiografia, a história cultural, viabilizando um diálogo com outros campos de estudo das Humanidades, dentre eles a Antropologia, a Sociologia, a Geografia, a Filosofia, a Economia e a Literatura, surgindo desses contatos a disciplina antropologia histórica, a crítica do documento, o tratamento diferenciado dispensado ao tempo e às análises do poder político em suas muitas manifestações.

A respeito desse movimento de renovação da historiografia, conhecido como nova história cultural, Lloyd S. Kramer, no texto *Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra* (2006), aponta como destaque os trabalhos de Hayden White e Dominick LaCapra, que têm como objetivo examinar e expandir as definições e metodologias tradicionais da história, além de questionar as fronteiras entre filosofia e história e apontar o papel importante e comum da linguagem nessas formas de conhecimento. Portanto, o grande desafio proposto por White e LaCapra volta-se para a abertura do paradigma literário aos “*insights* críticos”, que mudaram a abordagem e metodologias em literatura, crítica e ciência.

Kramer (2006) apresenta o projeto de White como um projeto de expansão das fronteiras historiográficas, afirma a necessidade de se compreender que, ao se escrever história escreve-se também uma narrativa ficcional e imaginária.

A dimensão fictícia e imaginária de todos os relatos de acontecimentos não significa que eles não tenham realmente acontecidos, mas, sim, que qualquer tentativa de *descrever* os acontecimentos (mesmo enquanto estão ocorrendo) deve levar em conta diferentes formas de imaginação. Além do mais, todos os relatos de realidades históricas devem, inevitavelmente, levar em conta uma filosofia da história. Em outras palavras, ao se escrever história é impossível prescindir de uma narrativa ficcional e filosófica [...] ¹⁴

É nesse sentido, de criação de uma versão sobre os acontecimentos, partindo desse alargamento das fronteiras, histórica e literária, proposto por White, e de um diálogo entre essas duas áreas de conhecimento, que acredito ser possível a construção de vários pontos de vista e versões sobre os fatos. Tal abertura gera uma maior riqueza nos estudos acerca das ações humanas e da vida do homem em sociedade através dos tempos.

Essa consideração de Kramer a respeito do trabalho de White aponta neste o caráter fictício da construção narrativa, gera uma quebra da dicotomia fato e filosofia, fato e ficção, em outras palavras, há uma quebra de um tabu na historiografia. White destaca, ainda, que os historiadores, ao aceitarem essa quebra na distinção entre fato e ficção, poderão alcançar uma ampliação no seu campo de pesquisa, o que tornará o trabalho histórico mais criativo.

Já o projeto de LaCapra, segundo Kramer, separa a história de outras formas de conhecimento, mas ressalta que a mesma se utiliza de estruturas narrativas para expor o conhecimento histórico, e aponta a importância de uma discussão em torno das semelhanças e diferenças no uso da linguagem pelas disciplinas. Sugere uma ampliação nas fronteiras da linguagem e, conseqüentemente, um repensar das fronteiras da disciplina história. Como foi apresentado, o trabalho dos dois historiadores destacados caminha para as disciplinas nas quais a linguagem é bastante explorada, a crítica literária e as grandes obras da tradição literária.

Lloyd S. Kramer (2006) aponta que White e LaCapra divergem no repensar as fronteiras historiográficas no que se refere às formas contemporâneas de compreensão histórica. White mostra que os historiadores modernos utilizam o tropo literário da ironia, elemento que possibilita ao fazer historiográfico uma visão mais realista sobre o que se discute, além de possibilitar uma análise acerca do

¹⁴ KRAMER, 2006, p.136-137.

vazio e um questionamento do que foi registrado como acontecimento e do que aconteceu realmente. LaCapra aponta a história social como método para compreensão do passado, mas faz algumas ressalvas, e afirma ser necessário não ignorar as outras formas de abordagem do passado.

Torna-se necessário, também, destacar que esse movimento de renovação metodológica recebeu muitas críticas dos historiadores mais conservadores e tradicionais, dentre elas destacam-se: a regressão ao conto em história; o esmigalhamento e desagregamento do tempo na história; e os padrões para se aceitar algo como documento na construção e estruturação da realidade.

Cabe agora discutir como a literatura tem se portado com relação à história e, sobretudo, no que se refere à documentação.

1. 3 - Literatura: o que dizem os críticos literários.

Segundo Luiz Costa Lima, em *Sociedade e Discurso ficcional* (1986), a literatura produzida na América Latina se desenvolve sobre o veto ao ficcional, privilegiando muito mais o documental. As perguntas que surgem após essa afirmação são: “A literatura ao ser documental deixa de ser ficcional?” e “A literatura produzida na América Latina é documental, um documento?”. Para encontrar resposta para tais perguntas é necessária uma reflexão sobre o conceito de literatura, de documento e de ficção.

Em *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários* (2003), René Wellek e Austin Warren tentam responder de forma pontual, no capítulo “A natureza da literatura”, à pergunta “O que é literatura?”. Na busca por compreender e dizer o que é literatura os autores apontam várias possíveis definições ou explicações. A primeira é defini-la como tudo o que foi impresso, no entanto, tal conceituação é problemática pelo fato de abarcar todo e qualquer texto escrito (textos históricos, textos científicos e outros), além de excluir os textos orais e a literatura oral. A segunda forma de definir literatura é limitá-la aos “grandes livros”, ou seja, uma obra é reconhecida como literatura quando possui primeiramente o reconhecimento da crítica, que a rotula como notável tanto pela forma quanto pela expressão literária. Essa conceituação também é falha porque está ligada a um

juízo, e o critério é o valor estético, que pode ou não estar ligado à distinção intelectual. A terceira definição parte da diferenciação no uso particular dado à língua, destacando que a língua é a matéria-prima da literatura. Essa afirmação também gera uma tensão tendo em vista que a língua não é um veículo exclusivo da literatura, o que se tem então é: o texto literário possui uma linguagem específica que o diferencia de outros textos e outras linguagens, como por exemplo, a linguagem empregada em textos científicos?

Wellek e Warren (2003) destacam que essas duas linguagens são de simples diferenciação, porém o mesmo não ocorre na diferenciação entre linguagem cotidiana e linguagem literária, já que a primeira não possui um conceito uniforme e inclui uma ampla variação, como a linguagem coloquial, a linguagem do comércio, a linguagem da religião, o jargão dos estudantes, além de ser condicionada ao momento histórico no qual ela está inserida; tal separação é necessária para se apontar as diferenças entre essas duas linguagens.

Para se chegar à última tentativa de resposta à pergunta “O que é literatura?”, Wellek e Warren (2003) apontam um aspecto que parte da diferenciação do texto literário de outros textos ditos não literários, que é a ficcionalidade, a imaginação e a criação. Destacam também que os enunciados em um romance, poema ou peça não são literalmente verdadeiros, não no sentido de serem mentirosos, mas de serem criados, inventados, ou seja, mesmo que o texto literário dialogue com fatos do mundo real, com uma determinada sociedade, um momento histórico, ele, o texto, não deixa de ser uma outra versão sobre uma sociedade.

Como é possível constatar, nenhuma dessas definições, ou mesmo tentativas de definições, conseguem responder satisfatoriamente à pergunta. Contudo, são apontadas características que marcam uma obra literária, que segundo Wellek e Warren (2003) apontam para um resultado: “[...] uma obra de arte literária não é um objeto simples, mas, antes, uma organização altamente complexa, de caráter estratificado, com múltiplos significados e relações”¹⁵. É necessário também destacar que, todas essas tentativas de conceituar e definir literatura são relevantes, mas estão voltadas mais para o aspecto estético do texto literário, que insere a literatura em um sistema fechado de valoração, do que para a abertura de um espaço de observação do texto literário como um documento capaz de

¹⁵ WELLEK e WARREN, 2003, p.22.

manifestar a cultura e a história de um povo. Esse segundo viés de abordagem da literatura é o que mais interessa ao trabalho em questão, tendo em vista que o objetivo é a observação do texto literário como manifestação da história e da cultura de uma sociedade em um dado período de tempo.

Para responder à pergunta “A literatura ao ser documental deixa de ser ficcional?” levo em consideração a idéia que, nem uma obra literária, um romance, um conto ou qualquer outro gênero textual parte de lugar nenhum, pelo contrário, toda narrativa se apóia no mundo real, e se utiliza da experiência do homem com o mundo para descrever espaços, sensações e sentimentos; mesmo a literatura fantástica ou maravilhosa, que possui fantasmas, seres mágicos, enfim, mesmo essa literatura possui uma relação com o mundo concreto, tornando possível a leitura e compreensão do texto por parte de quem o ler. Vale a pena apontar que a literatura fantástica e a literatura maravilhosa aparecem com um papel importante, como um espaço de conflito, um espaço de discussão de temas censurados, como o incesto, a necrofilia, a sexualidade excessiva, é o que ressalta Todorov, em *Introdução à literatura fantástica* (2003):

A condenação de certos atos pela sociedade provoca uma condenação que se exerce dentro do próprio indivíduo, constituindo-se para ele em proibição de abordar certos tabus. Mais do que um simples pretexto, o fantástico é um meio de combate contra uma e outra censura [...]¹⁶

A literatura fantástica mostra-se como um espaço possível para se abordar temas proibidos, considerados tabus pela sociedade. Mostra-se como espaço de ruptura de limites, de dizer o que nunca foi dito, rompendo com os padrões sociais sem se questionar se o que aconteceu na narrativa é verdade ou mentira, pois o que ocorre no enredo é possível de acontecer no espaço de ação do sobrenatural, “[...] a função do sobrenatural é subtrair o texto à ação da lei e com isto mesmo transgredi-la.”¹⁷

Nesse sentido, tanto a literatura fantástica quanto a literatura dita documental fazem uma junção dos dois lados, da realidade com a ficção, gerando uma nova visão acerca de um fato. Vale lembrar que esses textos, criados a partir

¹⁶ TODOROV, 2003, p. 167.

¹⁷ *Ibidem*, p. 168.

da mescla de realidade e ficção, também são documentos no sentido de revelar o que era tabu em uma dada comunidade, o que pensa ou pensava uma sociedade, um escritor sobre um fato em uma dada época.

Essa observação nos aponta mais uma questão, o que pode ser considerado um documento. Segundo Le Goff (1996), para a historiografia, o termo documento é amplamente usado no século XVII, com um sentido moderno de testemunho histórico, de prova usada no vocabulário jurídico. Com o Positivismo, o documento ganha destaque como texto escrito, tornando-se um recurso indispensável para alguns historiadores. Mas é importante expor a afirmação de Le Goff acerca da pureza e objetividade do documento: “[...] todo documento é um monumento ou um texto, e nunca é ‘puro’, isto é, puramente objetivo.”¹⁸ Cada documento, ao ser construído, reflete o ponto de vista, a posição política e social de quem o criou.

No entanto, durante muito tempo o documento foi visto como prova ou testemunho de um fato, de um acontecimento, desempenhando a função de instrumento capaz de contar a verdade acerca de um fato. Por esse motivo, o texto literário não foi considerado por muitos historiadores como um documento. A literatura não é um documento no sentido de comprovar, de dar *status* de verdade àquilo que expõe, mas ela documenta uma pluralidade de gestos, de coisas e significados e possui um discurso que mescla a realidade com a ficção.

[...] o discurso literário não se apresenta como prova, documento, testemunho do que houve, portanto o que nele está se mescla com o que poderia ter havido; o que nele há se combina com o desejo do que estivesse; e que por isso passa a haver e estar.¹⁹

Esse trabalho de combinar a realidade à ficção, de criação de uma versão, assemelha-se ao trabalho do antropólogo ao produzir textos etnográficos a partir de estudos sobre determinada sociedade. Tais textos são, segundo Clifford Geertz, em *A Interpretação das culturas* (1989), interpretações de segunda e terceira mão, competindo somente a quem faz parte da realidade contada realizar a interpretação de primeira mão. Dessa forma, todas as interpretações produzidas de

¹⁸ LE GOFF, 1996, p.30.

¹⁹ LIMA, 1986, p.195.

segunda e terceira mão são ficções “[...] no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” – o sentido original de fictio – não que sejam falsas, não factuais ou apenas experimentos de pensamento”.²⁰

O ponto discutido acima toca em um aspecto intrínseco à literatura, e nos remete ao questionamento feito por Ricoeur, na obra *História y narrativa* (1999), o qual destaquei no início deste capítulo, acerca da pretensão de ficção da literatura. Gabriele Schuab, em *Teoria da Ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser* (1999), no capítulo *Debate*, corrobora, de certa forma, com o que destacou Ricoeur, pois nos fala que, “[...] a ficção transgride o mundo real e suas fronteiras, sempre envolvendo dois mundos – o real e o ficcional”²¹, e acrescenta que a fronteira entre ficção e realidade não está claramente definida, tendo em vista que o conceito de ficção participa na constituição do conceito do real e vice-versa. Compartilho da idéia de que o que ocorre é uma constituição mútua e não a exclusão de um conceito diante do outro. É o que Umberto Eco, em *Seis passeios pelos bosques da ficção* (2004), diz: “os mundos ficcionais são parasitas do mundo real”²², no sentido de que para se construir e compreender o mundo ficcional partimos de elementos da nossa realidade, fazendo com que os conceitos estejam ligados.

Segundo Eco (2004), é necessário que o leitor aceite o acordo ficcional para lidar com um texto de ficção. O leitor precisa compreender que a história contada é imaginária e que o acordo ficcional é um pacto proposto pelo próprio texto ao leitor. Esse pacto pode ser quebrado de duas formas: a) se o leitor confundir o autor com o narrador, e também se buscar no texto dados que, de alguma forma, existiram na vida do escritor; b) se o leitor tentar comprovar os fatos narrados no texto ficcional através da comparação com fatos ocorridos no mundo real. Mas para que tal equívoco não aconteça é necessário admitir que o mundo ficcional tem o mundo real como pano de fundo, e que ao ler o texto literário estamos diante de uma representação da realidade.

²⁰ GEERTZ, 1989, p. 25-26

²¹ O livro *Teoria da Ficção: Indagações à obra de Wolfgang Iser*, organizado por João Cezar de Castro Rocha, é resultado do VII colóquio dedicado à discussão da obra de Iser, realizado na UERJ. Esta obra apresenta quatro conferências de Iser, os debates realizados pelos pesquisadores e as respostas do conferencista. O trecho destacado encontra-se no texto, *Debate*, na página 92, posterior ao texto *O Fictício e o Imaginário*, de Wolfgang Iser no qual Gabriele Schuab faz algumas observações acerca das fronteiras entre real e ficcional.

²² ECO, 2004, p.84.

[...] temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com o nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo.²³

O texto de Eco, “Bosques Possíveis”, ao dissertar sobre o pacto ficcional, reitera a idéia desenvolvida por Wolfgang Iser, no texto “O Jogo” (1999), no qual Iser apresenta uma discussão sobre o espaço do jogo - a literatura - destacando que os participantes, autores e leitores, conhecem o contrato e aceitam as regras para participarem do jogo. Em outras palavras, o leitor ao entrar no universo do texto literário já conhece o espaço e aceita as possibilidades de construção do mundo ficcional sem duvidar da verdade proposta pelo texto.

Iser, ao falar sobre a ficcionalização e a relação possível de transgressão, compara a ficcionalização a um jogo livre capaz de ultrapassar o que é e chegar ao que não é. Mas o que seria esse jogo livre? O texto “O Jogo”, de Iser, mostra o jogo livre como um jogo capaz de levar os atos de fingir a movimentos que transcendam ao que já existe, ou seja, o texto propõe a construção de um mundo novo, o ficcional, a partir de algo já conhecido do leitor, tendo como resultado algo diferente.

Na dinâmica do jogo, e do próprio ato de fingir, entra em cena o que se transgride, o que foi gerado com a transgressão e o motivo para a transgressão, sendo que isso só é possível quando há uma fusão entre o fictício e o imaginário²⁴, e ambos funcionam como instrumento para a realização do jogo e, conseqüentemente, para a produção literária.

O ato de fingir dividi-se em três: o ato de seleção, o ato de combinação e o ato de auto-evidenciação ou autodesnudamento. No ato de seleção cria-se o espaço para o jogo no texto. Ocorre uma revisão nas referências extratextuais, uma transgressão de elementos textuais, além da desordem, pois esses elementos são reorganizados no texto e acontece, então, uma intertextualidade, aumentando a

²³ *Ibidem*, p.89.

²⁴ Sobre o fictício e o imaginário, Iser expõe que há uma dificuldade em defini-los, já que nenhum dos dois tem seus fundamentos esclarecidos e que ambos servem de contextos um ao outro, além de gerarem diferentes manifestações; mas acrescenta que é possível compreendê-los e percebê-los quando detectamos uma descrição operacional de suas manifestações, sendo o fictício, intencional, por ser dirigido a alguma coisa, e o imaginário, espontâneo.

dimensão do espaço do jogo, e, conseqüentemente, um diálogo entre vários textos capazes de gerar novos significados. O ato de combinação está de certa forma presente na estrutura do ato de seleção, pois é por meio da combinação e da quebra das fronteiras entre os textos que o mesmo se desenvolve. A combinação se manifesta no atravessar das fronteiras intratextuais de significados lexicais, por meio de léxicos agrupados, de sentidos excedidos ou de léxicos criados e de fronteiras transgredidas por personagens. O último ato, o desnudamento, mostra que “[...] o mundo representado no texto deve ser visto apenas como se fosse um mundo, embora não o seja.”²⁵. O mundo representado no texto não é o mundo tal qual existe, ele é uma representação do que descreve.

Os atos apresentados – seleção, combinação e desnudamento – como foi dito anteriormente, servem de instrumentos na realização do jogo, que se desenrola no espaço do texto capaz de transformar um mundo e o transportar para o universo do discurso textual, o espaço de recriar o mundo.

O espaço de recriar o mundo é o espaço da literatura, que traz à cena as muitas versões sobre um momento histórico, sobre certa população ou sobre uma sociedade. O texto literário dá a oportunidade para quem foi calado expor a sua voz, e constrói uma versão sobre um fato. Na versão do texto ficcional há, por assim dizer, uma maior flexibilidade na discussão de um fato, tendo em vista que o leitor, ao aceitar o pacto ficcional, não se questiona se o que está posto no texto é a representação da verdade tão buscada pelo texto histórico, por exemplo. Neste trabalho parto da idéia de que a verdade em uma narrativa é a verdade do próprio texto, da coerência interna da narrativa, a verdade que o texto se propôs relatar. Nesse sentido, destaco as observações de Umberto Eco (2004), que afirma que as asserções ficcionais são verdades dentro da estrutura do mundo ficcional da narrativa. Assim, se em “O Rebelde”, de Inglês de Sousa, os cabanos invadiram Vila Bela e mataram o juiz de paz, temos que aceitar este acontecimento como uma verdade dentro do enredo do conto, e que é uma inverdade no texto, por exemplo, que Paulo da Rocha, ao ver Luís em perigo, entregou o menino aos revoltosos e fugiu para o sítio de Andresa, já que Paulo salvou o menino e o levou para o sítio.

Outro ponto a ser observado nas possíveis formas de contar um fato é que a versão está ligada diretamente a quem conta. Quem narra, quem se

²⁵ ROCHA, 1999, p.64

apresenta como enunciador do discurso, se projeta na narrativa, ou seja, quem narra, narra a partir de seu ponto de vista, elege a vítima, o vilão e o herói. A narrativa, a versão contada, está sujeita ao narrador e aos objetivos, conceitos, pré-conceitos, posicionamentos políticos e sociais de quem descreve os fatos. A versão é construída por um narrador que traz, de certa forma, para o texto toda a sua história de vida e sua visão de mundo. Tal afirmativa põe em xeque a idéia de imparcialidade do narrador diante de um fato. Essa idéia de imparcialidade pressupõe um discurso neutro, sem emissões de juízo de valor, sem projeções de concepções políticas, sociais e culturais por parte de quem narra a vida do outro.

Em “O Rebelde”, o narrador é Luís, personagem filho do juiz de paz, pertencente a uma classe com alto poder aquisitivo, que volta a experiência vivida em sua infância para contar a ação dos revoltosos durante a Cabanagem, dando destaque à invasão de Vila Bela, à destruição de sua casa e ao assassinato de seu pai, Guilherme da Silveira, pelos cabanos. Esse personagem tem sua vida diretamente afetada pela revolta, e, em certos momentos da narrativa, ele, que é também o narrador, descreve os cabanos como homens cruéis, vilões; o mesmo possivelmente não aconteceria se, por exemplo, o narrador da história fosse um cabano que teve o pai assassinado pelos guardas do governo.

Diante das versões ocorre uma dúvida: qual seria a versão? a versão que pode dar conta de um acontecimento como um todo? De um lado, tem-se a narrativa histórica, desenvolvida pelos pesquisadores da historiografia, e de outro a narrativa literária, produzida por meio do discurso ficcional; ambas não se anulam, elas apenas existem e enriquecem os caminhos para se conhecer uma determinada história. Em alguns casos, as várias versões se complementam e uma não exclui a outra. O grande problema é que, muitas vezes, o discurso oficial tenta encontrar e eleger uma versão legítima, a que conta o fato tal como aconteceu.

AS VERSÕES DA CABANAGEM

Além de toda decisão pública ou privada, além da justiça e da responsabilidade, há algo inabordável no passado. Só a patologia psicológica, intelectual ou moral é capaz de reprimi-lo; mas ele continua ali, longe ou perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou como a nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar. Não se prescinde do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência; tampouco ele é convocado por um simples ato da vontade. O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente. (Beatriz Sarlo, 2007, p.9)

A narração de um acontecimento nunca será completa, cada tentativa de contar um fato será sempre a expressão de um ponto de vista, ou da experiência do narrador com o fato narrado. Para Ligia Chiappini Moraes Leite, em *O Foco narrativo* (1991), “quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou”.²⁶ Por esse motivo, contar um fato nunca é uma tarefa fácil, pois o homem não consegue narrar o fato da forma como ele realmente aconteceu, em sua totalidade.

O interesse em contar o passado é uma tentativa de contar a nossa própria história e de entendermos o nosso próprio presente. Em alguns casos, narra-se o passado, como destaca Beatriz Sarlo, em *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), com o objetivo de “conservar uma memória ou reparar uma identidade machucada”²⁷. Para se reconstruir o passado, em alguns casos, o que se tem são apenas os testemunhos de quem participou, presenciou, viveu a situação. E esses testemunhos se configuram como única fonte de registro. Sarlo (2007) apresenta em seu estudo casos de testemunhos de quem participou de situações de extermínios de homens e mulheres no campo de concentração, e mostra que os únicos relatos existentes são os das pessoas que conseguiram se

²⁶ LEITE, 1991, p.6.

²⁷ SARLO, 2007, p.19.

salvar, que são testemunhos limitados, tendo em vista que os testemunhos completos só poderiam expor aqueles que viveram a experiência até a morte. Partilho da idéia defendida por Sarlo, que os testemunhos são limitados e, de certa forma, incompletos por estarem ligados a um indivíduo que presenciou uma dada situação, e que por este motivo os relatos são narrados a partir da experiência, que pode ser positiva ou negativa, do indivíduo com o fato. No entanto, é importante frisar que esses relatos individuais ou coletivos são documentos, que, apesar de suas limitações, servem como instrumentos de compreensão e investigação do passado.

Décio Freitas, no início de seu livro *A Miserável Revolução das Classes Infames* (2005), ressalta que o objetivo do historiador de reconstruir o passado é uma tarefa inatingível, pois durante as pesquisas os historiadores descobrem apenas vestígios do passado, e esse passado está sujeito às versões construídas pelos indivíduos que produziram os vestígios e, conseqüentemente, os documentos.

[...] A ambição dos historiadores de reconstruir o passado é, a bem dizer, inatingível. As pesquisas não conseguem descobrir mais do que vagos vestígios do passado, os celebrados *documentos*, cuja objetividade deve sempre ser encarada com reservas. A versão dos fatos dada pelos indivíduos que os redigiram refletia seus interesses filosóficos, sociais, políticos e pessoais, o que é dizer que todo documento deve ser visto como construção ideológica. Depois, o historiador, ao selecionar e interpretar os documentos, opera uma segunda construção ideológica. O passado é produto do presente, e não o contrário, como se alega. Não por acaso, cada nova geração de historiadores reescreve a História, segundo a ideologia de seu tempo. Os homens constroem o passado de que necessitam e que lhes convém, o que torna bastante tênue a divisória entre historiografia e ficção; são províncias limítrofes. E toda a história é, em derradeira análise, história do presente.²⁸

Neste sentido, um fato ocorrido no Pará no período de 1821 a 1839 - a Cabanagem - foi contado de várias formas por vários literatos e historiadores. Muitos desses historiadores, ao contarem a revolta, trazem para seus relatos detalhes sobre a vida de pessoas envolvidas no confronto, como governadores que chegaram ao poder da província através da luta dos cabanos, de padres, de tapuios, de escravos, de estrangeiros e outros envolvidos. Usam documentos que circulavam na época da revolta, como notas oficiais assinadas pelos governantes, jornais e relatos

²⁸ FREITAS, 2005, p.12.

de pessoas que estiveram no local do combate. No entanto, como já foi dito acima, nenhum trabalho é completo, mas contribui e participa na construção do sentido do movimento denominado Cabanagem.

Ao longo dos anos, historiadores e literatos narraram os acontecimentos da Cabanagem. Os historiadores, ao narrarem, levantaram a bandeira da imparcialidade e objetividade, e tentaram contar o fato de forma “fiel”, mesmo que não seja uma tarefa fácil ou possível, como já foi destacado, pois quem narra, narra a partir de um ponto de vista, leva em consideração crenças e posicionamentos políticos. Desta forma, muitos historiadores descreveram a Cabanagem e a adjetivaram de várias maneiras conforme suas ideologias e envolvimento com o fato. Domingos Antônio Raiol, em sua obra *Motins Políticos (1865-1890)*, a denominou “motim”, descreveu a ação dos revoltosos como um movimento de turbas agitadas, como ações desprovidas de um projeto político, e atribuiu a revolta à fragilidade do governo provincial. Para Raiol o povo era incapaz de iniciar e construir uma revolta, com outras palavras, o povo não tinha a capacidade de enxergar a sua própria condição social. Nesse sentido, Magda Ricci ressalta, em seu artigo *História amotinada: memórias da Cabanagem (1993)*, que para Raiol o povo só se rebelou porque o governo mostrou falta de controle sobre a elite. Vejamos a afirmativa de Ricci:

[...] o movimento foi denominado por Raiol de “Motins Políticos” já que sua razão primeira foi ocasionada pelos desmandos entre a elite local paraense. A Cabanagem não seria um movimento “popular”, mas um motim dos políticos que anarquicamente chamaram a participação das insufladas massas.²⁹

Outros historiadores a chamaram revolução, como é o caso de Julio José Chiavenato, em *Cabanagem: o povo no poder (1984)*, que classifica a Cabanagem como uma “guerra revolucionária” em que o povo toma o controle da província. Vejamos como Chiavenato observa esse movimento:

²⁹ RICCI, 1993, p.18.

[...] A Cabanagem no Pará é o único movimento político do Brasil em que os pobres tomam o poder, de fato. É o único e isolado episódio de extrema violência social, quando os oprimidos – a ralé mais baixa, negros, tapuios, mulatos e cafuzos, além de brancos tão rebaixados que parecem não ter direito à *branquitude*, quase um exponencial de classe –, assumem o poder e reinam absolutos, eliminando quase todas as formas de opressão, arrebatando com a hierarquia social, destruindo as forças militares e substituindo-as por algo que faz tremer os poderosos: o povo em armas.³⁰

A mesma idéia de revolução encontramos em Pasquale Di Paolo, na sua obra *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia* (1985), que destaca a Cabanagem como a única manifestação em que a população mais pobre chegou ao poder político, promovendo mudanças na estrutura social e política da região: “A Cabanagem é revolução por ter sido um movimento histórico de conquista do poder pela base e pelo vértice-não-dominante, caracterizado pela ruptura com os padrões vigentes e pela abertura para novos horizontes políticos e sociais”³¹. Para esse pesquisador, o movimento paraense não foi uma simples falta de controle do governo, pelo contrário, para ele a Cabanagem foi um movimento importante e único na história brasileira, que se configurou como uma revolução. “O movimento mais alto da luta pela igualdade e pela liberdade na Amazônia é, sem dúvida alguma, o movimento cabano: de fato, a Cabanagem constituiu o movimento revolucionário-popular mais autêntico e significativo de toda a história do Brasil.”³²

A partir da observação da nomeação do movimento cabano como “motim”, “revolta” ou “revolução” é possível identificar a maneira como cada historiador enxergou a Cabanagem. Em outras palavras, é possível verificar qual a perspectiva adotada pelo historiador ao narrar o fato, tendo em vista que o escritor, ao usar determinada palavra para classificar o movimento, faz escolhas no léxico da língua de acordo com o que deseja descrever. Vale ressaltar que, apesar dessas expressões estarem no mesmo campo semântico, elas soam com pequenas diferenças ao serem utilizadas em cada contexto, e ocorre, se compararmos as três palavras “motim”, “revolta” e “revolução”, uma espécie de gradação.

No caso da expressão “motim”, sinônimo de revolta e sublevação, ao ser usada na obra de Raiol apresenta, por assim dizer, um segundo sentido, o de minimização do movimento cabano, que caracteriza a ação dos revoltosos como

³⁰ CHIAVENATO, 1984, p.12.

³¹ DI PAOLO, 1985, p.367.

³² *Ibidem*, p.17.

desorganizada e desprovida de um projeto político de reorganização da sociedade. Já no caso da expressão “revolta”, que significa uma manifestação armada ou não contra uma autoridade estabelecida, ao ser usada gera uma ampliação na dimensão do ato de indignar-se ou revoltar-se, parece-nos que essa expressão traz a idéia da ocorrência de um movimento mais organizado e expressivo que o movimento denominado motim, por exemplo. A última expressão “revolução” aciona o sentido da ação de revoltar-se de forma organizada, pautada em objetivos e metas a serem alcançadas, com a presença de um projeto político previamente elaborado. Também nos leva a pensar no sentido de uma ação que resulta numa transformação mais radical da estrutura política, econômica e social de uma região.

Como podemos perceber, cada historiador, à sua maneira e de acordo com a sua época, narrou a Cabanagem. Alguns condenaram os cabanos e os classificaram como “ferozes”, “desordeiros” e “cruéis”; outros se propunham a narrar apenas “os feitos dos grandes homens”; outros se lançaram com uma proposta de rever a história e os papéis desempenhados pelos envolvidos na revolta, com o objetivo de construir uma imagem social positiva do cabano. O mesmo ocorreu com os escritores literários que recriaram a Cabanagem em suas narrativas, como por exemplo, Francisco Gomes de Amorim [1824-1891], Inglês de Sousa [1853-1918], José Veríssimo [1857-1916], Marques de Carvalho [1866- 1910].

Em algumas narrativas ficcionais tem-se uma visão maniqueísta sobre a revolta, o cabano é adjetivado como “o selvagem”, “o destruidor”, “o assassino”; e o branco aparece como “o civilizado”, “o homem honesto”, e a Cabanagem é descrita como um movimento de barbárie. Nesse viés narrativo, os únicos personagens que ganham voz são os brancos, os portugueses, os proprietários de terras, ou seja, os personagens que sustentam a mesma visão do governo da época; e a Cabanagem é descrita como uma revolta sem objetivos definidos pelo povo. Em algumas narrativas, como “O Rebelde”, temos a visão dos dois lados da revolta, dos legais e dos rebeldes; os personagens de ambos os lados ganham voz e o cabano defende suas causas e os motivos que o levou à luta armada, demonstrando, através do discurso dos personagens, que a revolta não é fruto de um ódio racial, índio *versus* negro *versus* branco *versus* mestiço, mas que o motivo passa por uma questão social, ou melhor, de marginalização social.

Como já foi destacado, existem várias visões e versões sobre a Cabanagem e todas nos levam a conhecer um pouco dessa história de lutas na

Amazônia durante o período de 1821 a 1839. As versões dos séculos XIX e XX nos proporcionam um olhar sobre como as narrativas, ficcionais e históricas, elaboravam o imaginário do “motim”, da “revolta” ou “revolução” da Cabanagem. É importante dizer que não pretendo julgar qual versão é melhor, mais correta ou mais próxima da realidade. Pelo contrário, acredito que todas essas narrativas contribuíram, a seu modo, para verificarmos os diversos grupos sociais envolvidos no fato, suas ideologias e discursos, além de conhecermos a luta travada por esses grupos pela hegemonia.

Neste capítulo, observarei as versões da Cabanagem na obra de Domingos Antônio Raiol, do século XIX, e as versões nas obras de Pasquale Di Paolo e Julio José Chiavenato, ambos do século XX, destacando o que foi a Cabanagem para cada época e como essa revolta foi reescrita ao longo dos tempos nas obras desses historiadores.

2.1 - Os historiadores e as versões da Cabanagem.

Antes de falarmos propriamente da obra *Motins Políticos*, é relevante apresentar o autor e o contexto em que o mesmo realizou esse trabalho. Primeiramente, Domingos Antônio Raiol fez parte da elite econômica, política, social e intelectual do século XIX; foi sócio e fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; foi presidente de algumas províncias do Império e recebeu o título de Barão do Guajará; além de ter sofrido diretamente com as ações dos cabanos, o seu pai foi morto pelos revoltosos em 1835. Em segundo lugar, Raiol escreveu a história dos “principais” acontecimentos políticos da província do Grão-Pará de 1821 a 1835, com o objetivo de preservar a memória desses acontecimentos para que eles não fossem esquecidos com o passar dos anos. Dessa forma, o trabalho de Raiol foi uma luta contra o tempo, como aponta Magda Ricci (1993):

O tempo era o inimigo de Raiol. Um inimigo muito especial; à medida em que simultaneamente apagava reconstruía memórias. Assim, era preciso domá-lo a fim de levar às gerações vindouras algo além e até mesmo contrário à ação da memória solta e perigosa criada pelos desvios

temporais. Neste sentido, era necessário metrificar o tempo da Cabanagem, datá-lo, humanizá-lo através da eleição dos heróis, em uma palavra: historicizá-lo.³³

Raiol, em seus três volumes de narrativa, elegeu heróis e vilões dos motins e contou somente a história dos “principais” acontecimentos políticos da província da Pará, dos fatos que foram considerados, por ele e pela sociedade a qual pertenceu mais relevantes, importantes, deixando de lado outros acontecimentos considerados não tão importantes. Vejamos o que diz Raiol no prefácio do primeiro volume de *Motins Políticos*:

Começamos a dar publicidade à narração dos principais acontecimentos políticos da província do Pará. Dividimo-la em três partes. A primeira compreende os sucessos ocorridos desde a convocação das côrtes (*sic*) gerais em Portugal até a proclamação da independência do Brasil. A segunda compreende os sucessos ocorridos desta época em diante até a abdicação de D. Pedro I. A terceira, enfim, compreende os sucessos que tiveram lugar desde a revolução de 7 de abril até os lutosos dias de 1835.³⁴

No fragmento destacado acima, Raiol divide os principais acontecimentos da província em três partes e classifica os dias do ano de 1835 como lutosos. Diante dessa afirmação nos perguntamos para quem esses dias são lutosos. A resposta que temos imediatamente é que os dias são lutosos para aqueles que tiveram parentes e amigos mortos durante o confronto cabano, logo, esses dias são lutosos para o próprio escritor dos motins, já que ele teve o próprio pai, Pedro Antônio Raiol, assassinado durante a ação cabana em 1835.

Pedro Antônio Raiol, desventurado pai de quem escreve estas páginas repassadas de dor, foi também uma das vítimas imoladas nesse dia à sanha dos assassinos. Como vereador que era da câmara municipal achava-se no Trem, reunido aos demais agentes da autoridade pública em defesa do regimen (*sic*) legal, e lá foi transpassado por uma bala que lhe deu morte instantânea.³⁵

³³ RICCI, 1993, p.15.

³⁴ RAIOL, 1970, v.1, p. 7.

³⁵ *Ibidem*, v.2, p.756.

Raiol também buscou em sua história vencer os cabanos, dando-lhes o papel de vilões, e classificou o movimento como uma manifestação de desordem e barbárie. Sua tentativa era vencer os cabanos no campo da historiografia, como observou Ricci: “[...] O tempo da tradição precisava ser vencido e os cabanos derrotados em 1836 precisavam ser postos à lona pela história.”³⁶

A primeira pergunta que surge após a afirmativa feita por Ricci é: como Raiol inicia sua tentativa de vencer os cabanos? A primeira resposta está na classificação do movimento, pois Raiol não considerou a Cabanagem uma revolução, como mais tarde, em 1984, Julio José Chiavenato a considerou. Ele a classifica como um motim que se originou na desorganização e falta de controle do poder, por parte das elites políticas paraenses, que deram “um mau exemplo” às massas. Dessa forma, o Barão do Guajará expõe que a luta no Pará teve início no meio das elites do governo e não no meio da população.

Os agentes da autoridade insuflando as paixões populares conseguem, é certo, apoio das massas e triunfam; porém cavam ao mesmo tempo o abismo que mais tarde tem de devorá-los: vítimas dos seus próprios erros, de ordinário são imolados aos furores da anarquia a que eles (*sic*) mesmos deram causa.³⁷

A segunda forma de derrotar os cabanos, adotada por Raiol, foi descrever os cabanos como vilões. Essa visão permaneceu viva durante muitos anos, foi difundida pelas escolas, por muitos escritores, enfim, foi legitimada pelos meios de comunicação, cristalizando a imagem dos cabanos como homens “cruéis”, “rancorosos”, “viciados” e “ferozes”.

Tentar em tais condições chamá-los à ordem, e querer sem meios de repressão submetê-los à ação regular da autoridade, era tarefa inútil, senão impossível, de cumprir. Ufanos de sua fátua influência e poderio, tornaram-se **audazes, intransigentes, assomados e rancorosos**: baldos de educação além disto, **embrutecia-os a ignorância agravada tanto pelo vício da embriaguez que lhes embotava o entendimento, como pelas insinuações de espíritos malignos que lhes açulavam as paixões**. Sòmente (*sic*) isto pode explicar os atos de estolidez e desumanidade que praticaram sem nenhuma justificativa plausível.³⁸
(Grifos meus)

³⁶ RICCI, 1993, p.16.

³⁷ RAIOL, 1970, v.1, p. 346.

³⁸ *Ibidem*, v.3, p.805.

A terceira forma é apontar a Cabanagem como um movimento sem um projeto político, sem um objetivo concreto, como uma ação de “jogar com a sorte” sem medo de perder, já que para Raiol os revoltosos estavam dispostos a tudo: “Os motins eram-lhes jogos de azar, nos quais poderia ser-lhes favoráveis a sorte”³⁹. E para complementar essa visão da ausência de um projeto político e de movimento desordenado, Raiol descreve os líderes cabanos como homens fracos, desprovidos da capacidade de liderança e incapazes de levar o movimento a grandes conquistas. No fragmento abaixo, o narrador de *Motins Políticos* descreve um dos líderes da revolta, Francisco Vinagre, como um homem sem personalidade, sem vontade própria, que se deixa manipular pelo outro.

Francisco Vinagre vivia sob a pressão de seu irmão Antônio, e instigado pelo padre Casimiro Pereira de Sousa, que o dirigia como secretário, não tinha vontade própria e muito menos força (*sic*) para refrear a desordem: temendo ciladas e ressentimentos, deixava-se arrastar por êles (*sic*), e condescendia com os facciosos para não desagradá-los, nem desmerecer-lhes a confiança; não tratava por tal motivo de reprimir seriamente (*sic*) os excessos dos principais anarquistas. Neste régimen (*sic*) arbitrário permaneceram por longos meses, e não houve quem os pudesse contrariar: a não ser o malogrado desembarque de 12 de maio, nenhum outro fato os perturbara no seu viver sôlto (*sic*) e desregrado.⁴⁰

A quarta forma encontrada por Raiol é descrever a ação dos revoltosos como uma manifestação de um povo incivilizado, desordeiro, que trouxe o terror para a sociedade paraense, destruindo casas, saqueando sítios e barcos, matando pessoas inocentes, destruindo famílias inteiras, além de caracterizá-los como “malfeitores”, “escória” e possuidores de um “furor satânico”.

Requinta então a perversão moral. O sentimento sedicioso desperta os maus instintos da plebe, eleva a escória social, assanha os **malfeitores**, produz abomináveis cenas de sangue e aviltamento! **Homens, mulheres, propriedades, lar doméstico, tudo foi sacrificado ao furor satânico dos sicários que infestaram a cidade e repetiram depois nas vilas e povoações as mesmas violências e atrocidades da capital!** Era o triste desenlace do drama começado nos anos anteriores, sob a influência das

³⁹ *Ibidem*, v.3, p.805.

⁴⁰ *Ibidem*, v.3, p.805.

classes superiores a que pertenciam os protagonistas primitivos.⁴¹ (Grifos meus)

Raiol, apesar de voltar-se para essa perspectiva narrativa, em alguns momentos de sua história dos motins da província do Grão-Pará se contradiz no discurso da própria obra, e conta as ações cruéis dos guardas legais que buscavam pacificar a revolta.

Ninguém imagina os martírios de que foram vítimas os infelizes que caíram em poder das chamadas expedições! Falam somente (*sic*) da selvageria dos cabanos, e esquecem a brutalidade dos apregoados legais! Dêstes (*sic*) referem atos cruéis que não depõem menos contra a natureza humana! Os rebeldes, verdadeiros ou supostos, eram procurados por toda (*sic*) a parte e perseguidos como animais ferozes! Metidos em troncos e amarrados, sofriam suplícios bárbaros que muitas vezes lhes ocasionavam a morte!⁴²

Julio José Chiavenato, em sua obra *Cabanagem: o povo no poder* (1984), adotou uma postura diferente da assumida por Antônio Raiol. Chiavenato tem formação acadêmica na área de jornalismo, escreveu livros sobre a dependência da América do Sul com relação ao imperialismo da Inglaterra e dos Estados Unidos, assume em seus trabalhos uma postura irônica com relação à realidade estudada. Posiciona-se contestando a historiografia, que está a serviço dos dominadores, e declara que sua proposta narrativa é uma forma de “oferecer arma aos que hoje ainda lutam contra a opressão”⁴³, assumindo um discurso panfletário. Nessa perspectiva, o pesquisador descreveu a Cabanagem de forma irônica, a começar pelos títulos dos capítulos. Vejamos dois exemplos: “Onde se conta como os dignos filhos da pátria fogem e a história se repete” e “Onde se conta como se preparou a guerra remexendo as bundas e mostrando os pentelhos”. Em algumas passagens a ironia gera um ar cômico na narrativa, como no momento em que é narrada a independência do Brasil, no qual é desmistificada a idéia romântica criada em torno do grito de independência ou morte.

⁴¹ *Ibidem*, v.3, p.804.

⁴² *Ibidem*, v.3, p.999.

⁴³ CHIAVENATO, 1984, p.13.

Como os compêndios escolares (e outros...) ensinam, Pedro I brincava com sua amante Domitila quando foi interrompido por notícias funestas. Montou seu belo cavalo e desceu a serra. A se acreditar no que contam, o seu departamento de relações públicas mandou chamar com urgência o pintor Pedro Américo. Chegando o pintor às margens do Ipiranga, preparou a tela, misturou as tintas e avisou que tudo bem. Então o guapo Pedro I arrumou sua comitiva, puxou a espada e berrou:
— Independência ou morte!⁴⁴

Nessa perspectiva irônica, Chiavenato narra a Cabanagem direcionando o foco da atenção dos “grandes homens” para o povo, a começar pelo próprio título do livro, *Cabanagem: o povo no poder*, com o objetivo de mostrar as ações praticadas pelo povo durante a revolta. Narra as ações que levaram o povo de fato ao poder da província do Grão-Pará, além de destacar que a Cabanagem não foi uma “rebelião de vagabundos”, como classificaram alguns historiadores, mas que ela foi na realidade um movimento único na história brasileira. Nesse sentido, Chiavenato se propõe a contar a história dos cabanos paraenses partindo do ponto de vista dos vencidos, revelando os motivos que levaram a população a começar uma revolução, uma luta armada em que quase 50% da população belenense, entre 1820 e 1839, foi dizimada.⁴⁵

Nessa busca por narrar a Cabanagem a partir da ótica dos vencidos, Chiavenato relata que tal caminho é difícil, tendo em vista que os documentos preservados ao longo dos anos foram construídos pelos vencedores. Vejamos o que diz o escritor:

Por isso, também, é muito difícil escrever a história dos cabanos do Grão-Pará. Porque os vencedores — a repressão foi violenta e total, como se esperava —, nos deixam apenas os “seus” documentos. Tais documentos, relatos de batalhas e descritivos de situações políticas e econômicas, são o ponto de vista das classes dominantes. Restaurar, reconstruir a realidade histórica, partindo do ponto de vista dos vencidos, das suas idéias, dos motivos que dirigiram suas ações, é uma forma de resgate político e trabalho de justiça para enquadrar a luta do povo pela liberdade. De certa forma, esse voltar na História, procurando reproduzir o ambiente e as gentes que fizeram a rebelião, contestando a historiografia a serviço dos dominadores, é oferecer arma aos que hoje ainda lutam contra opressão.⁴⁶

⁴⁴ *Ibidem*, p.18.

⁴⁵ *Ibidem*, p.151.

⁴⁶ *Ibidem*, p.13.

Mediante essa assertiva, percebemos que mais uma vez estamos diante de um questionamento acerca dos documentos utilizados pelos historiadores como instrumentos que auxiliam o processo de restauração e reconstrução do passado. O escritor de *Cabanagem: o povo no poder* põe em xeque a veracidade dos documentos, que revelam exclusivamente a visão das classes dominantes, apontando suas limitações e os motivos das classes dominantes em mantê-los: “riscar o povo da história”⁴⁷.

Outro ponto importante de ser observado nessa postura assumida por Chiavenato é que apesar de seu estudo estar voltado para o ponto de vista do vencido, quem narra os fatos não são os vencidos, mas um pesquisador que se utiliza de um discurso ideológico de esquerda para questionar o discurso da história oficial. Vale lembrar que a construção do relato proposto por Chiavenato só é possível de ser realizada por quem viveu os acontecimentos e foi vencido. Para Sarlo (2007) essa experiência só pode ser exposta em sua totalidade por aquele que viveu os fatos até a morte.

Ao reconstruir a história cabana a partir da perspectiva dos vencidos, Chiavenato observa que a revolução cabana não foi simplesmente uma luta de raças, negros *versus* brancos *versus* índios *versus* mulatos, como os documentos criados pelos vencedores tentaram legitimar, mas uma luta de classes, dos pobres, dos menos favorecidos economicamente contra os donos de terras, de cargos públicos. O movimento cabano aparece nessa versão como uma espécie de resposta dos vencidos aos vencedores pelos muitos anos de marginalização social do povo paraense.

[...] E o argumento mais duro para transformar em bandidos a ralé mestiça que se vingava era justamente este: acusá-los de ralé, de pretos ou índios que, portanto, não poderiam obrar nada de bom porque eram cabanos — tapuios, pretos, mestiços, índios. Daí também a cilada de considerar essa rebelião uma luta racial, porque de um lado estavam os mestiços de todas as cores e nações do Grão-Pará e, de outro, os brancos enobrecidos porque tinham a tradição de trezentos anos de extermínio dos indígenas e de escravidão de negros a purificar-lhes o sangue.⁴⁸

⁴⁷ *Ibidem*, p.13.

⁴⁸ *Ibidem*, p.12.

Chiavenato também destaca que a Cabanagem tem raízes nas lutas pela independência que aconteceram no Pará, com uma forte participação popular, sobretudo de escravos, o que é justificado pela expectativa da libertação do Brasil de Portugal e, conseqüentemente, do possível término da escravidão brasileira. Para o escritor, o povo, de maneira geral, via nessa luta o surgimento de uma nova concepção sócio-econômica, em que o povo excluído dos cargos do governo pudesse chegar ao poder.

Pasquale Di Paolo, na introdução de seu livro *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia* (1985), assim como Chiavenato, aponta a existência de duas perspectivas da historiografia: uma contada pelos vencedores, que se dedica ao culto de personalidades, ignora a história do povo, mas é rica em detalhes e documentos; e a outra contada a partir da visão dos vencidos, esta volta-se para os homens “comuns” e possui raros documentos.

Para se compreender a versão contada por Di Paolo é necessário conhecermos sob qual perspectiva histórica ele narra a Cabanagem. Em primeiro lugar, Di Paolo narra, descreve e interpreta a Cabanagem como um sociólogo, tendo em vista que ele tinha formação nessa área, foi professor de Ciência política na Universidade Federal do Pará. Ele mesmo deixou evidente na introdução de seu trabalho que se posicionaria como um cientista social, objetivando desvendar o que liga cada acontecimento para que se conheça o seu significado profundo, além de adotar duas óticas para a análise histórico-política da sua pesquisa: a ótica da sociologia crítica, “baseada na visão *ex parte populi* (democrática), como uma postura alternativa à visão *ex parte principis* (autocrática)”⁴⁹, e a ótica da sociologia política, “que exige o reconhecimento da autonomia do campo relacional de poder, sem contudo menosprezar a visão da economia política”⁵⁰. Em segundo lugar, ele assume o ponto de vista popular, ou seja, ele realiza sua narração focalizando o que seria a “vitória dos derrotados”. Vejamos sua tese:

Nossa tese é que a Cabanagem é revolução: é a revolução popular mais importante da Amazônia e entre as mais significativas da história do Brasil. Explodiu, depois da declaração de independência, em 7 de janeiro de 1835, pela saturação da paciência cabocla diante da sistemática do

⁴⁹ DI PAOLO, 1985, p. 16.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 16.

governo central em negar aos mais antigos habitantes da região o direito elementar da cidadania.⁵¹

Diante da apresentação da tese de Pasquale Di Paolo, já podemos tirar algumas conclusões acerca do que foi a Cabanagem para esse historiador: a Cabanagem foi uma revolução; a Cabanagem foi um dos mais importantes acontecimentos da história da Amazônia e da história brasileira; a Cabanagem foi uma reação popular contra o sistema de governo da época. Esses três pontos, elencados por Di Paolo assemelham-se muito à proposta de Chiavenato, que também defendeu a idéia de que a Cabanagem foi uma revolução e um dos mais importantes acontecimentos da história brasileira.

Comparando as duas escrituras, de Chiavenato e de Pasquale Di Paolo, verificamos que ambos defendem a idéia de narrar a Cabanagem a partir da ótica dos vencidos. Percebemos também que neste período da historiografia brasileira ocorre, como afirmou Dedival Brandão da Silva (2008), um processo de higienização da figura do cabano: os revoltosos são elevados a condição de heróis, ganham um porquê para sua luta e o movimento é elevado a condição de revolução, há uma nova leitura da Cabanagem. Os pesquisadores passam a buscar personagens que possam representar o povo, personagens que possam simbolizar a força e a capacidade de luta que a população possui ao se unir em torno de um objetivo. Surgem dessa busca os heróis populares capazes de representar toda uma nação. Nesse sentido, os cabanos não são mais apresentados como desordeiros e o movimento cabano não é mais narrado como um mau exemplo que envergonha a história paraense e brasileira; pelo contrário, a Cabanagem é descrita como um movimento de força e resistência da população marginalizada econômica e socialmente, proporcionando orgulho aos paraenses e à nação.

Foi durante esse período de releitura da Cabanagem que o Estado⁵², no governo de Jader Barbalho (1980) pós ditadura militar, incentivou e subsidiou

⁵¹ *Ibidem*, p. 22.

⁵² A respeito do interesse do Estado em pesquisar e homenagear a Cabanagem, Magda Ricci (2006), no artigo *Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840*, apresenta três momentos diferentes na política paraense: no período do Estado Novo o grande financiador de pesquisas, no Instituto Histórico e Geográfico do Pará, sobre o movimento cabano foi o interventor Magalhães Barata, que procurava relacionar a Revolução de 1930 com a Revolução cabana, com o objetivo de legitimar o fim das oligarquias e as vantagens de um governo populista. O segundo governador, eleito após a ditadura militar, que promoveu homenagens ao movimento cabano foi Jader Barbalho, na década de 1980. E o terceiro governo que homenageou a Cabanagem foi o do prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, na década de 1990. As

algumas homenagens ao movimento cabano, como a inauguração no dia 07 de janeiro de 1985 do memorial da Cabanagem, projetado por Oscar Niemeyer, localizado no bairro do Entroncamento, em Belém; e a organização por meio do Conselho Estadual de Cultura do Pará de um concurso de monografias de âmbito nacional, com trabalhos que abordavam a história cabana, objetivando homenagear o sesquicentenário da Cabanagem.⁵³

Para exemplificar a maneira como cada autor descreve a Cabanagem, compararei a narrativa do episódio do brigue Palhaço⁵⁴ nas obras de cada um dos escritores, com o objetivo de verificar como cada um descreve e classifica esse fato.

Na obra de Domingos Raiol, há a presença de aspas antes da narração das ações que se desenrolam dentro do porão do navio, para indicar que essa narrativa não foi produzida pelo autor do livro. Raiol explica que utiliza “pena estranha” para dar à sua narrativa uma maior imparcialidade, e apresenta uma nota de rodapé que esclarece de onde foram tiradas aquelas informações.⁵⁵ Por meio desse recurso narrativo, Raiol tenta dar à sua obra um ar de imparcialidade, para mostrar que o que foi narrado é realmente a representação do que aconteceu.

De propósito não nos servimos da própria pena na descrição dêste (*sic*) lúgubre acontecimento, receosos de não podermos dar as verdadeiras côres (*sic*) a semelhante quadro de horror, ou dar-mo-las mais carregadas do que convinha. Recorremos a pena estranha, sem dúvida menos suspeita que a nossa, descrevendo com mais imparcialidade esta cena bárbara e dolorosa da terra que nos viu nascer.⁵⁶

homenagens consistiram na criação de um bairro com o nome da revolta paraense e a transformação do sambódromo de Belém em Aldeia cabana.

⁵³ O concurso foi composto pela comissão julgadora: os professores Samuel Benchimol, da Fundação Universidade do Amazonas, Mário Barata, da Universidade do Rio de Janeiro, Ruth Burlamaqui de Moraes, da Universidade Federal do Pará, Otávio Mendonça e Clóvis Silva de Moraes Rego, ambos membros do CEC. O trabalho que obteve o primeiro lugar foi *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia* de Pasquale Di Paolo, que recebeu a importância de um milhão de cruzeiros e a publicação da monografia.

⁵⁴ A Tragédia do brigue Palhaço, como ficou conhecido esse episódio da história paraense, aconteceu em outubro de 1823. Consistiu na prisão de 256 pessoas, soldados e cidadãos comuns, no porão do brigue São José Diligente, que depois foi denominado Palhaço. Essa atitude de prender os revoltosos foi uma resposta da Junta provisória, que governava a província neste período, aos movimentos contrários ao governo, mostrando que toda e qualquer idéia de oposição ao poder instituído seria duramente reprimida. O desfecho dessa ação de repressão foi a morte de 255 pessoas no porão do brigue Palhaço.

⁵⁵ A nota de rodapé apresentada na obra *Motins Políticos*, que esclarece a origem das informações elencadas por Raiol acerca do episódio do Brigue Palhaço, é a seguinte: “José Joaquim de Oliveira Machado no seu juízo sobre a Corografia Paraense por Inácio Acioli Cerqueira e Silva e Ensaio Corográfico do Pará por Antônio Ladislau Monteiro Baena, interposto por deliberação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, impresso no Rio de Janeiro no ano de 1843, Tipografia Imperial de F. de P. Brito.” (RAIOL, 1970, v.1, p.51)

⁵⁶ RAIOL, 1970, v.1, p.50.

No livro *Motins Políticos*, os 256 presos são adjetivados como “infelizes”, os guardas como “ferozes”, “bárbaros” e a cena de desespero dos presos, com a falta de água e ar, como “horrorosa”. Nesse sentido, o resultado da ação de John Pascol Greenfell de prender 256 pessoas no porão do brigue Palhaço é classificado por Raiol como um “quadro de horror”⁵⁷. Essa caracterização da tragédia como um quadro é muito significativa, pois quando pensamos no ato de observação de um quadro, lembramos que quando olhamos um quadro nos mantemos como um espectador, alguém que está distante e não se envolve com o que está na tela. É o que Raiol procura fazer ao relatar o episódio do brigue Palhaço. É importante ressaltar que o narrador dos “principais acontecimentos políticos da província do Pará” dedicou apenas duas páginas de seu primeiro volume para contar a ação de repressão do governo ao conter “um motim”, que resultou no assassinato de 255 pessoas, não disponibilizando uma maior atenção a um dos maiores crimes da história paraense e brasileira praticado pelos governantes.

Chiavenato se utiliza da mesma fonte de Raiol, do relato de José Joaquim de Oliveira Machado⁵⁸, para contar o que se passou no porão do brigue Palhaço. No entanto, Chiavenato não pára por aí, na apresentação do relato de Machado, ele critica o documento oficial⁵⁹ que registrou esse episódio, e o classifica como um documento cínico, pelo fato de culpar os presos por suas próprias mortes:

⁵⁷ *Ibidem*, p.51.

⁵⁸ Vejamos alguns fragmentos desse relato: “Ali, em um dos dias de maior calor neste clima, foram lançados no porão ou em um espaço de trinta palmos de comprimento, vinte de largura e doze de alto, fechando-se as escotilhas e deixando-se apenas aberta uma pequena fresta para a entrada de ar. Encerrados ou atochados em tão estreito recinto, êsses (*sic*) infelizes, que pertenciam a diversos partidos e côres (*sic*), que convinha extremar, romperam logo em gritos e lamentos, exasperados pelo calor e falta de ar, que experimentavam; e no meio dessa terrível vozeria, ouviram-se algumas ameaças contra a guarnição de bordo, as quais se deviam considerar como impotentes efeitos da desesperação. [...]”

“A bárbara guarnição do navio, que presenciava tudo isto, e que com um sorriso infernal comprazia-se de ver aquela horrorosa cena de desesperação (*sic*) e furor, dirigiu alguns tiros de fuzil para o porão e derramou dentro uma grande porção de cal, cerrando-se logo a escotilha e ficando o porão hermêticamente (*sic*) fechado, a pretexto de que por êste (*sic*) meio atroz se aplacaria o motim, e os presos ficariam sossegados. Por espaço de duas horas ainda se ouviu um rumor surdo e agonizante, que se foi extinguindo aos poucos, e às três horas de encerramento completo, que foi ao escurecer, reinou no porão o silêncio dos túmulos!”

“Eram sete horas da manhã do dia 22, quando se correu a escotilha do navio em presença do comandante... E o que se viu êle (*sic*)?... Um montão de duzentos e cinquenta e dois corpos, mortos, lívidos, cobertos de sangue, dilacerados, rasgadas as carnes com horrível catadura (*sic*) e sinais de que tinham expirado na mais longa e penosa agonia.” (RAIOL, 1970, p.50-51)

⁵⁹ O documento oficial criticado por Chiavenato é um pronunciamento da junta provisória, que tenta justificar a morte dos 255 presos. Este documento é encontrado no livro *Motins Políticos*, de Domingos Raiol. Vejamos alguns trechos: “A pátria comum, a província do Grão-Pará, estêve (*sic*) à borda da sua total ruína: já mal se podia comensurar o espaço entre ela e o nada. Salvá-la de crise tão violenta era o desejo de todos os corações honrados e virtuosos: redobram-se esforços, e então a valorosa tropa de milícias, reunindo-se com alguns cidadãos e estrangeiros à brava fôrça (*sic*) de mar comandada pelo seu digno e valoroso chefe, incitada pelo que há de mais caro sôbre (*sic*) a terra, tomou a posição que lhe competia; desarmou a soldadesca, que de defensora

A matança no porão do Palhaço é um dos mais dolorosos acontecimentos da história do Brasil. Da mesma forma a explicação da Junta, acusando os mortos como responsáveis por esta “nódoa indelével na briosa história paraense”, marca um dos mais **cínicos documentos** que o poder nos legou – além de confirmar a regra: o opressor culpa sempre a vítima pela *necessidade* da opressão.⁶⁰ (Grifos meus)

Chiavenato também classifica a tragédia do brigue Palhaço como um crime premeditado, como um dos mais graves existentes na história brasileira, afirma que essa tragédia paraense praticada pelas classes dominante antecedeu o nazismo, e compara a ação de Greenfell, de prender pessoas no porão de um navio, com a ação de Hitler nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial. Vejamos o excerto:

Dos envolvidos nessa revolta, cinco foram fuzilados e 256 presos no porão do navio. Este é um dos maiores crimes premeditados contra a humanidade, na história do Brasil. Cometido principalmente sob inspiração do flibusteiro Greenfell. Um Crime igual o mundo só conheceria 110 anos depois nos campos de concentração de Hitler [...].⁶¹

Pasquale de Paolo se diferencia dos outros escritores: fala rapidamente sobre esse episódio, não dá muitos detalhes, mas confirma a suposição levantada na obra de Raiol de que os prisioneiros do brigue Palhaço foram mortos por água envenenada e não somente pela falta de ar ou pelo calor excessivo, como apontaram alguns historiadores.

se tinha tornado opressora; entregou os principais agentes da anarquia a um castigo como o crime, pronto, público e violento, entretanto que outros foram privados de uma liberdade, que já nos não podia servir senão de opressão. Êstes (*sic*) monstros, que já tinham quebrado todos os laços sociais e lançado uma nódoa indelével na briosa história paraense, ousaram, depois de mil gritos, que sem dúvida mostravam a sorte, que eles (*sic*) nos preparavam, despedaçar também os laços da natureza, sair da esfera de homens e das mesmas feras, para entrarem pelo modo mais violento e inaudito na habitação dos mortos, deixando nos horrores do seu estrago imprimidas as suas malévolas intenções! [...] Paraenses: refleti; ou terminaremos de uma vez com essas distinções, vinganças e ambições, procurando no seio da união o restabelecimento da ordem social, ou não cuidemos de pátria, pois que, vítimas das nossas desordenadas paixões, em breve cerraremos os olhos, ficando ela habitação de feras. Por que nos tornamos vítimas de nós mesmos? [...]" (RAIOL, 1970, v.1, p.53-54).

⁶⁰ CHIAVENATO, 1984, p.36.

⁶¹ *Ibidem*, p.29.

[...] Greenfell foi convocado a pôr ordem em Belém; em 16 outubro, ele derrotou os amotinados e, quatro dias depois, a pedido da Junta, mandou encerrar nos porões do brigue “São José Diligente”, depois chamado “Palhaço”, 256 paraenses, presos sem distinção. A água disponível, previamente envenenada, provocou uma morte atroz de quase todos os prisioneiros; somente quatro escaparam [...]⁶²

Nesse episódio da história paraense, cada escritor assume uma perspectiva, acrescenta informações e em alguns momentos se posiciona criticando a ação que resultou em 255 mortes. Os escritores Raiol, Chiavenato e Di Paolo apesar de terem diferenças quanto à maneira de narrar, apresentam uma semelhança no que diz respeito a esse acontecimento, pois os três descreveram a repressão do governo como um ato de violência, de horror e crueldade.

2. 2 - Por que os cabanos foram derrotados?

Muitas respostas podem ser dadas para responder essa pergunta, pois ao olharmos para as narrativas dos três historiadores em destaque neste trabalho, encontramos vários motivos e justificativas para o término da Cabanagem. Cada historiador aponta um motivo para a derrota dos cabanos de acordo com a perspectiva histórica adotada em suas pesquisas e obras. Na narrativa de Raiol, os motivos para o fim dos “motins” na província paraense são diversos. Dentre eles destacam-se: a retirada do apoio da igreja à revolta na pessoa do bispo Dom Romualdo Coelho⁶³; o forte cerco à cidade de Belém, comandado por Francisco José de Sousa Soares de Andréia⁶⁴, que resultou na falta de armamento e alimentos; e a falta de liderança dos cabanos que resultou no descontrole das ações dos rebeldes, o que reitera a visão da própria obra: a Cabanagem como uma série

⁶² DI PAOLO, 1985, p. 50.

⁶³ Dom Romualdo de Sousa Coelho nasceu em Cameté, em 07 de fevereiro de 1762 e faleceu em Belém, em 15 de fevereiro de 1841. Em 1821, foi eleito presidente da Junta Provisória do Governo do Pará, em 15 de agosto de 1823 Dom Romualdo proclamou a adesão do Pará ao império do Brasil. Governou a Diocese de Belém do Pará durante 20 anos.

⁶⁴ Francisco José de Sousa Soares de Andréia, Barão de Caçapava, nasceu em Lisboa, em 29 de janeiro de 1781 e faleceu em São José do Norte, em 02 de outubro de 1858. Veio para o Brasil com a família real em 1808. Foi presidente das províncias do Pará, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e da Bahia. Participou do combate a Cabanagem no período de 1836 a 1839.

de motins. Vejamos a narração do momento em que Eduardo Angelim ⁶⁵ recebeu a notícia da retirada do apoio da igreja, e a situação insustentável na cidade de Belém. Quadro que segundo Raiol caracteriza o fim da revolta, ou melhor, dos motins:

Eduardo Angelim ficou desenganado ao ler esta resposta que o bispo transmitiu-lhe logo, e em conselho com os seus principais partidários resolveu definitivamente abandonar a capital à fôrça (*sic*) legal. Cercado por um rigoroso bloqueio, a sua posição tornava-se cada vez pior, sem esperança alguma de poder melhorá-la: faltavam-lhe munições de guerra, e a fome fazia-se sentir por tôda (*sic*) a parte da cidade [...].⁶⁶

Para Chiavenato o fim do movimento cabano é atribuído a um fator determinante: os revoltosos tinham o poder para transformar a estrutura da sociedade paraense, mas não sabiam como realizar na prática essa transformação. Acrescenta que os historiadores oficiais e as autoridades estavam errados ao atribuírem o insucesso da revolução à falta de liderança, e aponta a fraqueza do movimento:

Desorganizaram-se, perderam-se pelos rios, a força rebelde estiolou-se. Vingaram-se e foi só. Para as autoridades e os historiadores oficiais (e foram raros os que escreveram sobre a Cabanagem paraense), aquela ralé não seria capaz de agir sem um líder. Com Eduardo Angelim neutralizado seriam inofensivos.

Nada disso: Eduardo Angelim foi antes um produto da Cabanagem e nunca o seu inspirador. O que é óbvio. Os cabanos simplesmente foram derrotados pela sua própria fraqueza: a falta de um projeto político, a impossibilidade de interpretar a realidade concreta da sociedade que os oprimia anulando seu potencial revolucionário, reduzindo à mera rebelião o que poderia ser força transformadora das estruturas paraenses.⁶⁷

Diferente do que afirma Chiavenato, Pasquale Di Paolo diz que os cabanos tinham sim um projeto político, e acrescenta, ainda, que esse projeto pode

⁶⁵ Eduardo Francisco Nogueira nasceu na província do Ceará, mudou-se para o Pará com a idade de 13 anos e passou a ser conhecido como Angelim (nome de madeira muito resistente e forte) durante as lutas em Belém. Foi o 12º presidente do Pará e o 3º governante cabano. Chegou ao governo por aclamação do clero e dos cabanos, o período de seu governo estende-se de 23 de agosto de 1835 a 13 de maio de 1836. Segundo Di Paolo Angelim assumiu a liderança do movimento cabano em um momento de crise econômica, militar, religiosa, interna e externa da revolução.

⁶⁶ RAIOL, 1970, v.3, p.958.

⁶⁷ CHIAVENATO, 1984, p.144.

ser considerado como o mais avançado do Brasil durante o período da independência. Vejamos como o escritor apresenta esse projeto político: “A doutrina básica dos cabanos era a independência política externa e a emancipação social interna, decorrentes da consciência-de-ser-povo e da consciência-de-ser-cidadãos, rejeitando ser súditos permanentes de colonizadores eternos.”⁶⁸

Para Pasquale Di Paolo, a principal causa da derrota cabana não está na ausência de um projeto político, para ele o principal motivo da derrota cabana foi o bloqueio intelectual, a retirada do apoio do clero à revolução, e aponta a participação do clero como um fator importantíssimo para o sucesso das ações cabanas: “O clero constituía o núcleo intelectual da Amazônia: a participação de seus elementos foi determinante na explosão, condução e extinção do movimento cabano. Foi o fiel da balança na revolução e na restauração.”⁶⁹ E somadas à retirada do clero, a falta de “técnica administrativa de governo” e a falta de “tecnologia militar” contribuíram para o fracasso da revolução. Vejamos o que diz Di Paolo:

Os “homens das cabanas”, não obstante o elevado grau de sua consciência política, tinham uma autonomia intelectual insuficiente: apropriaram-se do discurso e da prática revolucionária, úteis para a luta e a conquista do poder, mas não se apropriaram da técnica administrativa de governo nem da tecnologia militar, necessárias para manter o poder. Sua luta foi heróica; mas, sem a ajuda externa, que aliás foi refutada por idealismo nacionalista, ela estava destinada à derrota.⁷⁰

Nessa perspectiva de Di Paolo, o fim da revolução não simbolizou a derrota dos anos de luta do povo, porque para esse pesquisador o movimento cabano marcou a história amazônica e a brasileira profundamente. Primeiramente, foi o único movimento em que o povo conseguiu chegar ao governo e ao poder; segundo, esse movimento influenciou a resolução da questão da soberania brasileira sobre a Amazônia; e terceiro, a Cabanagem fez da Amazônia o centro revolucionário da América Latina na década de 1830.

⁶⁸ DI PAOLO, 1985, P. 369.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 375.

⁷⁰ *Ibidem*, p.376.

Diante do que destacamos nas obras de Raiol, Chiavenato e Di Paolo, visualizamos um mesmo fato narrado de formas bastante diferentes, tendo em vista que cada pesquisador desenvolveu o seu trabalho se posicionando e interpretando os fatos narrados, e que, de certa forma, cada época produziu sua versão. Dessa forma, a construção narrativa recebeu influência da formação intelectual do escritor e do grau de envolvimento do mesmo com o fato narrado. Também podemos encontrar semelhanças: os três escritores consideram o movimento cabano de 1800 um dos mais importantes da história paraense e brasileira, e mesmo Raiol enfatizando que esse confronto foi uma série de motins, ele acreditava ser importante o seu registro para que os fatos não fossem apagados da história da província do Pará.

Compartilho desse ponto comum entre os pesquisadores. A Cabanagem é sem dúvida um assunto que marcou, de várias formas, a história paraense e brasileira. Foi um confronto que alcançou grandes proporções, envolvendo não só a população da capital como também a população de localidades mais afastadas como Barcarena, Vigia, Cametá, e Óbidos. Obteve uma longa duração temporal, com início, para alguns estudiosos como Raiol, em 1821, e término em 1839. Foi um movimento marcado por brutalidades, violências e mortes de cabanos, guardas legais e da população de maneira geral, reduzindo consideravelmente o número de habitantes da província. Mostrou a capacidade de luta e resistência do povo, além de se fixar para sempre na memória da história brasileira, independentemente do objetivo narrativo proposto pelo historiador, que ora apontava a revolução cabana como um mau exemplo a ser seguido, e ora descrevia-o como motivo de orgulho para os nativos do Pará. Outro aspecto relevante é que, mesmo quando o discurso oficial pretendia apagar da história a versão dos cabanos, essa ação de apagar já significava algo, a ausência da versão dos vencidos, o que leva os leitores a alguns questionamentos: primeiro, qual a razão ou motivo que determinada perspectiva narrativa possui para tentar apagar um fato?; e segundo, por que esse movimento incomoda a tantas pessoas mesmo depois de sufocado?

A história contada pelos nossos três autores em destaque se divide em duas forças: olhar a Cabanagem a partir da ótica do vencedor ou do vencido. Tal escolha implica conseqüências. No trabalho de Raiol, implica a aceitação da sua época e dos governantes do Brasil: o livro foi dedicado ao imperador D. Pedro II. O trabalho de Pasquale Di Paolo também precisa partilhar, de certa forma, das

ideologias do governo, já que seu livro fez parte de um concurso nacional de monografias sobre a Cabanagem promovido pelo governo paraense. O grande problema de tudo isso é que, ao assumir uma determinada ótica, a outra é ou apagada ou ignorada.

O texto literário, assim como o texto historiográfico, abre um espaço para a construção dessa discussão. Para os questionamentos acerca do grau de envolvimento do narrador com o fato contado: a perspectiva assumida pelo narrador ao descrever os personagens e os construir como vilões e heróis; as vozes que surgem na narrativa representando o ponto de vista dos personagens envolvidos na situação narrada; enfim, torna-se possível perceber qual visão o texto busca legitimar sobre um acontecimento, assim como o texto histórico. Vejamos!

OS REBELDES EM “O REBELDE”: A CONSTRUÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO DO HERÓI

O conto “O Rebelde”, do escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), tem como fio condutor da narrativa a Cabanagem. Ao lermos o texto somos levados a pensar na sociedade amazônica dos anos de 1800, somos instigados a questionar os papéis de cada personagem, suas ações, seus posicionamentos favoráveis ou contrários à revolução, suas condições sociais e econômicas. Em outras palavras, ao lermos o texto inglesiano voltamos aos acontecimentos da Cabanagem. Dessa forma, verificamos que no conto há uma forte relação entre literatura e história, a literatura mescla-se com a história, e vice-versa, criando uma versão sobre a revolução paraense. Essa temática - literatura e história - foi apontada por Paulo Maués Corrêa (2005) como uma das três temáticas presentes na literatura de Inglês de Sousa e na literatura amazônica.⁷¹

A partir dessa relação literatura e história, no conto, surge o interesse em observar qual versão Inglês de Sousa criou em sua narrativa sobre a Cabanagem, quais as vozes que ganharam destaque ao longo do texto, quais os pontos de vista da igreja, do português, do Estado, do cabano, que são defendidos pelos personagens. É por meio dos discursos⁷² do narrador e dos personagens, que juntos formam uma versão da Cabanagem, que se fará a leitura do conto, atentando para o título do texto, para a organização da narrativa, para as vozes que se entrecruzam e se contrapõem. Como portugueses *versus* brasileiros; brancos *versus* tapuios; favorecidos *versus* desfavorecidos; Estado *versus* revoltosos, bem como a construção e a desconstrução do vilão e do herói na narrativa. Nessa análise será observado o foco narrativo, a perspectiva assumida pelo narrador ao contar a ação

⁷¹ As temáticas que Paulo Maués Corrêa considera em seu livro *Contos Seleccionados de Inglês de Sousa* (2005) como uma tríade basilar presente na literatura inglesiana e na literatura amazônica são: Literatura e História; Literatura e Imaginário e Literatura e Erotismo.

⁷² Entende-se discurso, nesse trabalho, como um “Suporte expressivo da história e domínio em que se consuma a sua representação, o discurso resulta diretamente do labor do narrador, traduz-se num enunciado e articula em sintagmas diversas categorias e subcategorias específicas.” REIS e LOPES (1988, p.225). Somado ao discurso do narrador, temos o discurso das personagens que aparece na narrativa na forma de discurso direto, quando o personagem assume a postura de sujeito da enunciação; e o discurso indireto, quando o narrador aparece como um mediador da fala da personagem, selecionando, resumindo e interpretando os pensamentos e as falas das personagens.

dos cabanos em Vila Bela, em 1832. Observar-se-ão os elementos da narrativa, além do foco narrativo: o enredo, o tempo, o espaço e os personagens.⁷³

Antes de adentrarmos na análise do texto literário, faz-se necessário primeiro apresentar as partes que compõem o enredo da narrativa. De maneira geral o enredo do conto “O Rebelde” pode ser dividido em quatro partes: exposição, complicação, clímax e desfecho. Na exposição, o narrador apresenta o assunto que será contado, apresenta o personagem Paulo da Rocha, a amizade entre o narrador e o personagem Paulo, o espaço em que se desenrolará a ação, Vila Bela, bem como o tempo em que a história se passou, ano de 1832. Na complicação, tem-se a ameaça de quebra da estrutura de organização da sociedade de Vila Bela, fato que se evidencia com a possibilidade de invasão dos cabanos. Com relação ao clímax, o ponto mais alto da narrativa está na concretização da ameaça de invasão cabana. Neste momento há um confronto real entre os dominadores e os dominados, e a estrutura de poder é alterada. No desfecho da narrativa, há o reencontro entre o narrador Luís, já adulto, e Paulo da Rocha. É nesse momento que o leitor descobre o que de fato aconteceu com Paulo da Rocha, que fora preso como um dos cabanos e abriu mão de sua filha pela vida de Luís. Como última ação dos personagens centrais Luís consegue a liberdade do amigo, mas Paulo morre logo em seguida.

3.1 – Primeiras considerações.

Um aspecto que merece atenção é o próprio título do conto “O Rebelde”, pois quando lemos esse título nos perguntamos: Quem é o rebelde? Por que é rebelde? Perguntamos-nos com o objetivo de decifrar os questionamentos que surgem após a primeira leitura do conto, tendo em vista que o título nos abre expectativas sobre o assunto que será abordado no texto.

⁷³ Na leitura do texto literário usarei como metodologia de análise a narratologia, área de reflexão centrada na narrativa, que busca descrever a estrutura e os códigos que compõem a narrativa, e a proposta de leitura semiológica de Roland Barthes, em *S/Z* (1992), que consiste no uso dos cinco códigos: o código hermenêutico, que busca por meio de perguntas decifrar os enigmas do texto; o código proairético, que volta-se para a observação das ações e comportamentos dos personagens; código referencial, consiste nos vários códigos de sabedoria e conhecimento aos quais o texto se refere ou tem alguma relação; código semântico, relaciona-se a observação do sema, a unidade de significado de uma palavra; e o código simbólico, que é o espaço da multivalência dos significados.

Quando nos questionamos acerca de quem é o “rebelde”, no conto, caminhamos voluntária ou involuntariamente em direção aos significados dessa palavra. Caminhamos para a observação do sema, a unidade de significado da palavra. No caso da palavra “rebelde”, pensamos em alguém que se rebela contra uma autoridade constituída, pensamos em uma pessoa obstinada que se coloca contra a lei, ou seja, um fora da lei, no sentido mais pejorativo. Mas, também podemos pensar em um outro sentido, de alguém que tem coragem o suficiente para se colocar contra a lei, contra os padrões sociais, alguém que tem muita personalidade. O segundo aspecto que chama nossa atenção, após o significado da palavra, é procurar, durante a leitura do conto, personagens que agem, se posicionam e se comportam como rebeldes.

O primeiro nome que responde a pergunta “Quem é o rebelde?” é Paulo da Rocha, pois participou da revolta de Pernambuco ⁷⁴ e é visto pela sociedade de Vila Bela como um velho rebelde: “Paulo da Rocha era pernambucano e fora um dos rebeldes de 1817, um soldado fiel do capitão Domingos José Martins, o espírito-santense” ⁷⁵. Depois é possível também entender que o narrador, Luís, é o rebelde, pois o garoto mostra-se possuidor de um espírito rebelde ao se interessar por tudo que é desprezado, incluindo a amizade dedicada a Paulo, o homem marginalizado pela população da Vila, como se verifica no trecho abaixo:

Desde a mais tenra infância, vivi sempre em contradição de sentimentos e de idéias com os que me cercavam: gostava do que os outros não queriam, e tal era a predisposição malsã do meu espírito rebelde e refratário a toda a disciplina que o melhor título de um homem ou de um animal à minha afeição era ser desprezado por todos. ⁷⁶

⁷⁴ A Revolução pernambucana de 1817 foi a primeira experiência republicana do Brasil e durou dois meses e dez dias. Segundo Pasquale Di Paolo (1985), essa ação revolucionária se espalhou pelo nordeste alcançando as províncias de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Um dos principais participantes do movimento pernambucano foram as tropas militares, que ao aderirem à revolução mataram os chefes do poder militar, o brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro e o tenente-coronel Alexandre Tomaz, fato que forçou a fuga do governador da província, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, para o Rio de Janeiro. Durante essa revolução houve pela primeira vez no Brasil a proclamação da República, a formação de um governo provisório e a criação de um Conselho Consultivo. Foi construída também uma constituição que abolia os títulos de nobreza e estabelecia a liberdade de pensamento. Esta revolução foi duramente reprimida pelas forças militares da Bahia e do Rio de Janeiro, que prenderam e executaram os principais chefes revolucionários, o negociante Domingos José Martins e o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro.

⁷⁵ SOUSA, 2005, p.130.

⁷⁶ *Ibidem*, p.131.

Os dois amigos, Luís e Paulo, têm em comum um espírito rebelde, essa é a grande marca dos personagens. No entanto, o personagem de grande destaque no conto é Paulo da Rocha, que aparece como uma voz da experiência (ele é um homem velho); representa o conhecimento (tinha o hábito de ler) e a rebeldia (participou da revolta em Pernambuco e apóia de certa forma a luta dos cabanos). É também o *velho do outro mundo* (comparado ao murucututu, figura lendária das cantigas usadas pelas mães de Vila Bela para acalantar seus filhos) e um presságio funesto para o pai de Luís (quando aparece na porta da casa antes da invasão dos cabanos). Mas acima de tudo, Paulo da Rocha é um “grande herói” da narrativa, apresentado como um homem honesto, simples, que tem consciência de sua situação social e que é capaz de renunciar a muitas coisas para salvar um grupo de amigos. Essa idéia será retomada mais tarde, quando será falado mais especificamente do personagem Paulo da Rocha.

Outro ponto a ser apresentado inicialmente nessa análise volta-se para dois elementos que compõem a narrativa: o tempo e o espaço. Com relação ao tempo, é possível afirmar que há uma marcação cronológica dos fatos que se desenrolam na história narrada por Luís. Durante o relato, o narrador faz várias referências ao tempo cronológico como, por exemplo, quando inicia a sua narração ele situa o ouvinte ou o leitor no tempo em que se passará a sua história, revela que os fatos se passaram a mais de 40 anos, quando ele, Luís, tinha 11 anos de idade. Além dessa informação, há também a apresentação do ano em que Luís conheceu o personagem Paulo da Rocha, ano de 1832. No que diz respeito ao espaço da narrativa, é possível observá-lo de duas formas: o espaço maior, Vila Bela, comarca da Barra do rio Negro, local em que se desenvolvem os principais acontecimentos da história; e os espaços menores como o sítio de Andresa, um cacauel situado em um dos igarapés do Andirá, local que serve de refúgio para Rocha e seus amigos; a casa de Guilherme da Silveira, lugar que se passa a cena de invasão dos cabanos e os últimos momentos de Luís com o pai; a pequena casa de Júlia e Rocha, próxima ao cemitério, freqüentada por Luís quando era um garoto.

A narrativa inglesiana traz duas visões sobre o movimento cabano: uma que condena a revolta, visão dos brancos, portugueses, pessoas que detinham o poder; e outra que mostra ser justa a luta dos cabanos, visão defendida pelos grupos excluídos, diferentemente do conto “A Quadrilha de Jacó Patacho”, pertencente ao livro *Contos Amazônicos* (1983), que traz um recorte da invasão de

um grupo de revoltosos à casa da família do português Félix Salvaterra. Nesse conto, é ressaltado o papel de vítima dos portugueses, quando qualifica a família de Félix Salvaterra como “honrada” e possuidora de uma “consciência honesta”, e o papel de vilão dos cabanos, quando descreve os revoltosos com um aspecto feio e repugnante: “figura baixa e beixigosa”, “nariz roído de bexigas”, “boca imunda e servil”.

Nessa narrativa é mostrado apenas um lado da revolta, a violência praticada pelos cabanos, o clima de medo e terror instaurado na região amazônica durante este período, sem mostrar o porquê da revolta, a situação de exclusão social e miséria vivida por uma grande parcela da população paraense. O narrador faz um recorte da Cabanagem e conta as ações criminosas dos revoltosos, mas não mostra a violência cometida pelos guardas do governo ao conter a revolta. Nesse conto, a visão apresentada é totalmente maniqueísta, tem-se o bem e o mal em confronto, os “mocinhos” e os “vilões” em cena. As imagens criadas são de um movimento pautado na barbárie, de um povo cercado por práticas primitivas e de ações selvagens. É importante dizer que a cena narrada na ficção inglesiana assemelha-se a uma cena contada por Domingos Raiol, em *Motins Políticos*, na qual Jacó Patacho, Saraiva e outros homens invadem um sítio em Abaeté. Vejamos a cena narrada por Raiol:

No distrito de Abaeté assaltaram alta noite um sítio cujos moradores dormiam tranquilamente. Roubaram quanto encontraram em lugares que puderam saquear. Tentaram violentar as portas quando se convenceram de que não lhes abririam da parte de dentro onde pressentiam rumor de gente, e nada conseguindo lançaram fogo no teto que era de palha. Instantes depois tudo era devorado pelas chamas.

Então abriu-se repentinamente uma porta, saindo com precipitação um homem armado com uma foice e logo após êle (*sic*) a sua família, que se compunham de mulher e três filhas. Ao clarão do fogo, que subia em espessas (*sic*) colunas, viu que seis indivíduos o cercavam tendo à frente o cínico Saraiva geralmente conhecido pelo seu estado habitual de embriaguez e depravação de costumes. Julgou-se inteiramente perdido, e neste transe aflitivo resolveu vender cara a vida, defendendo a honra ameaçada de sua família.

E com efeito, impelido pelo sentimento sagrado de paternidade, não mediu o perigo que corria na luta desigual com êsses (*sic*) bandidos, e com a fúria de quem sente-se ultrajado no que tem de mais nobre sôbre (*sic*) a terra, êle (*sic*) acometeu os primeiros que ousaram apoderar-se de suas filhas, lançando por terra não menos de dois mortalmente feridos com a foice que conservava firme nas mãos. Dois tiros neste momento disparados quase ao mesmo tempo lhe roubaram para sempre a vida, mas ao menos livrou da desonra as pessoas que mais prezava no mundo.

Sua mulher e filhas, aproveitando-se da confusão que causara a sua temeridade, evadiram-se para os matos próximos à casa e desapareceram na escuridão da noite. Ao amanhecer buscaram por desvios a casa do vizinho que lhes ficava perto, e voltando de tarde acompanhadas de outras pessoas, só encontraram ruínas e três cadáveres.⁷⁷

Nessa passagem da narrativa de Raiol, assim como no conto de Sousa, há uma visão maniqueísta acerca da Cabanagem. Os cabanos são descritos como homens cruéis, que invadem casas, saqueiam sítios, matam pais de família, são adjetivados como “cínico”, “bandidos”, “embriagados”; e os proprietários de terras como “homens de família”, capazes de tudo, inclusive de morrer lutando, para manter intacta a honra da esposa e das filhas.

Nessas duas narrativas, a literária e a histórica, encontramos acontecimentos semelhantes, a invasão de cabanos a um sítio e o confronto entre o dono do sítio e os cabanos. Verificamos versões muito parecidas produzidas por escritores do século XIX, Inglês de Sousa (1853-1918) e Domingos Raiol (1830-1912). Versões que descrevem a Cabanagem a partir da visão do Estado, e das classes favorecidas pela estrutura política, econômica e social mantida ao longo de muitos anos. Diante dessas narrativas, constatamos que tanto o texto histórico quanto o texto literário são narrativas verossímeis, que contam versões de acontecimentos nos proporcionando uma representação da realidade.

Diferente do conto “A quadrilha de Jacó Patacho”, o conto “O Rebelde”, como foi dito anteriormente, nos possibilita a visão dos dois lados envolvidos na Cabanagem: dos portugueses, brancos, da classe mais favorecida; e dos revoltosos e excluídos. O conto traz uma versão sobre a Cabanagem, recombina a realidade à ficção por meio dos discursos dos personagens que se posicionam de várias formas, a partir de suas realidades e experiências vividas durante a revolta paraense. Desta forma, o resultado alcançado nessa narrativa é, por assim dizer, um painel dos vários posicionamentos dos segmentos envolvidos na revolução.

Em “O Rebelde” há um redimensionamento do papel do cabano. Em alguns momentos os revoltosos têm sua luta justificada por meio da fala dos personagens, que consideram a revolta um direito legítimo da população excluída socialmente de reivindicar melhores condições de vida. Nesse sentido, o cabano não é mais visto como o grande vilão que comete crimes somente pelo prazer de

⁷⁷ RAIOL, 1970, v.1, p. 286.

cometê-los, mas passa a ser encarado como um herói que luta por ter as mesmas oportunidades dos portugueses, dos homens brancos. Dedival Brandão da Silva, em seu livro *Cabanagem: narrativas da nação* (2008), ressalta que nesse conto de Sousa ocorre um processo de redenção da Cabanagem e do cabano, permitindo que a revolução paraense seja incluída no discurso da nação. Silva destaca, ainda, que esse processo de higienização cultural ocorre através da invocação do sagrado. O cabano aparece no texto com símbolos religiosos como a cruz, que significa a sua redenção, e declara-se inimigo dos maçons, o que o faz, portanto, amigo da igreja e da religião católica. Vejamos a fala de um cabano sobre o uso da cruz: “— Isto é sinal bento – explicou o tapuio – Todos os brasileiros hão de trazer a cruz para se livrarem das tentações do inimigo. É a religião que nos manda usar a cruz. É o sinal da nossa redenção.”⁷⁸

No trecho destacado acima temos a autonomização da voz do personagem, o narrador abre espaço para o cabano se pronunciar por meio do discurso direto. A presença dos símbolos da religião católica na configuração do tipo cabano reflete a própria ocupação do território amazônico, tendo em vista que os portugueses pioneiros na ocupação da Amazônia não foram os bandeirantes, mas as missões religiosas, compostas por jesuítas e carmelitas, que praticaram a catequese indígena da região durante muitos anos, como aponta Chiavenato ⁷⁹. Esse discurso, que aparece marcado pela influência católica, apresenta uma grande significação, pois revela o quanto o homem amazônico incorporou os hábitos e os símbolos da religião cristã trazida pelos portugueses. Essa constatação é importante porque revela uma contradição no discurso de luta do próprio cabano, ou melhor, revela a contradição que o narrador pretende apontar no discurso do cabano, que se mostra disposto a livrar-se da dominação exercida pelo português desde a colonização, mas não percebe que a religião, que é aceita e praticada por eles, representa, de certa forma, a presença e a dominação do português.

Esse discurso cabano pode ser percebido também como um grande truque do narrador, o cabano recebe voz na narrativa não para expor o seu “real” ponto de vista, mas para reforçar o discurso do narrador, que legitima a sua dominação e caracteriza o rebelde como um ser contraditório incapaz de reconhecer o grau de dominação que lhe foi imposto ao longo dos anos.

⁷⁸ SOUSA, 2005, p.178.

⁷⁹ CHIAVENATO, 1984, p. 154.

A tensão entre grupos e a presença da revolta no enredo do conto abre um espaço, como já foi ressaltado, para um clima de tensão e de possibilidade de mudanças nas relações de poder entre os personagens. Com a invasão cabana, a estrutura fixa de dominação é abalada. Os rebeldes transformam as ameaças, que causavam um verdadeiro horror aos moradores de Vila Bela, em realidade. Alguns símbolos de poder são destruídos. Os portugueses são perseguidos, os homens ricos, proprietários de terras e de escravos têm seus bens saqueados. Na ação dos rebeldes, um alvo de grande importância é a casa de Guilherme da Silveira. A destruição da casa desse personagem simboliza, no momento da invasão, a tomada do poder pelos cabanos. Significa que o poder não está mais nas mãos das autoridades representantes do Estado, mas nas mãos do povo. A casa ocupa um lugar de destaque, localiza-se no centro da vila, simbolizando o poder e a influência dos seus proprietários; e os cabanos a invadem e matam o seu proprietário, ateam fogo e a destroem completamente.

No centro da vila, uma grande chama escarlate erguia-se do telhado de uma casa, e o fumo subia em espirais para o céu. Todo o povoado estava iluminado por aquele enorme clarão. Sombras estranhas moviam-se no meio do fogo. Outras dançavam em roda da casa, à claridade do incêndio. Ouvia-se o crepitar do fogo, e de vez em quando o ruído que fazia uma trave desabando. Em torno, corria serena e silenciosa a madrugada. Nos sítios vizinhos, cantavam saudosamente os solitários galos.⁸⁰

Essa cena causa um desespero aos moradores da vila por vários motivos: primeiro por acreditarem na morte do juiz de paz; segundo por terem diante dos olhos a concretização da ameaça que tanto lhes causava terror; e terceiro por constatarem o poder dos cabanos, que conseguiram dominar os dominantes.

Como foi exemplificado acima, o texto inglesiano é marcado pela presença de dicotomias - dominantes/dominados, portugueses/nativos, brancos/caboclos, maçonaria/ igreja, ricos/pobres, civilizado/incivilizado - que criam uma separação de grupos e uma tensão permanente dentro da narrativa. Com a tensão temos, ao longo da leitura de “O Rebelde”, a impressão de que a qualquer momento acontecerá um confronto explícito entre os lados opostos. Essa dicotomia também marca a presença da visão positivista, que separa o homem civilizado do

⁸⁰ *Ibidem* p.162.

homem selvagem, mostrando a condição de evolução e superioridade do primeiro em relação ao segundo.

O texto de Sousa deixa bem marcada as posições opostas tomadas pelos personagens. No caso do par dicotômico branco/caboclo, os personagens que representam cada uma das raças são, respectivamente, Guilherme da Silveira e Matias Paxiúba. O primeiro assume o papel de dominador, conquistador e civilizado, enquanto o outro é relegado ao papel de dominado, conquistado e incivilizado, dando destaque ao ódio cultivado e mantido pelas duas “raças”. Vejamos um trecho:

O certo é que o **branco** e o **caboclo** se haviam jurado um ódio eterno. Naqueles tempos de fortes paixões, em que todos os sentimentos tinham uma possança e uma pureza extrema, ódios arraigados e entranháveis eram comuns. Matias Paxiúba, o *brasileiro*, e Guilherme da Silveira, o *marinheiro*, tinham-se sempre encontrado inimigos – desde a primeira vez que se viram, parecia que todo o **ódio das duas raças**, a **conquistadora** e a **indígena**, se tinha personificado naqueles dois homens, cujos nomes eram o grito de guerra de cada um dos partidos adversos.⁸¹ (Grifos meus).

É sobre essas duas visões que traçarei um panorama dos discursos dos personagens. Primeiro observar-se-ão os personagens que desempenham o papel de oposição e condenação da revolta; seguida dos personagens que desempenham a função de defender a ação dos cabanos; e por último o personagem que faz um “equilíbrio” entre os dois lados, o personagem Paulo da Rocha. Neste sentido, também serão observado os personagens que desenvolvem ao longo da narrativa os papéis de vilões e heróis.

Como é possível perceber, a análise volta-se mais para os personagens. Nessa perspectiva é importante, antes de observarmos os personagens em grupos - dominadores e dominados - atentarmos para a construção das personagens, para a função desempenhada pelo personagem dentro do texto como um todo. Neste sentido, alguns personagens são responsáveis por ações que interferem nos fatos narrados e ganham um papel de destaque no enredo da trama. Dentre estes personagens podemos destacar: Paulo da Rocha, Guilherme da Silveira, Matias Paxiúba, Padre João da Costa do Amaral e Luís. No texto também desfilam personagens que, apesar de terem sua importância, não ganham relevo na narrativa

⁸¹ *Ibidem*, p.150.

como, por exemplo, as personagens femininas: Júlia, Andresa e Mariquinhas. É importante observar que as duas primeiras personagens, apesar de terem uma participação significativa na história, não apresentam voz no texto, ou seja, não se pronunciam ou expõem suas vozes em discurso direto. A personagem Mariquinhas é a única a se pronunciar por meio do discurso direto, fato que ocorre raríssimas vezes no texto, no entanto a voz da personagem parece muito mais uma reafirmação da fala e do ponto de vista do narrador do que uma fala independente da personagem.

Outro ponto relevante com relação a essas personagens está no fato de que essas mulheres aparecem na narrativa marcadas por um destino trágico. Seus destinos, de certa forma, se aproximam e revelam semelhanças. Andresa vive isolada em um sítio localizado em um dos igarapés do Andirá; é viúva, não tem filhos e a sua única companhia são duas escravas. Mariquinhas tem uma existência marcada pela tristeza, inicialmente vive tranquilamente com o marido e o filho, mas com a invasão cabana sua vida sofre uma grande mudança, seu marido é assassinado, sua casa é destruída e ela passa a fugir dos cabanos que buscam matar seu filho Luís. Júlia também é vítima de um destino trágico: primeiro, Júlia é órfã, sua mãe foi assassinada durante a revolta de Pernambuco, e vive apenas com o pai em uma casinha isolada do resto da vila; segundo, ela é alvo do desprezo da população de Vila Bela, e como última desgraça Júlia torna-se refém dos cabanos e passa a viver no acampamento do cabanos.

Além dos personagens já mencionados, há também no conto personagens que representam uma classe social ou um grupo social como, por exemplo, os cabanos e os escravos. Esses personagens são mencionados, participam das ações, mas não recebem um nome próprio que os individualizem, com exceção de Matias Paxiúba um dos líderes cabanos que possui um nome próprio. De forma geral esses personagens representam a classe social à qual pertencem.

3.2 – Vozes dos dominadores?⁸²

Ao analisar os papéis desempenhados pelos personagens no desenrolar da narrativa, é possível perceber que há uma mobilidade nas posições, dominadores e dominados, ocupadas pelos personagens. Em algumas situações nos deparamos com um personagem pertencente à classe dominadora sendo dominado; em outras situações, temos o contrário. Esse fato faz do texto de Sousa, um texto possuidor de uma estrutura passível de mudanças, levando o leitor a se perguntar: Quem conseguiu dominar? Quem perdeu a hegemonia? Quem realmente deixou sua marca na história?

Inicialmente, essa estrutura dominador *versus* dominado é bem marcada. Tem-se de um lado os personagens que representam a dominação, são os descendentes de portugueses, possuidores de cargos públicos e representantes do governo e da igreja; e de outro tem-se os personagens dominados, os tapuios, os mulatos, os caboclos, mas em um determinado momento da narrativa as posições se invertem. Os dominantes são dominados, alguns são mortos, é o caso de Guilherme da Silveira, outros fogem e se escondem em lugares afastados, como acontece com padre João, Mariquinhas e Luís. Estes personagens são retirados de suas condições iniciais e passam a viver foragidos. Luís, o narrador, passa a viver como um garoto pobre, como um “tapuiozinho”, passando por uma transformação: tem a sua pele escurecida pelos raios de sol, além de andar descalço, o que simboliza claramente a sua nova condição. A ausência de sapatos no personagem Luís significa uma mudança completa no seu modo de vida, pois, ao verificarmos os costumes da época da escravidão, constataremos que o uso de sapatos caracteriza a posição do homem que é livre, e que, portanto, a falta de sapatos marca a condição do homem que é escravo.

Valeu-me a cor morena do rosto, requeimado do sol na viagem e nos banhos ao meio-dia em pleno rio. Se eu fosse claro estaria perdido. Para maior facilidade do engano, depois que nos achávamos no sítio da velha Andresa, atribulados e tristes, eu gozava da mais completa liberdade.

⁸² Utilizo as expressões *Vozes dos dominadores* e *Vozes dos dominados* seguidas do ponto de interrogação para ressaltar que esses papéis são passíveis de mudanças e alterações, tendo em vista que ao longo da narrativa, personagens que ocupavam inicialmente a posição de dominados passam posteriormente a condição de dominadores e vice-versa.

Andava vestido de calças de riscado e camisa de algodão como qualquer tapuiozinho, descalço e esgadelhado. Quem me visse me tomaria facilmente por um caboclo, como acreditaram os cabanos.⁸³

Esse narrador-personagem, ao longo da história, passa por várias mudanças. Inicialmente, sai de sua condição privilegiada para condição de foragido, perde todas as regalias que dispunha na casa de seus pais, mas no desfecho da narrativa volta à sua posição inicial, pois aparece já adulto em uma condição de destaque, como um juiz municipal e delegado de polícia de Óbidos, ocupando um cargo importante perante a sociedade. Esse personagem parece percorrer um ciclo, pois, apesar de todas as trocas de posições, não há de fato uma mudança, já que no final do conto o personagem de Luís volta a assumir a função que em outro momento fora de seu pai, juiz, ou seja, quem era dominante volta à condição de dominação. O caminho percorrido pelo narrador-personagem assemelha-se à estrutura da narrativa tradicional, em que inicialmente há o equilíbrio, depois um desequilíbrio, e no desfecho a volta do equilíbrio inicial.

Outro momento de mudança na posição dos personagens dominadores é verificado nos instantes que antecedem à morte de Guilherme da Silveira, personagem que representa, dentro da narrativa, o poder do Estado, o juiz de paz. Este personagem é humilhado pelo seu principal inimigo, Paxiúba, que invade a casa de Silveira juntamente com os cabanos gritando ameaças e ordens:

— Vamos, rapazes, é preciso dar cabo desta raça de pés de chumbo. Cerquem a casa, não deixem escapar pessoa alguma desta família de cobras. Ele está aqui não pôde embarcar na montaria e voltou para a cova. Peguem, agarrem, enforcem o juiz de paz!⁸⁴,

além de entregar o filho aos cuidados de Paulo da Rocha, um homem que ele “desviava os olhos quando via”⁸⁵. Nesses instantes finais de Silveira, ele é derrotado pelo seu grande inimigo, que em outro momento foi dominado, mas que passa a ser dominante. Nesta cena, tem-se a vitória do cabano sobre o português,

⁸³ *Ibidem*, p.182.

⁸⁴ *Ibidem*, p.159.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 153.

mas é importante destacar que, quem é elevado à condição de herói é o português, pois é capaz de pedir desculpas a Rocha reconhecendo seus julgamentos errados, além de entregar a sua vida aos cabanos para que seu filho e esposa sejam tirados com segurança da vila. Nesta cena, Guilherme da Silveira ganha o papel de vítima, pois aparece como um homem impotente diante dos cabanos.

Nesse conto, como já foi ressaltado, encontramos muitas vozes que contam a Cabanagem: 1) a voz do narrador adulto que conta sua experiência durante a infância com a revolta; 2) a voz de Paulo da Rocha, homem marginalizado pela sociedade, participante da revolução de 1817 em Pernambuco; 3) a voz de Guilherme da Silveira, juiz de paz; 4) a voz de João da Costa do Amaral, padre e português; 5) a voz de Mariquinhas, mãe de Luís e esposa de Guilherme da Silveira (voz que pouco aparece); 6) a voz dos cabanos; 7) a voz de um dos líderes da revolta, Matias Paxiúba. Essas vozes caracterizam posicionamentos políticos, representam pontos de vista de classes sociais e marcam as relações de poder entre dominados e dominadores, compondo um quadro da sociedade de meados do século XIX na Amazônia.

O personagem Luís, também narrador da história, volta a uma experiência vivida por ele quando tinha 11 anos de idade, após quase quarenta anos terem se passado, o que nos leva a acreditar que este personagem, ao começar o seu relato, tem a idade aproximada de 51 anos. O que significa dizer que o narrador-personagem constrói sua versão a partir da lembrança das lembranças da infância. Esse narrador fala sob a autoridade de quem se envolveu no que será narrado, como uma testemunha, o que nos possibilita imaginar que ele demonstrará o seu ponto de vista, suas impressões e suas frustrações diante dos fatos relatados. Nesse sentido, o narrador se posiciona diante das atitudes dos personagens: em alguns momentos revela preconceitos, em outros, julga as falas dos personagens concordando e por vezes discordando. Diante dessas considerações, fica claro o grau de envolvimento do narrador com a narrativa, pois Luís fala de fatos marcantes de sua própria história de vida, fala da amizade entre ele, Paulo da Rocha e Júlia, do tempo em que viveu com os pais em Vila Bela, da rotina de sua casa, do último momento em que viu o pai com vida, da invasão dos cabanos, da fuga e do reencontro com Rocha depois de muitos anos.

O narrador apresenta a si mesmo, se descreve como um garoto possuidor de um espírito rebelde atraído por tudo o que as outras pessoas

desprezavam, fato que explica sua amizade com Paulo da Rocha. Descreve sua posição social e econômica: sua casa era grande, tinha escravos e um “relógio de parede que viera do reino”⁸⁶; Luís tinha a oportunidade de estudar, seria mandado para estudar em Belém, para se aperfeiçoar na “língua de Virgílio”⁸⁷. Todas essas informações acerca do narrador são importantes porque nos ajudam a compreender sob qual perspectiva ele descreverá suas impressões sobre a Cabanagem, sob qual ponto de vista ele relata as ações realizadas pelos cabanos, bem como as ações praticadas pelos guardas da força legal.

Ao iniciar o relato, o narrador deixa em evidência que a amizade entre ele e Rocha tem uma grande importância para o que será contado. O narrador-personagem revela que é por meio dessa amizade que sua mãe e ele mesmo foram salvos. O narrador, apesar de todas as desconfianças nutridas com relação a Rocha, reconhece que Paulo foi um “homem extraordinário”, que lhe fora “mais que um pai”. No entanto, mesmo com toda essa declaração a respeito da importância de Rocha na vida de Luís, ele revela, no desfecho da narrativa, a falta de interesse em procurar por notícias do que teria acontecido com Rocha e Júlia, e se justifica de várias formas:

De Paulo da Rocha e Júlia, não mais tivemos notícias. A dificuldade das comunicações, agitação dos tempos e o cuidado da própria segurança haviam impelido uma pesquisa mais cuidadosa sobre o destino que levara o nosso salvador. Meu tio Lourenço, que se incumbira de colher notícias, prometera empregar nisso toda a diligência. Faltou-lhe persistência ou o tempo lhe foi absorvido pelos negócios... não sei. Eu era ainda muito criança para interessar-me ativa e insistentemente por qualquer coisa. Minha mãe, imersa na sua dor, não cuidava senão em chorar e rezar.⁸⁸

A voz do narrador Luís, por vezes, se posiciona como uma voz que condena os revoltosos chamando-os de “corja de bandidos”⁸⁹, de “fanáticos” possuidores de “uma alucinação religiosa e patriótica”, bem como mostra as crueldades praticadas a homens, mulheres e crianças.

⁸⁶ *Ibidem*, p.133.

⁸⁷ *Ibidem*, p.140.

⁸⁸ *Ibidem*, p.192.

⁸⁹ *Ibidem*, p.144.

Os viajantes que passavam por Vila Bela narravam a meia voz as façanhas desses **fanáticos** caboclos, vítimas de uma dupla **alucinação religiosa e patriótica**, e o faziam com tal exagero que infundiam terror aos mais destemidos. Diziam de homens queimados vivos, de mulheres violadas e esfoladas e do terrível correio, suplício que inventara a feroz imaginação de um chefe. Consistia em amarrar solidamente os pés e as mãos da vítima e embarcá-la assim em uma canoa que, entregue à correnteza do rio, abria água em poucos minutos. [...] ⁹⁰ (Grifos meus).

A voz de Luís é essa voz que traz consigo a visão da classe em que ele está inserido, a classe dominadora, possuidora de bens e de cargos públicos (o pai de Luís fora juiz de paz em Óbidos e Santarém), como aponta o próprio narrador: “Meu pai representava a civilização, a ordem, a luz, a abundância.” ⁹¹, que via na luta dos cabanos uma forte ameaça para a continuação de sua dominação, o que explica o motivo dos tapuios serem apontados como “fanáticos”. Como é possível constatar, esse personagem está ligado às ideologias de sua classe e por esse motivo reitera a visão que representa da instituição Estado. Esse narrador, em alguns momentos da história, se sente atraído pelos cabanos, sente o desejo de vê-los de perto, como no momento em que os rebeldes invadem o sítio de Andresa, mas, quando Paulo da Rocha declara ao padre que os cabanos lutam por que são “pobres miseráveis”, desprovidos das mesmas oportunidades dos brancos, ele se mostra confrontado, pois se sente ameaçado pelos cabanos, já que ele ocupava uma posição privilegiada na sociedade de Vila Bela (possuía uma casa grande, estudava latim e seus pais eram donos de escravos). Luís também muda a sua forma de agir com Paulo, homem a quem ele dedicava uma grande amizade, e passa a nutrir uma certa desconfiança para com o amigo: “Desde então as minhas relações com o velho do outro mundo sofreram uma modificação considerável. Comecei por minha vez a ter-lhe medo” ⁹². Mas o narrador se justifica:

Apesar da simpatia que sentia pelo velho, as suas idéias, os seus sentimentos contrariavam por tal forma os preconceitos da minha educação, que eu me sentia indignado pela amizade que, apesar de tudo, lhe dedicava. Envergonhava-me a admiração respeitosa que lhe votava. ⁹³

⁹⁰ *Ibidem*, p.148.

⁹¹ *Ibidem*, p.150.

⁹² *Ibidem*, p. 147.

⁹³ *Ibidem*, p. 147-148.

É nesse sentido que as ações de Luís demonstram sua ligação à classe social em que ele está inserido. Diante da fala de Paulo da Rocha, emerge em Luís todo o preconceito que lhe está arraigado, seu discurso muda completamente. Ele, o narrador, se refere a Rocha como “negro forro”, apontando claramente sua condição “superior de branco” e a condição “inferior de negro”, colocando Paulo na condição que ele considerava adequada à sua raça⁹⁴, além de justificar, como um castigo merecido, todas as injustiças e sofrimentos (morte da esposa Margarida, a pobreza e a marginalização em Vila Bela) que Rocha enfrentou:

Hesitava em atribuir as suas palavras ao atrevimento de negro forro. Pareciam-me antes devidas ao influxo diabólico ou à caducidade da razão. Como se poderia admitir que falasse um homem de cor aquela linguagem ousada e independente? Os sofrimentos que aturara não justificariam o desrespeito às classes ricas às instituições do país, pois não passava de um castigo severo, mas merecido da sua rebelião.⁹⁵

A voz do personagem e narrador do conto de Inglês de Sousa, no trecho em que apresenta os crimes praticados pelos cabanos, assemelha-se à voz do narrador do livro *Motins Políticos* (1865-1890), de Domingos Antônio Raiol, que descreve os cabanos como homens perversos e criminosos, adjetivados como “facínoras”, capazes de cometer crimes brutais contra pessoas indefesas; como podemos verificar no episódio que registra as ações de roubos, estupros e assassinatos cometidos por Jacó Patacho e Saraiva na Baía do Guajará.

Refere-se que na baía do Sol junto à ilha chamada do queimado êle (*sic*) (Jacó Patacho) no mês de outubro se apoderara de uma canoa que passava do distrito de Vigia para a capital, **matando a sangue frio** quase tôdas (*sic*) as pessoas que resistiram aos seus criminosos intentos. Eram três homens e duas mulheres que transportavam para o mercado de Belém as suas produções.

Acometidos inesperadamente ao passarem por aquela paragem, êles (*sic*) muniram-se de terçados e paus, únicos instrumentos que tinham, e se prepararam para repelir os agressores, mas os **facínoras**, lançando mão de suas espingardas e sem lhes dar tempo para o menor ato de defesa desfecharam-lhes tiros certos: momentos depois deram todos a alma a

⁹⁴ É importante destacar que durante este período de tempo no qual se desenvolve a ação narrada, 1932, o Brasil ainda não havia decretado a abolição da escravidão em seu território. Abolição só aconteceu, oficialmente no Brasil, em 13 de maio de 1888.

⁹⁵ SOUSA, 2005, p. 148.

Deus. Os **facinorosos**, não tendo mais que temer, abordaram então a canoa, **investiram contra as mulheres, tentando forçá-las aos seus fins lascivos**. Elas porém opuseram a mais desesperada resistência conseguindo após enérgica luta lançarem-se ao rio, extenuadas e quase sem vestes.

Aí foram perseguidas. Uma delas pouco durou; apenas veio à tona d'água para dizer adeus ao mundo. **A outra foi prêsá (sic) pelos cabelos, arrastada até a borda da canoa e por fim arremessada para dentro da tolda com infernal alegria**. A infeliz só foi abandonada depois de **ter servido de pasto aos danados intentos de tais homens**. Seus **algôzes (sic)** a deixaram no dia seguinte em uma pequena praia à margem austral da baía, donde pessoas que casualmente por ali passaram, a conduziram em estado de completo abatimento finando-se dentro de poucos dias [...] (Grifos meus)⁹⁶

Nesse fragmento da narrativa de Raiol, assim como no fragmento destacado na comparação do conto “A quadrilha de Jacó Patacho”, o episódio de invasão dos cabanos a um sítio em Abaeté, destacado anteriormente, é possível perceber que o narrador descreve os acontecimentos pontuando os papéis de vítimas e de vilões dos personagens. A Cabanagem é pintada como um quadro de atrocidades, de crimes bárbaros praticados pelos rebeldes “incivilizados” durante a revolta.

Outro personagem que simboliza a dominação é padre João da Costa do Amaral. Personagem que tem uma participação importante na história, é um dos refugiados da invasão cabana à vila, que se esconde no sítio do Andirá juntamente com Luís, Paulo, Mariquinhas e Júlia. Esse personagem é apresentado como padre e português e suas características físicas convergem para a construção de um homem que possui um bom caráter, reiterando a visão de que o português era bom e civilizado: “Padre João era o beijinho dos vigários, alto, gordo, alentado, de cores sadias e de sorriso afável, de cabelos da cor da noite e de tez da cor de leite, de caráter bondoso e modos francos [...]”⁹⁷.

Padre João representa a voz da Igreja, de uma classe favorecida na sua condição de “representante de Deus”, “da moral” e “da ordem”, além de representar também o português, o branco e o colonizador. A fala do padre aparece na narrativa condenando as ações dos revoltosos, “fanáticos sanguinários”. É uma voz marcada pelo medo da invasão à Vila, pelo medo do encontro com os revoltosos, e que se esconde num discurso de preocupação com o povo. Vejamos um trecho:

⁹⁶ RAIOL, 1970, v. 1, p.285-286.

⁹⁷ SOUSA, 2005, p. 138.

[...] — Oh! — continuou ele (padre João), depois de uma pausa, e como receando que fossem mal interpretadas as suas palavras. — Deus me é testemunha de que não temo por mim, mas por estes povos infelizes, que serão vítima da minha involuntária culpa.⁹⁸

Na fala do padre João, encontramos um discurso que contradiz o seu próprio posicionamento dentro da sociedade, o de ter sempre a fé, a confiança na “Providência Divina”, pelo fato de que em alguns momentos ele declara não conseguir esperar pela providência “[...] Não podemos ficar de braços cruzados, à mercê da Providência [...] De que vale ser ministro do altar? Para esses fanáticos sanguinários, a minha antiga nacionalidade é crime que tudo faz esquecer!”⁹⁹, e em outros ele apenas se entrega a essa possibilidade: “— Entreguemo-nos à Divina Providência, o melhor amparo dos que padecem.”¹⁰⁰

Mariquinhas é um personagem que, assim como padre João, desempenha uma função de destaque na história, e participa de momentos importantes da narrativa. Vale a pena destacar que, apesar de Mariquinhas ter a sua importância, o narrador revela poucas informações a respeito dessa personagem, o leitor tem apenas alguns dados: ela é a mãe de Luís e esposa de Guilherme da Silveira. Além disso, essa personagem tem poucas oportunidades de expor o seu ponto de vista acerca do que acontece ao seu redor. No entanto, mesmo com poucas falas, é possível constatar que a voz de Mariquinhas soma-se à voz de Luís e à do padre João, pois é a voz de uma mulher ligada à classe social mais favorecida, voz de quem ocupa um papel de destaque, esposa de um homem que fora juiz de paz. É importante observar também que em um momento do texto o narrador lhe dá a oportunidade de assumir o papel de enunciadora do discurso, e sua fala aparece em discurso direto. Nesse momento, ela fala em tom de desespero, desabafa e expõe sua visão sobre a revolta, condenando os cabanos, apontando a luta como uma mera vontade de roubar e matar: “— Isso dizem os cabanos para esconder os seus torpes motivos. O que eles querem é matar e roubar.[...]”¹⁰¹.

Mariquinhas é uma personagem que traz consigo o preconceito de cor e de posicionamento social, pois, mesmo depois que Paulo da Rocha lhe havia salvado, a personagem não consegue confiar no *mulato* “[...] Não posso explicar

⁹⁸ *Ibidem*, p.142.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 141-142.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p.170.

¹⁰¹ *Ibidem*, p.168.

uma tal desconfiança, mas minha mãe, principalmente, não se soubera despir de antigos preconceitos, nem podia olhar com segurança para o mulato”¹⁰². Como podemos verificar, essa personagem está arraigada na tradição dos dominantes, em suas origens e em todos os preconceitos de sua classe, fato este notável na sua relação de desconfiança com Paulo, um homem simples, pobre e participante da revolta de Pernambuco.

O último personagem a ser observado, representante da dominação, é o tenente-coronel Miranda, personagem que aparece no final da narrativa. Desempenha uma função importante, revelar o que aconteceu com Júlia e Paulo, já que esses fatos não são do conhecimento do narrador. Dessa forma, o narrador abre espaço para que Miranda relate o que presenciou em combate com os cabanos. Miranda, ao falar sobre esses fatos, se gloria de ter participado como capitão da missão que pôs fim ao acampamento de Matias Paxiúba, e mostra a fita em sua farda como prova de seu feito “heróico”. Vejamos a narração do tenente-coronel:

— Eu era capitão nesse tempo e comandava a companhia encarregada de bater os matos de Vila Bela, onde o bando de Matias Paxiúba se ocultava. Os cabanos, apesar das fumaças de valentia, não ousavam encontrar-se com as forças legais, e fugiam-lhes na frente, deixando os vestígios de sua crueldade em mortes, incêndios e desolação. Afinal, depois de muito trabalho, consegui descobrir o acampamento da quadrilha principal, que era então à margem do lago da Francesa. Cheguei à meia-noite à beira do lago e pus cerco ao acampamento. A princípio, Matias Paxiúba quis resistir. Houve um tiroteio vivo de mais de duas horas. Mas afinal, pela madrugada, os caboclos cobraram medo e começaram a abandonar o chefe. E como? Adivinhe o senhor doutor como aquela súcia fugia! Atirando-se à água. Muitos deles foram mortos a tiro, outros se afogaram, alguns foram comidos de jacarés. Quando descobri a fuga, mandei ativar o fogo. Ardeu uma das palhoças, e não tardou o fogo a pegar em todas...
— Os que não se atiraram à água foram poucos. Mulheres e crianças foram queimadas. Era natural. Nós não lhes podíamos acudir. O que é lamentável é que só se fizesse um prisioneiro, mas esse era de muita importância.¹⁰³

Essa narrativa, proferida por Miranda, revela com muitos detalhes a ação dos guardas encarregados de pacificar a revolta. Descreve a ação cruel, as mortes e as destruições geradas pelo confronto. Através da voz desse personagem, temos o

¹⁰² *Ibidem*, p.166.

¹⁰³ *Ibidem*, p.195-196.

ponto de vista dos guardas das forças legais, que acham natural a morte de homens, mulheres e crianças, revelando que a única coisa a ser lamentada é a prisão de apenas um cabano. A cena destacada acima se assemelha muito à cena de invasão dos cabanos à Vila Bela, sobretudo no que diz respeito à ação de destruição que causou mortes, fugas desesperadas e a queima de casas, como a queima da casa de Luís; a única diferença consiste na inversão dos papéis, pois na cena narrada por Miranda quem comete as atrocidades são os guardas do governo e não mais os cabanos.

Esse espaço aberto dentro do conto inglesiano de exposição dos crimes cometidos pelos guardas, que buscavam controlar a revolta, é importante porque traz o tema da Cabanagem para uma narrativa que foi publicada inicialmente em 1877, no jornal *A Província do Pará* e depois publicada em 1893, em forma de livro, na coletânea de contos do escritor paraense, uma reflexão acerca dos muitos crimes praticados durante a revolta pelos cabanos e pelo Estado. Essa narrativa aborda um assunto ainda recente, tendo em vista que a Cabanagem só terminou de fato, como aponta Di Paolo (1985), após a anistia dos rebeldes, que se iniciou em 1839, no governo de Souza Franco, e terminou em 1840 com a anistia geral, no governo de João Antônio de Miranda.

O escritor paraense tocou em uma "ferida" que há pouco tempo havia se fechado. Falou sobre a Cabanagem, quando muitos participantes ainda estavam vivos e a população de Belém e da Amazônia como um todo voltava a crescer, já que uma grande parte da população desta região foi dizimada durante a revolução¹⁰⁴. Sousa tocou em um assunto que os governantes buscavam esquecer, pois a Cabanagem era a lembrança de que a população tinha a capacidade de assumir o poder. No entanto, se esse fato fosse lembrado, deveria ser lembrado como um mau exemplo que não poderia ser seguido, como descreveu Domingos Raiol, contemporâneo de Inglês de Sousa, uma série de motins, sem ordem, sem liderança, sem um projeto político, como um movimento que gerou apenas mortes e destruição.

Na narrativa "O Rebelde" temos a possibilidade de ver muitos personagens ganharem a oportunidade de falar sobre os motivos que os levaram à

¹⁰⁴ Segundo Domingos Antônio Raiol o número de mortos durante a Revolução cabana é de mais de 30 mil pessoas, o que pode ser considerado um genocídio, tendo em vista que a população amazônica contava cerca de 100 mil habitantes e Belém com cerca de quase 15 mil.

luta armada, bem como os personagens que representam a visão do Estado. Todas essas vozes que defendem a visão do Estado convergem para um único ponto: mostrar a situação instável durante a revolta cabana a partir do olhar da classe social mais abastada, dos portugueses, dos brancos, em outras palavras, de como uma classe social que detinha o poder político e econômico da região enxergou a revolta. E o outro lado?

3.3 – Vozes dos dominados?

As ações realizadas durante a Cabanagem são contadas pela voz do narrador e de outros personagens, como foi verificado nas observações acima. No entanto, apesar de muitos personagens falarem sobre as ações dos cabanos, os revoltosos só são descritos com uma riqueza de detalhes quando o narrador se encontra de fato com esses personagens, o que acontece na cena de invasão dos cabanos ao sítio de Andresa. Georg Lukács, em *Ensaio sobre literatura* (1965), a respeito da descrição afirma que: “A descrição torna presente todas as coisas. Contam-se, narram-se acontecimentos transcritos, mas só se descreve aquilo que se vê, a “presença” espacial confere aos homens e às coisas também uma presença temporal [...]”¹⁰⁵. Essa assertiva de Lukács caracteriza, por assim dizer, o que acontece no texto inglesiano, pois o narrador só descreve os detalhes dos personagens quando tem diante dos olhos a figura do cabano. Dessa forma, o narrador presentifica os personagens e os objetos, descreve a maneira como homens e mulheres se vestiam, a fisionomia dos rostos dos rebeldes, bem como o hábito de trazerem pendurado à cintura uma embira cheia de orelhas humanas, o que segundo o narrador significa a valentia e a perversidade do grupo. O texto inglesiano não pára na mera descrição física dos cabanos, há um ponto importante com relação à participação desses personagens, há ainda um acréscimo, pois em certo momento da narrativa o próprio cabano ganha voz e expõe a sua visão sobre os fatos que o levaram a começar a luta, fato que surge como um diferencial dentro do texto de Sousa. Vejamos a fala de um cabano: “[...] — Branco mata e rouba o tapuio aos bocadinhos. Tapuio mata o branco de uma vez, porque o branco é

¹⁰⁵ LUKÁCS, 1965, p.65.

maçom e furta o que o tapuio ganha”¹⁰⁶. Nessa fala, um dos “tapuios” tenta mostrar que o “branco” não é melhor que os revoltosos, visto que ambos matam; no entanto, a diferença está na forma, já que para o cabano o branco mata aos poucos por meio da exploração e o tapuio mata de uma vez, logo, ambos estão cometendo os mesmos crimes só que de formas diferentes.

Essa fala surge dentro de todo o contexto da narrativa como uma força poderosa, capaz de apontar todo o desejo de luta e de justiça do “tapuio”; desejo que consiste em acabar com a exploração que há anos lhe havia sido imposta pelo “branco” e por toda uma sociedade comandada pelos conquistadores portugueses, apesar da aparente liberdade alcançada pelo brasileiro com a independência do país. Essa fala também revela uma tentativa de reiteração da Cabanagem como um movimento de vingança popular, como um acerto de contas entre os pobres e os ricos. Chiavenato (1984) afirma que esse tipo de justificativa para a luta cabana foi amplamente divulgado pela classe dominante, com o objetivo de reduzir os motivos que levaram o povo à luta armada e à expressão de seus “baixos instintos”, ou seja, a “pura vingança popular”; com outras palavras “Os cabanos fizeram na guerra o que sofriam na paz.”¹⁰⁷. Mais uma vez podemos dizer que o narrador usa uma estratégia para confirmar o seu ponto de vista, dá voz ao cabano que se expressa mostrando sua luta como um desejo de vingança. Diante dessa constatação nos perguntamos: até que ponto essa fala do cabano representa o seu ponto de vista sobre a revolta?

Um dos líderes da revolta, Matias Paxiúba, aparece no conto como um personagem que é temido pelos portugueses, adjetivado pelo narrador como “feroz”, “cruel” e “desapiedado”, possuidor de uma “voz de trovão”, surge como uma figura quase mítica dentro da narrativa. Paxiúba representa o ponto de vista dos rebeldes de 1832, representa toda uma classe que é marginalizada, é descrito pelo narrador como:

[...] a ignorância, a superstição, o fanatismo, a rebelião do pobre contra o rico, o longo sofrimento da plebe sempre esmagada e sempre submissa. Era como um protesto ambulante contra a civilização egoística e interesseira dos brancos, a miséria popular com todo o seu cortejo de vícios hediondos e de crimes heróicos.¹⁰⁸

¹⁰⁶ SOUSA, 2005, p. 180.

¹⁰⁷ CHIAVENATO, 1984, p.152.

¹⁰⁸ SOUSA, 2005, p.150.

Diante dessa descrição de Paxiúba, constatamos que o narrador reconhece esse personagem como um símbolo da luta dos cabanos. Reconhece em Paxiúba a presença de um autêntico rebelde, de alguém inconformado com o domínio do português sobre o tapuío, dos ricos sobre os pobres, de alguém capaz de lutar e destruir o sistema de poder e dominação. Lukács (1965) destaca que o método descritivo foi muito usado pelos escritores naturalistas, que tinham como objetivo construir uma literatura científica; no entanto, essa tentativa de objetividade naturalista caiu em um maior subjetivismo, pois o ato de descrever está intimamente ligado ao ponto de vista do narrador, ou seja, quem descreve um objeto, uma situação, um personagem parte de sua própria visão de mundo. Diante dessa constatação, podemos afirmar que essa suposta caracterização do cabano é, na verdade, a representação do que significou ou simbolizou o cabano para o narrador. É uma descrição e uma visão particular do narrador em questão.

A voz do personagem Matias Paxiúba aparece no texto como uma voz da vingança, de toda a revolta que impulsiona um desejo de acerto de contas entre o colonizado e o colonizador “— O filho dessa gente maldita – disse o tapuío em tom resoluto, - o filho de Guilherme da Silveira não pode viver. Tens que entregá-lo à vingança dos teus patrícios.”¹⁰⁹ Dentro dessa fala há o conflito racial e social. Traz-se à cena a relação conquistador *versus* conquistado, o personagem de Guilherme da Silveira, juiz de paz, português, representado a essa altura pelo filho e único herdeiro, *versus* o personagem de Paxiúba, o brasileiro. Esses personagens caracterizam bem a luta entre o conquistador, representando a “civilização”, a “ordem”, a “luz”, a “abastança”, e o conquistado representando a “ignorância”, a “superstição”, o “fanatismo”.

Outro momento em que encontramos a voz dos revoltosos no texto representada em discurso direto está no momento da invasão de Vila Bela, em que ecoa o grito de guerra da Cabanagem “— Mata marinheiro, mata, mata!”¹¹⁰, mostrando a força e o desejo de vingança dos revoltosos. O grito, ao ser ouvido pelos portugueses, gera pânico e desespero, é também um dos barulhos que acorda Luís, ainda menino, em sua casa durante a invasão. É um grito que traz consigo uma ação - “matar” - um desejo e ao mesmo tempo uma ordem, um imperativo - “mata” -, e o alvo dessa ação é o “marinheiro”, simbolizado, nesse contexto, pela

¹⁰⁹*Ibidem*, p.188.

¹¹⁰*Ibidem*, p.158.

figura de Guilherme da Silveira e por outros portugueses representantes da injustiça, na visão dos revoltosos.

Os revoltosos, apesar de terem voz na narrativa e de exporem os motivos que os levaram à luta, ainda aparecem em uma quantidade reduzida, se comparados ao número de personagens representantes dos brancos, portugueses, que condenam o movimento. Isso pode ser explicado pelo fato de o narrador possuir uma visão negativa sobre os cabanos, já que ele teve sua vida atingida diretamente pela revolta na qual perdeu a casa, o pai e os amigos Rocha e Júlia.

Além de todas as vozes dos dominadores e dominados, há no texto uma voz diferenciada, a voz do personagem Paulo da Rocha, que se impõe como uma espécie de mediadora das outras vozes. Uma voz que analisa a situação social do país no contexto histórico em que ele está inserido; é uma fala reveladora da miséria enfrentada pelas classes menos favorecidas; da escravidão dos índios; da situação de colônia do Brasil após a proclamação da independência. É uma voz que destaca o porquê da revolta dos cabanos, a situação de marginalização e miséria dos revoltosos, mostrando um conhecimento e uma consciência política. Vejamos o momento em que o narrador reproduz, em discurso indireto, o ponto de vista do personagem Rocha:

Paulo da Rocha dissertou longamente sobre as causas da cabanagem, a miséria originária das populações inferiores, a escravidão dos índios, a crueldade dos brancos, os inqualificáveis abusos com que esmagam o pobre tapuio, a longa paciência destes. Disse da sujeição em que jaziam os brasileiros, apesar da proclamação da independência do país, que fora um ato puramente político, precisando de seu complemento social. Mostrou que os portugueses continuavam a ser senhores do Pará, dispunham do dinheiro, dos cargos públicos, da maçonaria, de todas as fontes de influência, nem na política, nem no comércio o brasileiro nato podia concorrer com eles. Que, enquanto durasse o predomínio despótico do estrangeiro, o negro no sul e o tapuio no norte continuariam vítimas de todas as prepotências, pois que eram brasileiros, e como tais condenados a sustentar com o suor do rosto a raça dos conquistadores. [...] ¹¹¹

Nessa fala de Paulo, recontada pelo narrador¹¹², o personagem cria diante do leitor um panorama da sociedade brasileira, fazendo com que sejam

¹¹¹ *Ibidem*, p.166-167.

¹¹² Com relação à técnica narrativa presente no conto, no que diz respeito ao discurso direto e ao discurso indireto, Antonio Candido, em *A nova narrativa* (1989), destaca que o uso do discurso direto e indireto na representação da fala dos personagens pelo narrador, na literatura naturalista, consistia numa tentativa de

conhecidos os problemas vividos durante o século XIX no Brasil. É feita uma crítica à organização do país, pois aponta a própria proclamação de independência como um ato político, que não possuiu um desdobramento social¹¹³. Expõe a dominação ainda existente do português sobre o brasileiro, em que o primeiro detinha os cargos públicos e de governo enquanto que o segundo continuava como vítima da exploração do estrangeiro.

Esse personagem, a meu ver, ganha mais profundidade, pois não defende somente o seu lado marginal ou tenta justificar os problemas com mais problemas. Pelo contrário, ele é capaz de descrever toda a situação social e política de sua região e até mesmo do país. Para Fábio Lucas, em *O caráter social da ficção no Brasil* (1987), um personagem ganha um caráter social quando o seu destino ou ações convergem para um quadro maior, a sociedade. É o que acontece com Rocha, pois é por meio dele que o leitor vê o quadro maior, de um lado dominados e de outro dominadores, e como resultado a situação vivida na Amazônia e no Brasil durante esse período.

O personagem Rocha também faz algumas considerações sobre a Cabanagem. Aponta o movimento paraense como uma extensão da Revolução de 7 de abril, e se questiona porque o governo do Rio de Janeiro, nascido de uma manifestação popular, perseguia o povo do Pará, que agora empreendia a sua luta por direitos. Rocha disserta que o motivo que levou o povo paraense à luta armada foi a miséria e o não reconhecimento de seus direitos enquanto cidadãos brasileiros.

[...] Bater os cabanos! Uns pobres diabos que a miséria levou à rebelião! Uns pobres homens cansados de viver sobre o despotismo duro e cruel de uma raça desapiedada! Uns desgraçados que não sabem ler e que não tem pão... e cuja culpa é só terem sido despojados de todos os bens e de todos os direitos [...] e quem disse ao senhor padre João que eu, Paulo da Rocha, o desprezado de todos em Vila Bela, seria capaz de pegar em armas contra os cabanos? [...]¹¹⁴

identificação do narrador com a personagem popular. Candido aponta ainda que essa técnica não foi muito comum no Naturalismo brasileiro, e acrescenta que a representação dos discursos dos personagens mais cultivados pelos escritores brasileiros foi o uso da “linguagem culta no discurso indireto (que o definia) e incorporação entre aspas a linguagem popular no discurso direto (que definia o outro), no indireto livre, depois de tudo já definido, esboçava uma prudente fusão”(CANDIDO, 1989, p.213).

¹¹³ O estado do Pará foi o último estado a aderir à independência do Brasil, sua adesão ocorreu quase um ano após o famoso grito às margens do Ipiranga, e foi assinada no dia 15 de agosto de 1823. Neste período o país era dividido em capitânicas e o território do Grão-Pará tinha ligação direta com Portugal e por tanto, pouco contato com o resto do país. Essa adesão não mudou absolutamente em nada a condição de vida das pessoas que viviam na província do Grão-Pará, apenas houve uma mudança de pertencimento do império português para o império brasileiro.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.144.

Na fala citada acima, Rocha defende a causa dos cabanos diante dos personagens padre João, Júlia e Luís, e afirma ser legítima a luta dos revoltosos. Mas durante um diálogo com um cabano, Rocha se contradiz, julga e condena as ações dos brasileiros, apontando motivos como a inveja para o movimento paraense: “[...] Mas os cabanos matam e roubam pelo simples prazer do crime, ou antes, porque invejam a prosperidade dos brancos”¹¹⁵. Em outra fala, Rocha expressa um sentimento de reprovação das práticas dos revoltosos: “— Senhor padre João, estou longe de aprovar os morticínios que têm feito os *brasileiros* por toda a parte [...]”¹¹⁶

Em alguns momentos da narrativa, Rocha é visto pelo narrador como um herói, uma figura agigantada, e uma figura quase mítica “[...] uma voz oculta me indicava um herói das antigas lendas [...] um homem como eu sonhava nos meus devaneios infantis”¹¹⁷.

Os raios do sol cadente, penetrando na humilde habitação, vinham ferir em cheio o crânio seminu do pernambucano, que, alto, ereto, agigantado e estranho, parecia outro homem, sem rugas no rosto, sem cansaço na voz, sem a habitual tristeza na fisionomia.¹¹⁸

Ao falar de herói, falamos de certa forma de uma estrutura social, pois, para Flávio Kothe (1985), o herói está intimamente ligado ao sistema social.

Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema. Rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras. Nenhuma obra literária consegue ser a totalidade, mas o percurso do herói pelo alto e pelo baixo pode ser um índice de totalização, uma totalidade indiciada.¹¹⁹

Ao nos perguntarmos quem é o herói, e por que é herói, nos perguntamos também a partir de qual ponto de vista alguém é herói em uma

¹¹⁵ *Ibidem*, p.179.

¹¹⁶ *Ibidem*, p.147.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 132.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 146.

¹¹⁹ KOTHE, 1985, p.8.

narrativa, e quem o legitima como tal. Kothe (1985) afirma que uma classe elege o seu herói e tenta legitimar por meio dele a sua posição social e a sua estrutura de dominação e controle; e ressalta que “[...] o herói é, portanto, estratégico para decifrar o texto como contexto estruturado verbalmente”¹²⁰, ou seja, a partir da observação de um herói é possível se apreender do texto qual a classe que provavelmente domina ou dominava em um dado contexto social.

O personagem de Paulo é visto na narrativa de diversas formas. Em alguns momentos ele é adjetivado como o pernambucano, o rebelde de 1817, o *velho do outro mundo*, o mulato, o velho feiticeiro, o sineiro da matriz ou estranho sineiro da Matriz, mas, acima de todas essas características que lhes são atribuídas, ele é apresentado como o “grande herói” da história. Paulo da Rocha começa o conto numa condição de pouco destaque, é desprezado, alvo da desconfiança da população. O próprio lugar onde está localizada a sua casa revela a situação de marginalização social desse personagem, a rua do cemitério; depois ele se “eleva” mostrando-se um herói corajoso ao salvar Luís, a esposa de Guilherme da Silveira e padre João no momento da invasão da vila pelos cabanos. Nesse momento da narrativa, Paulo aparece com um homem piedoso, corajoso e confiável; isso se evidencia quando Guilherme de Silveira lhe confia a vida do próprio filho, pedindo-lhe que proteja o garoto da fúria dos cabanos. Em um terceiro momento, Paulo é “rebaixado” novamente ao ter sua filha Júlia capturada pelos cabanos. Mas a sua redenção aparece no final da narrativa: ele passa muitos anos preso na cadeia, confundido como um dos cabanos, fato ocorrido por ele ter trocado a sua liberdade e a vida de sua filha pela vida de Luís. Seu desfecho é grandioso, pois ao ganhar a liberdade morre sem condenar seus algozes, dono de uma grande bondade. Motivo que leva o narrador a compará-lo ao símbolo maior de amor e perdão da religião cristã, Jesus Cristo, e compara o seu sorriso com o de Cristo no alto da cruz.

O pernambucano parecia ter mais de cem anos. Rugas profundas cortavam-lhe o bronzeado rosto em todos os sentidos. O corpo era de uma magreza extrema de vida que se esvai. Só lhe ficara o olhar, o olhar sereno e claro, e um sorriso de resignação e de bondade, o sorriso que teve Jesus de Nazaré no alto da cruz. [...] levei-o para minha casa, onde dois dias depois expirou nos meus braços. Voou aquela sublime alma para o céu sem murmurar contra os seus algozes.¹²¹

¹²⁰ *Ibidem*, p.8.

¹²¹ *Ibidem*, p.198-199.

Na voz do narrador, o personagem Paulo da Rocha se assemelha aos heróis românticos quando lembramos que estes são capazes de grandes atitudes, inclusive de dar sua vida ou a vida das pessoas que ama pela de outra pessoa, é o que Rocha faz: dá a vida de sua única filha pela vida de Luís. Diante dessa atitude heróica de Rocha, é necessário um questionamento: essa atitude de Paulo é heróica para quem? Constatamos que essa atitude de Paulo é heróica para a visão do narrador, pois foi por meio dessa atitude que ele, Luís, foi salvo das mãos dos cabanos. No entanto, se olharmos por outro lado, sua atitude não foi tão heróica assim, pois ele deixou sua filha, uma moça tão dedicada a ele, “[...] Serena, silenciosa, atenta ao menor desejo do pai para preveni-lo e contentá-lo, parecia que a sua vida dependia da vontade daquele homem [...] A mocinha lhe conhecia todos os gestos e as mais insignificantes predileções [...]”¹²², entregue nas mãos dos cabanos sem nenhuma possibilidade de fuga, não permitindo que seu amor de pai falasse mais forte. Essa atitude de Paulo também legitima a sua condição de dominado, pois mesmo ao ter a sua própria filha correndo risco de morte, ele escolhe a vida do filho do juiz de paz, mostrando sua subserviência aos portugueses.

Por outro lado, Paulo da Rocha foge à regra dos heróis românticos, que eram descritos como homens fortes, de boa aparência, de estatura ideal. Rocha é caracterizado como um herói que não possui essas características físicas ideais. É descrito como um personagem naturalista, com traços fortes, estranhos e grotescos. Alfredo Bosi (1994) destaca que nesse período os romances apresentam “seres distorcidos ou acachapados pelo *Fatum*”¹²³, mostrando que a própria construção dos personagens reflete, de certa forma, os princípios de representação naturalista. Rocha é descrito como “velho”, “curvado”, tinha “a grande cabeça calva, o nariz adunco, as olhos vivos, uns olhos de ave de rapina, a boca enorme, ornada de belos dentes [...]”¹²⁴. Paulo apesar de não ter as características habituais dos heróis é descrito pelo narrador como um “grande herói”.

Como foi dito anteriormente, Rocha demonstra em várias situações uma atitude de servo, fato que se evidencia no desfecho da narrativa, mas que aparece ao longo do texto de forma mais sutil, como por exemplo, o trabalho que Rocha

¹²² *Ibidem*, p.135.

¹²³ BOSI, 1994, p.173.

¹²⁴ SOUSA, 2005, p.132.

desempenha na igreja. Ele exerce os cargos de sacristão e de sineiro da matriz demonstrando uma grande satisfação em realizar essas tarefas, já que ele é sempre o primeiro a chegar à igreja. Essas atividades de Paulo, se não olharmos com os olhos do narrador, caracterizam na verdade uma satisfação em ser servo, de servir à igreja e ao padre, é uma confirmação de sua postura de aceitação de sua condição marginal.

Ao amanhecer do dia, quando se abriam as portas uma a uma, e só se viam na rua raros tapuios sonolentos, caminhando pesadamente para o serviço, Paulo saía de casa e atravessava a vila em direção à igreja. Era ele que dava o sinal da missa matutina e preparava o templo. Enfiava a velha opa, pingada de cera amarela, e punha-se à espera do vigário que não tardava em chegar [...]¹²⁵

A partir dessa constatação, é possível perceber o caráter conformado de Rocha. Conformado com a sua condição de servo, de subserviência aos portugueses; conformado com a sua condição social marginal; conformado com a vida simples e sem conforto que leva junto com a filha. Rocha demonstra, com essa atitude, uma certa contradição, pois seu personagem é caracterizado como um homem rebelde que não aceita a imposição do dominador. Ele participou da revolta de Pernambuco em 1817, no entanto, diferentemente desse caráter rebelde, Rocha aceita a atitude das pessoas que não lhe cumprimentam, lhe julgam e lhe impõem uma marginalização social. A partir da visão do narrador, Rocha mostra-se conformado como o seu modo de vida sem conforto, conformado com a pobreza que lhe é imposta: “Paulo e a filha viviam pobremente, concentrados e tranqüilos naquela casinha pitoresca cujos arredores floridos e desertos inspiravam uma doce melancolia.”¹²⁶

Paulo da Rocha juntamente com os outros personagens trazem a voz da exclusão social, possibilitando ao leitor a oportunidade de conhecer um outro lado da revolta, o lado dos que foram marginalizados pelo governo, pelos portugueses, pela população detentora de maior poder aquisitivo, bem como a situação política e social do Brasil no período pós-independência. De maneira geral, o conto, em sua totalidade, por meio das vozes dos personagens e do narrador, nos possibilita

¹²⁵ *Ibidem*, p.137-138.

¹²⁶ *Ibidem*, p.136.

conhecer mais uma versão sobre a revolução cabana. Por meio dos truques e contradições nas falas dos personagens, podemos perceber os interesses, o posicionamento social, econômico e ideológico de quem contou a narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa sobre autores e obras que abordam o assunto Cabanagem, verifiquei que cada enfoque histórico traz informações variadas. Algumas narrativas de historiadores se assemelham, outras apresentam posicionamentos diferentes. Em um das obras abordadas nesse trabalho, a Cabanagem foi descrita como um movimento de barbárie, como uma ação popular sem objetivos e como uma luta racial. Essa visão do movimento cabano como uma ação desorganizada, como “motim”, está presente na obra de Domingos Antônio Raiol(1865-1890), *Motins Políticos*, do século XIX. Em outras obras, a Cabanagem foi descrita como uma revolução, como uma luta popular organizada em que a população mais pobre tomou o controle da capital da província do Grão-Pará, além de ser classificada como o único movimento político ocorrido no Brasil em que o povo assumiu o poder. Essa visão encontramos nas obras *Cabanagem: o povo no poder* e *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*, de Julio José Chiavenato e Pasquale Di Paolo, respectivamente, ambas do século XX. Nesse sentido, é possível afirmar que essas abordagens da Cabanagem são versões; versões que estão ligadas ao momento histórico em que foram produzidas; versões que recebem, de certa forma, influência de quem as conta, de seus posicionamentos políticos e ideológicos; versões que, em determinada época, “calaram a voz do povo”, que tentaram “apagar” a participação do povo na luta pela construção política e social do Brasil; versões que optam por narrar os fatos a partir dos documentos ditos “oficiais”, a partir da ótica dos governantes e de seus interesses; versões que, em outras épocas, elegeram o povo como ponto de partida para se “reconstruir o passado”, redimensionando a abordagem historiográfica, adotando a perspectiva dos derrotados, de homens e mulheres que não possuíam documentos ou registros oficiais de suas ações e decisões, para narrar os acontecimentos dessa revolta.

Nessa discussão acerca das várias perspectivas históricas de narrar, encontrei muitas versões e percebi que cada uma levanta a “bandeira da verdade”, do contar um fato de forma imparcial e neutra. No entanto, constatei que tal objetivo é uma utopia, como afirmou Décio Freitas (2005) “A ambição dos historiadores de reconstruir o passado é, a bem dizer, inatingível.¹²⁷”, já que a ação de reconstruir o

¹²⁷ FREITAS, 2005, p.12.

passado nos seus mínimos detalhes é um trabalho quase impossível de se realizar, tendo em vista que esse recontar está ligado aos documentos e aos testemunhos, que por sua vez dependem da experiência de quem os produziu, e são, portanto, construções ideológicas. Outro ponto importante no que diz respeito à ação de reconstruir o passado, está no trabalho do próprio historiador que, ao realizar sua pesquisa, ao selecionar os testemunhos e os documentos, faz interpretações de acordo com as suas concepções políticas, sociais e ideológicas.

Somam-se a essas versões da história, as versões desenvolvidas nos textos literários, que por estarem pautados na idéia de ficção (apesar de algumas escolas literárias como o Realismo e o Naturalismo lançarem a proposta de representação mais próxima e exata da realidade) mostram-se como um campo aberto, no mundo ficcional, para a discussão dos fatos ocorridos no mundo real. É o que afirma Umberto Eco, a literatura se apóia no mundo real para a construção do universo ficcional. Nesse sentido, o texto literário, “isento” da responsabilidade da historiografia de descrever a realidade de forma exata e fiel, abre as portas para um diálogo entre o que aconteceu e o que poderia ter acontecido; reconstrói, cria personagens e acrescenta detalhes aos fatos ocorridos na vida real construindo sua versão.

É o que acontece no texto “O Rebelde” de Inglês de Sousa, em que a Cabanagem aparece como parte do enredo do conto. Nessa narrativa, há uma versão literária da Cabanagem que foi produzida no final do século XIX pelo escritor paraense. Quem conta a história é um narrador que presenciou durante a infância os acontecimentos da revolução cabana no espaço em que morava, Vila Bela. Na leitura e análise do conto, percebi a presença de dois blocos de personagens: de um lado temos os personagens que representam a classe mais favorecida, descendentes de portugueses, representantes da igreja, ocupantes de cargos públicos, donos de terras e escravos - os dominadores; de outro lado os personagens que simbolizam a exclusão e a marginalização social, como Paulo e Júlia e outros que atravessam as páginas do conto, que não recebem nomes, mas são apenas denominados cabanos - os dominados.

Na obra temos os dominadores e os dominados, e ambos os lados expõem seus motivos para aprovar ou reprovar a Cabanagem. Os dominadores reprovam as ações dos revoltosos por que vêem suas posições na estrutura política ameaçadas. Esses personagens julgam as ações dos rebeldes como uma mera

vontade de roubar e matar e classificam a revolta como uma manifestação de um povo incivilizado. Já os dominados defendem a revolta e justificam suas causas, mostrando que o motivo que levou o povo paraense a iniciar uma luta armada estava na condição de miséria e falta de oportunidades que a maioria da população vivia. A fala dos cabanos revela também um desejo de acerto de contas, de vingança pelos anos de exploração do português sobre o tapuío. Nesse viés, a narrativa inglesiana apresenta a situação da sociedade de Vila Bela nos anos de 1832. Mostra a violência cometida pelos rebeldes, que invadiam casas, saqueavam sítios e matavam portugueses, bem como a violência praticada pelos governantes, que condenaram os tapuíos à miséria, além da violência cometida pelos guardas que procuravam pacificar a revolta, matando homens, mulheres e crianças como no cerco a um refúgio de cabanos, narrado por um guarda do governo.

Ao longo da leitura e análise do conto percebi que a narrativa inglesiana é cheia de truques. Em alguns momentos é possível perceber que o narrador dá voz aos personagens, não com o objetivo de expor o ponto de vista da classe ou grupo que o personagem representa, mas com a intenção de, por meio da voz do personagem, legitimar a sua própria visão de mundo. Outro momento em que podemos verificar essa estratégia do narrador ocorre quando o personagem de Paulo da Rocha é elevado à condição de “grande herói”, ele torna-se herói por que preferiu a vida de Luís ao invés da vida de sua filha. Dessa forma, temos mais uma vez a visão do narrador prevalecendo na construção da história contada.

Nesse estudo percebemos que, apesar da divisão dos personagens em dois blocos, da posição dos personagens estarem bem marcadas no texto, eles mudam de posições no desenrolar dos acontecimentos. Em alguns momentos, quem é inicialmente dominador passa a condição de dominado e vice-versa. Essa mobilidade acontece nas relações estabelecidas entre os personagens por que a ameaça de revolta se concretiza e as estruturas de poder sofrem mudanças. Quem dominava passa a ser dominado e quem era dominado assume a condição de dominador. A vila é invadida, casas que simbolizavam o poder do Estado, como a casa de Guilherme da Silveira, juiz de paz, é queimada e totalmente destruída, fato que caracteriza a mudança, o poder está nas mãos dos rebeldes e não mais do Estado.

Diante das versões da história e da literatura, verifiquei que elas não se anulam ou se sobrepõem, acredito que cada uma tem a sua importância e as suas

limitações. Ambas criam narrativas verossímeis, constroem versões de acontecimentos vividos pelo homem, e que, apesar de existir diferenças entre essas duas formas de conhecimento, diferenças acentuadas ao longo de muitos séculos pautadas na pretensão de verdade da historiografia e de ficção da literatura, ambas apresentam uma estrutura discursiva comum, a narrativa. Todas possuem um narrador que faz escolhas sobre o que será narrado. Nos textos históricos observados, o narrador se coloca na condição de optar ou pela história do vencido ou pela história do vencedor. Na literatura, o mesmo ocorre muitas vezes, mas no conto alvo do estudo em questão há espaço para os dois lados - vencidos e vencedores - se manifestarem. Outro ponto importante com relação a essas duas formas de conhecimento é que ambas se referem, como afirmou Paul Ricoeur, a modos diferentes de nossa existência individual e social, descrevendo e reescrevendo a nossa condição histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 16 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 33.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática. 1989. p. 199-215.

CHIAVENATO, Julio José. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORRÊA. Paulo Maués. *Contos Seleccionados de Inglês de Sousa*. Belém: Paka – Tatu, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1985.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental e obras fundamentais*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

ECO, Umberto. Bosques Possíveis. In: *Seis passeios pelos bosques da ficção*. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.81-102.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FREITAS, Décio. *A Miserável Revolução das classes infames*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

- GANCHO, Cândida Vilarés. *Como analisar narrativas*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KOTHE, Flávio R. *O Herói*. São Paulo: Ática, 1985.
- KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra In: HUNT, Lynn. *A Nova História cultural*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.131-173.
- LE GOFF, Jacques. História. In: *História e Memória*. 4 ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1996. p.17-165.
- LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: *A História Nova*. Organização de Jacques Le Goff. Tradução de Eduardo Brandão. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e Discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da ficção do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.
- LUKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever? In: *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1965. p.43-94.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. 3.ed. Rio de Janeiro / Brasília: José Olympio / INL, 1973.
- RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos: ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Grão Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Belém: UFPA, 1970, 3 vols.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RICCI, Magda. *História amotinada: memórias da Cabanagem*. Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas UFPA, Belém, v.12, n.1/2, 1993. p.13-28

RICCI, Magda. *Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840*. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v.11, 2006. p.15-40,

RICOEUR, Paul. *Historia y narrativa*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1999.

ROCHA, João Cezar de Castro (org). *Teoria da Ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDERJ, 1999.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Dedival Brandão da. *Cabanagem: Narrativas da Nação*. Belém: EDUFPA, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

SOUSA, Inglês. *Contos Amazônicos*. PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro Paixão (Org). 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *Literatura e Fantástico*. In: *Introdução à Literatura Fantástica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p.165-183.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXO

Esta primeira versão do conto “O Rebelde” de Inglês de Sousa foi publicada na *Província do Pará* nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26 de outubro de 1877.¹²⁸

A *Província do Pará* de Quarta-feira, 17 de outubro de 1877. A *Província do Pará* de 3 de janeiro a 30 de dezembro. Nº 228 a 523 Ano II

Folhetim 1

O sineiro da Matriz
CONTO DO AMAZONAS

Por
Luiz Dolzani

I

Si é verdade, disse o dr. Silveira, que o nível dos caracteres tende a baixar cada vez mais á medida que progride a corrupção geral, também á fora de duvida que ainda se encontram de tempos em tempos almas de tempera rigidissima, que passariam para os espiritos desprevenidos e superficiaes por criação de alguma imaginação duentia, produto das faculdades excitada d’algum poeta romantico. Nos nossos dias é tal a vilesa dos caracteres que o septismo enthronizou-se com apparencias de razão, e que a desgraça absoluta dos homens e das cousas apodera-se da mocidade logo ao sahir da escola, e a conduz por entre as mil vicissitudes da vida até o tumulto sem abandonal-a jamais. A antiga energia, aquella força, que sem duvida para os nossos netos será incrível pois já é prodigiosa para nós, desapareceram na quase totalidade em meio da confusão geral produzida por uma civilização bastarda como a nossa, em que o poder de dominar as proprias paixões é o mais difficil e raro dos privilegios do homem; mas devemos fazer as cousas peores do que verdadeiramente são: ha ainda ahi pelos recantos da mocidade brasileira um outro character, uma outra alma capaz de resistir a todas as desgraças, aos embates do mundo externo como aos do mundo interno, aos homens como ao proprio coração.

Esta grande virtude de saber vencer-se a si mesmo, e de pautar todos os actos da vida por uma rotina invariavel, ás vezes uma idéa fixa, uma obrigação imposta á cabeça, com quem nem sempre o coração pactua, este esquecimento de si que fazem os grandes homens e os grandes bandidos, são pelos poetas decantados como o grande ideal da humanidade, e pelos philosophos declarados pura e simplesmente uma doença: eu limito-me a admira-los, extremamente impressionavel que sou por tudo o que é bello por tudo o

¹²⁸ A grafia da língua portuguesa de 1877 foi mantida no texto *O sineiro da matriz*.

que sobresahe ás vulgaridades. Não distribuo a caracteres d'essa ordem nem louvor nem a censura. Não sou normalista. Aprecio simplesmente os phenomenos da natureza humana, e embora esta minha confissão possa parecer-vos pelo menos singular, amo tudo o que é grande e bello.

Conheci Paulo da Rocha em Villa-Bella em 1832 eu não passava então de um curomim (menino) de onze annos, curioso e vadio como todos os rapazes d'essa idade; Paulo da Rocha orçava já pelos sessenta annos, e era interessante de ver a amizade que nos ligava a ambos. O velho ríspido, e severo para os demais, era extremamente bondoso para commigo. Não sei que ima occulto atrahia para aquelle homem de cabeça branca, de quem meus paes não gostavam, e pelo qual sentia geramente a melhor gente da terra uma antipathia mesclada de horror. A causa desse afastamento da sociedade villa-bellense pelo velho do outro mundo, como o chamavam alli, eram duas principalmente, sem falar do gênio taciturno e sombrio do homem. Paulo era pernambucano, e fora um dos rebeldes de 1817, um soldado fiel de Domingos Theotonio e de Martins.

A fértil imaginação amazonense fizera logo do velho revolucionario um personagem mysterioso, fatal e perigoso, de cuja alma já estava de posse o diabo, ainda em vida do corpo. Empréstava-lhe o vulgo uma quantidade enormes de crimes horrosos, e diziam as velhas mexeriqueiras que ao bater da meia noite via-se vagar pelas ruas a alma do pernambucano, que purgava as suas culpas. As creanças fugiam á vista d'elle, e os roceiros benzian-se quando o viam passar curvado sob o pezo dos annos e da meditação constante, arrimado no seu bastão de massarandúba, com o craneo despido exposto aos raios do sol.

Toda a gente séria calava-se si elle apparecia, e fitava-o curiosa; as mães de familia faziam aos filhos a inútil recommendação de fugir as vizinhanças da casa de Rocha. O seu nome era o espantallo da creanças malcreadas, e a ameaça de del-o de presente ao velho do outro mundo fazia do menino mais travesso um manso cordeirinho. Apesar d'isto ou talvez por causa d'isto mesmo, a sympathia que eu votava a mestre Paulo era immensa. Desde a mais tenra infancia vivi sempre em contradição de sentimentos com os que me cercavam; gostava do que os outros odiavam, e o melhor titulo que poderia ter um homem ou uma cousa á minha affeição era o desprezo geral. Eu não podia ver um cão leproso que todos enxotavam com asco de junto de si, que não corresse a dar-lhe um pedaço de minha merenda. Depois a minha imaginação exaltava-se por qualquer cousa ao mesmo tempo que uma curiosidade immensa apoderava-se de mim; gostava do maravilhoso, e queria saber-lhe a ultima palavra: uma feiticeira encantava-me; sentia um desejo ardente de ver um lobisomem; e estremecia todo de medo e de prazer quando ouvia o piar em cima do telhado a agoureira coruja. Foi isso o que primeiro senti á vista de Paulo da Rocha; mas sem breve transformou-se esse sentimento n'uma sympathia ardente, n'uma amizade entranhavel que

para mim estava acima de tudo. Não sei que secreto presentimento me mostrava n'aquelle velho um heróe das antigas lendas que a minha avó me contava á luz mortiça da lamparina de azeite, um homem como eu sonhava nos meus devaneios infantis. Tudo no velho do outro mundo contribuía para augmentar o que eu sentia ao seu respeito. A sua grande cabeça calva, o seu nariz adunco, os grandes olhos vivos, uns olhos de ave de rapina, a boca enorme, ornada de dentes magnificos, cuja deslumbrante alvura era realçada por um perpertuo sorriso do Christo; a falla rapida, rouca e rispida, mas de uma ripidez franca, serena, boa, uma voz que me ia direito ao coração; o porte alto, a até aquellas rugas severas do rosto côr de cobre; o seu indifferentismo diante das vicissitudes comesinhas da vida; o mesmo caso que fazia ver no pernambucano um personagem ideal a phantastico, um homem como eu imaginava os meus heróes.

Enquanto os meus companheiros fugiam espavoridos só ao ouvir a nome de Paulo, toda a minha occupação era descobrir um novo expediente pra visital-o sem accordar a desconfiança de minha mãe. Nas horas da sésta meu pae, depois de me ter feito sentar em uma cadeira da sala, e de me ter posto a Arte latina aberta nas mãos, retirava-se para o seu quarto, e momentos depois resonava; minha mãe andava a dar uns gyros pela casa, mas acabava por fazer o mesmo que o marido; a casa ficava em silencio; as escravas agrupavam-se na cosinha e cochilavam conversando em voz baixa; só de vez em quando algum gallo invadia a varanda e cortava bruscamente o silencio acompanhando com seu canto barulhento as monotonas badaladas do relógio da parêde. Era então que descalço, e andando pé ante pé, eu abria o portão do quintal e descia a correr pelo caminho do cemiterio até chegar á casinha de Paulo da Rocha, que é ainda hoje a mesma em que mora o tenente-coronel. Eu encontrava sempre o pernambucano sentado em um tosco banco de páo na sala de visitas, encostado á uma meza e lendo n'algum alfarrábio curioso.

Divertiamos-nos então conversando sobre o tempo antigo ou lendo as historias extraordinarias que haviam succedido em Pernambuco e que Paulo se gabava de ter presenciado. Elle gostava de excita a minha juvenil imaginação com a narração desses feitos gloriosos, que me faziam estremecer de alegria e seguir com os olhos brilhantes e as faces incendidas em enthusiasmo as palavras do velho, que parecia animar-se.

Quinta-feira, dia 18 de outubro de 1877.

Folhetim 2

II

Julia era uma excellente dona de casa. Ella e o pae viviam sós naquella casinha, hoje renovada, que vós todos conheceis. Eram muito pobres para ter escravos, e de certo

creados livres não poderiam encontrar em uma terra onde só o nome do patrão causava horror. Mas não havia em toda villa mulher que mais aceiada e arranjada trouxesse uma casa do que Julia. A menina era admiravel de previdencia e economia. Mas as unicas pessoas que podiam apreciar estas virtudes caseiras, porque eram as unicas que tinham ingresso na habitação, eramos nós, o padre vigario e eu.

Por essa singularidade que até hoje ninguem pode explicar satisfactoriamente, o vigario era entusiasta do velho do outro mundo. Apesar dos conselhos dos amigos sensatos e dos murmurios das beatas o padre João frequentava a casinha de Paulo, passava horas a conversar com elle, e levára mesmo o seu a ponto de fazel-o o seu sachristão e demomeal-o o sineiro da matriz com grande escandalo das almas piedosas do lugar. Ninguem podia perdoar ao vigario esta amizade estranha que o ligava a um homem geralmente temido e mal considerado, e alguns entendidos explicavam-na dizendo que o padre estava enfeitizado pelo sachristão. Eu porém hoje quero crer que o padre João era dotado de um espirito superior e elevado, incapaz de se deixar dominar pelas idiotas opiniões das beatas; e digo isto pelo que ouvi das suas conversações com o mulato, e pelo que me resta na memoria das suas relações com o meu velho amigo; o que pois é verdade, e o que constitui um facto ao qual a melhor gente da terra não podia acostumar-se é que Paulo da Rocha era sachristão e sineiro da matriz, e apesar da animada versação geral desempenhava os deveres do seu cargo com o maior escrúpulo e exactidão, não dando occasião as censuras nos detalhes do serviço.

Ao amanhecer, quando uma ou outra porta estava aberta, e apenas se via nas ruas os raros tapuyos que se dirigiam espreguiçando-se para o serviço, Paulo sahia de casa e atravessava silencioso a villa em direção á igreja. Era elle quem tocava o sinal para a missa matutina, e quem preparava o templo. Enfiava depois a sua velha opa e punha-se a espera do vigario que não tardava em chegar, saudando os transeutes com um sorriso afavel. Pouco a pouco se foram rarifazendo os frequentadores da missa da manhã, facto este que se attribuía a Paulo, de cuja presença fugiam os devotos o maior numero de vezes que podiam. O padre, porém, parecia não dar por isso, e continuava a sacrificar todos os dias, tendo muitas vezes por unico ouvinte o seu sachristão.

Afinal foi-se o povo de Villa-Bella acostumando-se á presença do pernambucano, que era supportado como uma calamidade inevitavel. As velhas continuavam a dizer que o unico defeito do padre vigario era a sua amizade pelo velho do outro mundo, mas afóra o afastamento que todos sentiam pela sua pessoa, Paulo pouco a pouco foi-se sentindo mais á larga naquella sociedade ferrenha e despotica, e poude viver descançado. O tempo tudo póde.

O que contribuiu para isso, além do prestígio do padre, foi a agitação que reinava nos espíritos com as primeiras notícias da cabanagem que assolava a província do Pará, e que pouco a pouco se aproximava do Amazonas.

Mil boatos contradictórios começaram então a correr em Villa-Bella, e o pânico era geral. Ora dizia-se que cabanos vinham tomar de assalto a villa e queimar vivos os habitantes, era que elles haviam sido completamente batidos pelas tropas leaes antes de chegarem a Santarém. Não se falava em outra cousa e o pobre rebelde de 1817 era completamente esquecido pelos rebeldes de então. Todos os dias viam-se tapuyos desertarem do serviço dos patrões e fugirem, descendo o rio com o fim de reunir-se aos <<brazileiros>>. A villa ia pouco a pouco ficando deserta á medida que os terríveis inimigos dos portuguezes e dos marçõs se aproximavam de Obidos: os cacaulistas retiravam-se para os seus sitios, aquelles que tinham alguns bens em alfayas ou dinheiro tratavam se escondel-os, a desconfiança mutua era geral, o pae não se fiava no filho, o irmão não confiava os seus segredos ao irmão. Terríveis effeitos da guerra fratrecida!

Durante esse tempo a vida na casinha de Paulo da Rocha continuava serena e inalteravel como d'antes. Parecia que nada havia de novo, e que a atmospherá não dava signaes de tormenta.

A leitura de jornaes e livros velhos era a nossa distracção favorita, e pouco se nos dava da agitação que reinava em toda a villa.

Esta paz interior não devia durar muito tempo.

Uma tarde, não me recordo em que data, uma tarde em que lograra mais uma vez escapar à vigilância de minha mãe, eu dava parte aos meus nobres amigos da resolução que tomara nesse dia meu pae de enviar-me para o seminário do Pará (que era então o collegio de maior fama), quando vi entrar o padre João com um semblante sério, o que não lhe era habitual.

O vigario sentou-se depois de ter saudado o velho, e de ter-nos abençoado, a mim e a Julia, e disse, fitando os olhinhos vivos no rosto descarnado do mulato:

— Os rebeldes acabam de entrar em Obidos.

Paulo recebeu a noticia com a maior indiferença. Depois de uma pausa breve, disse, esboçando um sorriso:

— E então?

— E então? tornou o padre descrevendo com a ponta da bengalla uns rabiscos no chão. E então? É que os habitantes de Obidos fiaram-se nas promessas que elles lhes fizeram, e cahiram na tolice de abrir-lhes as portas... De que lhes servio terem cercado toda a villa de estacas embarreadas? Entregaram-se como carneiros ao morticinio. Os cabanos mataram na noite de ante-hontem mais de cem pessoas. É o que me acabou de contar o José Cavalleiro que chegou ainda pouco de lá. A villa está assustada. Não pára ninguem em

casa; está toda a gente reunida na igreja, apesar de não se saber a verdade. O que se há de fazer? Se em Obidos, onde todos estavam prevenidos, não se pode resistir, o que havemos de fazer aqui?

— Descançar em Deus Nosso senhor, murmurou Paulo da Rocha com accento grave.

— Sem duvida, respondeu o padre com ligeira impaciencia; mas Deus disse: ajuda-te que eu te ajudarei. Não podemos ficar de braços cruzados. Receio mais por Villa-Bella do que por outra qualquer povoação do Amazonas. A resistencia aqui é impossivel, e além disse por desgraça deste povo deu-lhe Deus um pastor que pela sua condição não fez senão agravar-lhe os males; sabem os cabanos que eu sou portuguez, e por isso está tudo perdido, de nada me serve ser ministro do Senhor, para esses fanaticos sanguinarios a minha nacionalidade é um crime sem perdão possivel. Oh! — continuou o padre vivamente, e como se temesse que as suas palavras fossem mal interpretadas. — Deus é testemunha de que não é da minha sorte que me arreceio: somente estremeço pelos meus pobres irmãos que hão de ser victimas da minha involuntaria culpa.

E o padre deixando escapar um triste suspiro, poz-se a meditar com os olhos pregados no chão.

Sexta-feira, dia 19 de outubro de 1877

Folhetim 3

Paulo não dizia palavra. Julia e eu presenciavamos tudo mudos e vagamente temerosos esta scena cuja a gravidade, apesar dos nossos poucos annos, comprehendiamos perfeitamente.

Depois de longa pausa o padre ergueu vivamente a cabeça e disse:

— Mestre Paulo só você nos pode salvar.

O velho olhou-o admirado e interrogou-o:

— Eu, padre mestre? E como?

— Eu mesmo não o sei, meu amigo, mas sou um homem de presentimento e tenho um presentimento de que só você nos poderá salvar. Você é um homem capaz de inspirar confiança nos cabanos pelos seus antecedentes...

— E quem me assegura a confiança dos brancos? disse amargamente o pernambucano.

O padre hesitou então como quem não esperava por essa sahida e depois disse:

— Você ha de fazer direito á confiança de todos os villa-bellenses como já tem direito á minha. No fim de contas esta gente é bôa e ha de reformar o juizo que faz a seu

respeito, principalmente quando o vir, já velho e cansado pôr-se á frente de nós todos para bater os cabanos.

— Bater os cabanos! exclamou Paulo erguendo-se e fixando a vista brilhante nos olhos do padre, bater os cabanos, padre mestre! e quem lhe disse que eu não sou cabano?

O padre fez um involuntario movimento de horror e afastou o banco em que estava sentado. Julia ergueu para o pae admirada a vista como se pela primeira vez o desconhecesse. Eu mal me pude ter de pé, tanto me tremiam as pernas ouvindo aquella pergunta que me parecia uma horrivel revelação; se eu pudesse teria fugido, tal era o horror que eu sentir, apesar das minhas ideas romanticas por aquelles homens que juravam a morte de meu pae por ser portuguez.

O pernambucano não pareceu dar pelo nosso espanto, e continuou com a voz alterada como se lhe ficasse presa na garganta:

— Bater os cabanos! Uns pobres diabos que a miseria levou a rebellião! Uns pobres homens cansados de viver sob o despotismo duro e crú de uma raça desapiedada! Uns desgraçados que não sabem ler e que não têm pão? E quem lhe disse que eu sou capaz de pegar em armas contra elles? Sr. padre João, eu só lavei as mãos em sague quando o fiz no sangue dos inimigos da minha patria, porque esse era o meu dever. E elles eram fortes e poderosos, nós eramos fracos e pobres; a justiça da causa sanctificou os meios; fui vencido, mataram-me a mulher, a minha pobre Margarida que nenhuma culpa tinha do que eu fizera; obrigaram-me a fugir... a fugir! entendeu, sr. padre? Obrigaram-me a fugir com uma recém-nascida nos braços, e foi por amor della que eu, o velho Paulo da Rocha fugi! Desde então sou sempre pelos fracos contra os fortes, pelos opprimidos contra os oppressores. A causa dos infelizes é a minha causa, sr. vigario de Villa-Bella!

Paulo da Rocha parecia transfigurado. O seu craneo despido refletia os raios do sol cadente com um brilho estranho. As rugas do seu rosto pareciam ter desaparecido. A sua physionomia tinha uma vida extraordinaria. Lia-se-lhe a exaltação nos olhos.

— Eu não sou nenhum fazendeiro rico, continuou elle, nem negociante a freguezado, nem cacaoalista abastado para arecear-me dos cabanos. Sou pobre como elles, desprezado como elles o foram. Porque então hei de tomar a defeza dos outros contra elles? Não terá por ventura o governo forças bastantes para combatel-os? Onde está a soberba e a superioridade dos brancos?

Paulo olhou em redor de si, e vendo-nos mudos, attonitos por aquellas palavras que não esperavamos ouvir de sua boca, acalmou-se subitamente, e sentando-se de novo, disse pausadamente:

— Senhor padre João, certamente eu estou longe de approvar os morticínios e saques que têm feito os <<brazileiros>> por toda a parte. Sem duvida elles obram mal. Embora pense assim, não estou porém disposto a pegar em armas contra elles. Estou

velho, continuou com voz fatigada, estou velho e cansado, tenho uma filha de quem sou o unico arrimo, e sinto que não devo, não posso, não quero merecer a confiança dos brancos de Villa-Bella.

III

Desde logo as minhas relações com o velho do outro mundo soffreram uma modificação consideravel. Contra a minha vontade eu comecei também por minha vez a ter-lhe medo. É preciso que saibais que naquelle tempo a causa que mais aterrorizava a melhor gente do Amazonas era a cabanagem, dizia-se que os cabanos, inimigos encarniçados dos portuguezes e dos maçons levavam por toda a parte o morticínio e o roubo, não respeitando nem velhos, nem creanças e nem mulheres. As façanhas sanguinolentas desses fanaticos caboclos eram narradas á meia voz pelos viajantes, que aportavam em Villa-Bella, de uma maneira tão exagerada que horrorizava os mais fortes e destemidos. Fallava-se de pessoas queimadas vivas, de mulheres esfoladas, e sobe tudo de horrivel correo, que era um meio de supplicio inventado pelos atrozes rebeldes. Consistia elle em mutilar os membros da victima e embarcal-a com uma pedra ao pescoço em uma canoa que depois de alguns minutos de viagem abria agua em pleno rio. Apesar de tudo o meu entusiasmo por Paulo da Rocha, o dialogo que eu ouvira entre elle e o padre tinha me feito fugir-lhe quase em horror. Toda a gente da terra sabia do juramento que os cabanos haviam feito em Villa-Bella de matar toda a familia de Guilherme da Silveira, o marinheiro, como elles chamavam meu pae. Dera motivo a esse odio extraordinario o ser meu pae um capitalista abastado, e ter em algum tempo exercido o lugar de juiz de paz em Obidos e Santarem, onde desenvolvera grande atividade contra os movimentos populares dos tempos da independencia. Á vista d'isto deveis imaginar como podia eu olhar para o pernambucano, que agora me parecia dever ser quem primeiro indicasse aos rebeldes o asylo de minha familia.

Paulo da Rocha tambem tinha modificado os seus modos commigo, olhava-me desconfiado, parecendo arrependido de ter tão francamente manifestado a sua opinião na minha presença. Mesmo com a filha o pernambucano já não era o mesmo. Mostrava-lhe uma severidade desusada. No dia seguinte pela manhã tendo visto sahir o velho, eu fora curioso espiar pela cerca do quintal o interior da casinha, pareceu-me que Julia tinha os olhos vermelhos como quem havia chorado muito, eu não sube então explicar que tristeza era aquella que me ia no coração, vendo os signaes do desgosto da menina.

Sábado, dia 20 de outubro de 1877

Folhetim 4

Villa-Bella (No tempo em que se passa a nossa historia chamava-se Villa-Nova da Rainha) estava muito longe de ser n'aquelles tempos calamitosos o que foi depois e o que ainda é hoje. Meia dúzia de casas de palhas e duas ou trez de telha, pequenas, feias e não caídas, eis o que formava toda a povoação. Sem meio algum de defeza contra um inimigo embora fraco, póde-se facilmente imaginar qual o temor que se apoderou de toda a população quando a noticia de que os cabanos haviam entrado em Obidos espalhou-se na villa, o que só aconteceu dois dias depois, porque o padre quizera occultar o triste acontecimento. As pessoas mais gradas da terra, o tenente-coronel, o juiz de paz, meu pae, o presidente da camara achavam-se reunidos em casa do vigario e todos, com a fronte banhada em suor frio e os olhos humidos, forcejavam por achar uma medida qualquer de salvação. Algumas mulheres, sentadas na soleira da porta e com os filhinhos nos braços pareciam esperar, com um ar sombrio e triste, a sorte que lhes coubesse em partilha. Todas essas casas estavam fechadas, e um grande silencio reinava na villa. No porto viam-se muitas pessoas que preparavam apressadamente as canôas, e reuniam tudo o que podiam levar consigo, tratavam de seguir viagem em busca de um asylo seguro; uns subiam o rio sem uma direcção determinada, outros internavam-se pelos <<ygarapés>> e <<furos>> jugando poder assim escapar ao odio dos cabanos. Quando chegou a noite nem uma luz sequer se via brilhar em toda a povoação que parecia deserta. Até os cães, como se comprehendessem a gravidade das circumstancias, estavam calados e tristes.

Em casa do vigario, onde se deliberava sobre as medidas a tomar, todos os pareceres eram pela fuga immediata. Só o padre hesitava um pouco, talvez por honra da firma. O juiz de paz propunha que se retirassem todos para a freguezia do Anderá, e ahi se fortificassem como lhes fosse possivel. A opinião de meu pae era que cada um fugisse para onde lhe aprouvesse, mas para varios lugares, afim de distrahir a attenção ao que se dizia, mas somente tinha o ouvido á escuta, como se o ruído dos remos dos cabanos já se fizesse ouvir. A anciedade era geral. Eram dez horas da noite quando se separaram os amigos do padre, e tomou cada qual o caminho da sua casa, com o passo incerto, o coração agitado, e disposto a tomar o expediente que o acaso ou a Providencia lhe deparasse.

Ao despedil-os o padre João disse-lhes sorrindo, e com uma voz que se esforçava por fazer firme:

— Estejam descançados que ainda não ha de ser para esta noite. Os cabanos têm muito o que fazer em Obidos, e só para o fim da semana nos hão de vir visitar.

— Permita Nossa Senhora do Carmo, nossa padroeira, que V. revdm^a tenha razão, murmurou o juiz de paz, acalentando uma esperança. E um sorriso esboçou-se nos labios

de todos os presentes. Era o sorriso d'aquillo que não morre nem na hora extrema; era o sorriso da esperança!

No entretanto os acontecimentos d'aquella noite lamentavel deviam desmentir as esperanças da gente de Villa-Bella.

Ao entrarmos em casa, eu e meu pae, vimos um vulto sentado á nossa porta. Era Paulo da Rocha que ergueu-se á nossa chegada, saudou-nos e retirou-se a passos lentos. Meu pae entrou com o coração a anunciar-lhe uma grande desgraça; para elle na saudação do velho do outro mundo era um presagio sinistro; nunca o pernambucano lhe fizera o minimo cumprimento, e meu pae costumava desviar a vista do velho, murmurando:

— Maldito!

Assim aquella saudação inexplicavel, e o facto de encontrar o velho n'aquelle lugar, fel-o seismar tristemente, e ouvi-o dizer a minha mãe:

— Achei a desgraça asentada á minha porta; Mariquinha manda accender as velas do oratorio.

Eram onze horas quando nos recolhemos aos quartos. É provavel que meus paes levassem a noite toda a rezar ou a meditar no futuro; eu, porém, cansado de todas as emoções do dia, adormeci logo.

Havia já muito tempo que eu dormia, quando despertei com um grande arruido. Ao abrir os olhos conheci que o meu quarto estava ás escuras contra o costume, e logo uns gritos de socorro, socorro! chegaram-me aos ouvidos. Fiquei tremulo e frio, sem ousar mover-me na rêde. Os meus cabellos estavam duros como estacas, e um suor livido corria-me ao longo da espinha dorsal.

Eu puz o meu ouvido á escuta. Pallido, com os olhos grandemente abertos, e feito todo ouvidos, eu assistia com a imaginação a um drama horroroso, ao passo que meus olhos nada viam e os meus ouvidos so ouviam aquelles gritos de socorro.

De repente, dentro de casa, e quase á porta de meu quarto, eu ouvi um brado horrivel, um brado de desespero, de ancea de morte, um grito que me penetrou até o fundo d'alma, e me fez ficar estupido de medo. Eu conhecêra a voz de minha mãe:

— Os cabanos!

E logo na rua eu ouvi tambem a voz de meu pae bradar cheia de susto:

— Aqui del-Rei! Os cabanos!

Depois nos latidos dos cães, um grande barulho de passos, de vozes, e de armas, de portas que se fechavam e se abriam, e depois um triste silencio, seguido de um gemido longo, profundo, terrivel.

Como se fosse movido por mola de aço, dei um pulo da rêde, e atirei-me em direcção á porta que estava fechada. Abri-a e precipitei-me no corredor que se achava ás escuras, e deitei depois a correr pela casa como um doudo. A nossa habitação estava

deserta, ao menos isso me parecia. Nenhuma luz se divisava a não ser a claridade das estrelas que penetrava pelas portas e janelas escancaradas. Reinava grande desordem nos moveis, tanto quanto pude perceber com a escuridão. Não podeis fazer uma idea de como triste e sombria era aquella casa, assim aberta e abandonada, e em que tudo parecia attestar uma grande luta recente!

Exhausto de forças, cançado das fortissimas emoções que soffrera n'essa noite tormentosa, fui sentar-me em um banco da varanda, e puz-me a chorar. Era um pranto amargo, o primeiro pranto que a consciencia de uma grande desgraça me fazia derramar! Confrangia-se-me o coração dolorosamente ao ver-me alli só, abandonado, esquecido por meus paes que eu imaginava fugidos á furia dos rebeldes. Por vezes o sentimento de uma grande infelicidade pezava-me e eu deixava de chorar, mas logo as impressões d'aquella noite horrivel affirmavam-se mais na minha memoria, e eu soluçava amargamente.

Estive assim por algum tempo, com o rosto occulto nas mãos e as lagrimas corriam-me por entre os dedos. Subito ergui a cabeça porque pareceu-me ouvir passo, e vi uma pequena luz, a luz de um phosphoro na direcção da porta da rua. Não passou muito tempo que não ouvisse a voz rude do sineiro da matriz, do proprio Paulo da Rocha, que me perguntou:

— Quem é que chora ahi?

Tentei fugir á vista do velho do outro mundo; elle, como se apercebesse d'isso, abeirou-se de mim, e bateu-me no hombro dizendo:

— É você, Luiz? Então tem medo de mim?

— Sim, murmurei em pranto, você matou meu pae.

O velho esteve calado algum tempo, e depois retorquiu com a voz pausada, e grave, repassada de uma leve tristeza.

— Deus ha de permitir, pobre menino, que elle se tenham livrado são e salvo do furor dos <<brasileiros>>. Tua mãe Luiz, está em lugar seguro, ao passar aqui pelo canto da rua vi-a estendida no chão e desmaiada. Carreguei-a n'estes hombros e fui deixa-la em lugar ignorado pelos cabanos. Agora como vi as portas abertas quero saber o que succedeu.

Máo grado meu o antigo ascendente que sobre mim tinha o sineiro da matriz, foi-se apoderando de novo do meu espirito, e uma tranquillidade maior, uma confiança extraordinaria me foram entrando no coração. Foi já com a voz segura, ainda que muito triste, que narrei ao pernambucano o que tinha visto e ouvido, e tambem o que imaginava ter acontecido. Elle não me respondeu cousa alguma, mas poz-se a affagar-me docemente com a sua mão grande e calosa, e a murmurar umas vozes inintelligiveis, mas repassadas de ternura.

N'isto ouvimos ruidos de passos na rua, e logo fechar-se com estrondo a porta exterior da nossa casa. Em seguida um homem que parecia agitadíssimo chegou-se ao

banco em que estavam sentados. Paulo da Rocha riscou um segundo phosphoro e accendendo um rôlo de cera que tirara do bolso levou-o ao rosto do nocturno visitante. A luz do mórrião podemos ver o rosto horrivelmente pallido de meu pae. Reparámos que as suas roupas estavam n'uma desordem que attestava uma luta recente; a cara, o pescoço e as mãos tinham pequenas escoriações que brilhavam como rubins. Ao reconhecer Paulo da Rocha, meu pae recuou espavorido e alçou um terço que trazia na mão. O pernambucano porém, depoz tranquilamente o rôlo de cêra sobre a meza de jantar, e caminhou para elle, sorrindo com aquelle sorriso de Christo que o velho rebelde sabia ter nas grandes occasiões.

— Sr. Guilherme da Silveira, disse elle pausadamente, é tempo de fugir.

E como se o velho adivinhasse, ouvimos grandes pancadas na porta da rua, e um confuso esvozear de gente.

— Sr. Guilherme, tornou Paulo da Rocha, não se admire de me ouvir aconselhar-lhe a fuga; mais tarde poderá julgar-me; o que urge agora é obrar e obrar com presteza; não ouve como estão enfurecidos os cabanos?

E redobravam as pancadas na porta, e ouvimos distantemente o horrivel brado de guerra dos cabanos:

— Mata o marinheiro, mata, mata!

Meu pae deixou cahir o terço, e escondendo o rosto nas mãos cahio sobre o banco soltando um doloroso suspiro.

Fóra redobrava a grita, e as folhas da porta estremeciam nos gonzos.

— Mata, mata! era o grito que se ouvia.

De repente Paulo da Rocha correu á sala de visitas, e com uma agilidade de que o julgariamos incapaz fechou as janellas que tinham ficado abertas, e voltou sereno e tranquilo para junto de nós.

— Sr. Guilherme da Silveira, repetio elle, o tempo urge, fuja quanto antes!

Mas Guilherme da Silveira não parecia ouvi-lo; o pobre homem estava aniquilado depois de tantas emoções violentas parecia alheio a tudo o que se passava em torno de si.

Domingo, dia 21 de outubro de 1877

Folhetim 5

As folhas da porta agitaram-se com maior violencia, e o rumor dos gritos augmentou consideravelmente. Era uma algazarra infernal, um mixto de animaes e de vozes de gente que mettia horror. Dominando esse tumulto ouvimos uma voz alta e rude, que demonstrava a superioridade do seu dono, uma voz que me penetrou até os ossos, quando ouvi distinctamente dizer:

— Vamos, rapazes, é preciso dar cabo desta raça! Cerquem a casa enquanto é tempo não deixem escapar pessoa alguma desta familia maldita. Enforcem o <<juiz de paz>>!

Ao ouvir estas horriveis palavras meu pae ergueu-se bruscamente como se fosse impellido por occulta mola; o seu rosto tinha a perfeita expressão da mais horrenda raiva, as suas feições contrahidas por um furor indiscriptivel tinham a ferocidade da onça que vê roubarem-lhe os filhos. Com as mãos crispadas, os dentes cerrados, e os olhos em fogo a transbordarem o odio que lhe ia n'alma, meu pae murmurou com uma expressão indizivel:

— O brasileiro! oh! raiva!

Mathias Paxiúba, cognominado o <<brazileiro>> pelo extraordinario odio que voltava aos portuguezes, era o maior inimigo de meu pae, e ambos se haviam jurado um odio eterno. N'aquelles tempos de fortes paixões em que todos os sentimentos tinham uma força e uma pureza extraordinarias, e eram levados ao extremo, um odio immenso assim como uma amizade entranhavel era muito commum de ver-se, muito differentemente do que succede nestes nossos tempos de apathia moral. Mathias Paxiúba e Guilherme da Silveira tinham sempre se encontrado inimigos, desde a primeira vez que se viram parecia que todo o odio que se votavam as duas raças, a conquistadora e a indigena, se tinham personificado naquelles dous homens, cujos nomes eram no Amazonas o brado de guerra de cada um dos partidos. Meu pae era a civilização, a ordem, a luz, a abastança. Mathias Paxiúba era a ignorancia, a significação da rebelião constante do pobre contra o rico, era o longo soffrimento da plebe sempre esmagada e sempre rebelde, era como um protesto contra a civilização egoista e interesseira dos brancos, era a miseria popular com todo o seu cortejo de vicios hediondos e de crimes heroicos.

Qual fôra a primeira occasião de manifestar-se esse odio reciproco, não sei, sei somente que quando meu pae fôra juiz de paz em Obidos escapara por vezes ao bacamarte homicida de Mathias Paxiúba, e que muitas vezes tambem o <<brazileiro>> resentira os efeitos da cólera de Guilherme da Silveira. Foi assim somente a voz do seu capital inimigo poudo arrancar meu pae da prostração em que se achava, e armal-o de uma redenção inabalavel. Elle que a principio parecia indifferente a tudo, estava disposto agora a vender cara a sua vida. Tudo isto, porém, que eu acabo de descrever passou-se n'um relance; mal o brasileiro acabara de pronunciar as suas ultimas palavras, meu pae encaminhou-se para a porta armado de terçado. Ao chegar porém ao corredor vio-me e como se a minha presença lhe abrandasse subtamente o furor, eu o vi abaixar a cabeça comovido e com duas lagrimas a brilharem nos cantos dos olhos dirigir-se a Paulo da Rocha, a dizer-lhe com a voz sumida:

— Mestre Paulo, eu fui injusto perdoe-me, perdoe a um homem que vai morrer, salve-me o Luiz, eu lhe peço pelos santos martyres pernambucanos.

— Sr. Guilherme, respondeu Paulo da Rocha, muito comovido e admirado da invocação de meu pae; a vida de seu filho está segura. Juro-lhe pela vida de minha filha! E porque não foge o senhor?

— Não, disse Guilherme, a minha companhia causaria a perda de meu filho.

Neste solemne momento, a porta da rua voou em mil pedaços, muitas pessoas penetraram violentamente e com grande algazarra no corredor. Meu pae fechou a porta que dava do corredor para a varanda e encostando-se a ella esperou. Ah! si a porta da rua, que era de madeira fortissima a chapeada de ferro, não resistira muito, como havia de resistir esta segunda porta?

Paulo da Rocha, porém não quiz assistir á abertura della, e carregando-me ao hombro com um vigor extraordinario, poz-se a correr para o quintal d'onde em breve sahimos pelo portão, apezar das minhas lagrimas e dos esforços que fazia para soltar-me. Eu bem comprehendia que era a ultima vez que via o autor de meus dias, e doía-me ter de abandona-lo naquelle supremo momento!

Durante algum tempo andou Paulo da Rocha dando algumas voltas comigo, até que chegamos ao porto. Na extremidade da villa, em uma pequena enseada, estava numa canôa, e nessa canôa se achavam trez pessoas: o padre João, minha mãe e Julia.

Cahi nos braços de minha mãe que me recebeu soluçando e cobrindo-me de beijos. Estivemos abraçados muito tempo sem dizer palavra. Afinal ella perguntou-me:

— E teu pae?

As lagrimas foram a minha unica resposta. Querendo fazer uma diversão a esta triste scena, o pernambucano empurrou a canôa, saltou dentro della, e armando-se do mará disse em voz que procurou tornar alegre:

— Agora, fuja-mos!

Depois tirando do fundo da embarcação trez pequenos remos redondos deu-os a mim e ao padre, ficando com uma para si.

— O padre mestre, o Luiz e eu remamos, disse elle, Julia esgota a agua da canôa.

E sentando-se no banco da pôpa, deu uma remada vigorosa e impellio a canôa para o largo.

O padre e eu tomamos dos nossos remos e procuramos ajudar o mulato. De repente o vigario ergueu-se dando um grito, e lívido, lento, estendeu o braço para a villa e murmurou:

— Alli, alli!

Nem que eu viva cem annos me esquecerei jámais do espectaculo a que assistimos então.

No centro da villa uma grande chamma escarlata erguia-se de um telhado de uma casa e o fumo subia em espiráes para o céu. Quase toda a povoação estava illuminada por

aquelle enorme clarão. Umas sombras estranhas moviam-se pelo meio das chammas, e dançavam em roda da casa. Na villa só se ouvia o crepitar do incendio e de quando em quando o ruido de alguma trave que desabava. Vós não podeis imaginar o efeito que causou aquelle incendio, no meio do silencio da madrugada, quando já as estrellas do céu começavam de empallidecer, e nos sitios vizinhos cantavam dolorosamente os solitarios gallos. Nós estavamos extaticos, de pé na canôa que parecia nadar em um mar de fogo pela herbeveração do clarão de incendio na superficie do rio.

Minha mãe foi quem primeiro percebeu que o incendio era na nossa casa. A pobre mulher, deixou-se cahir no fundo da canôa, soltando um grito de angustia.

O padre vigario tambem commovido, escondendo o rosto nas mãos, murmurou com a voz sumida:

— Oh! meu Deus! que indigno pastor que sou!

IV

Tristes e silenciosos remamos essa madrugada, e no dia seguinte á tardinha chegamos a um pequeno sitio de cacáo em um dos ygarapés do Anderá. Pertencia o sitio a uma pobre velha, comadre do vigario, e por esta collocado em lugar quase desconhecido e desabitado. Paulo da Rocha o escolhera para o nosso refugio.

Estes acontecimentos de minha infancia ficaram de tal sorte gravados em minha memoria, que ainda tudo tenho presente, até as menores cousas. É assim que sou capaz de descrever-vos o cacaoal da velha Roza em toda as particularidades, exactamente como se o estivesse visitado hontem. Compunha-se a pequena propriedade de uma miseravel casinha de palha apenas, com dous quarto, e de pouco mais de mil pés de cacoeiros. Á esquerda da casa ficava o velho e grosseiro tendal, e a direita uma pequena horta, em que a velha plantava o tabaco, o café e algumas verduras. O terreno era grande, largo, bem plantado de magnificas laranjeiras e mangueiras, e estava sempre limpo do matto bravo. Visto do rio o sitio tinha um aspecto pittoresco, e a pobreza que se denotava em tudo tinha alguma cousa de distincto e elevado, que inspirava immediata sympathia pelo lugar e pela moradora. Vós que conheceis perfeitamente os nossos costumes dispensar-me-heis de dizer minuciosamente a vida da velha Roza. Tendo enviuvado ainda moça de um antigo negociante de Villa-Bella, ella se retirara-se para aquelle sitio, que com duas escravas eram os unicos vestigios da riqueza do marido. Alli pois vivia já havia muitos annos a pobre mulher, esquecida do mundo, e entregue toda a vida contemplativa que soem levar os povos do Amazonas. Alli fomos encontrar sentada a porta da casinha, com o cachimbo na boca com o olhar perdido na imensidão do céu azul.

Aquelle sitio tão solitario, tão esquecido, e onde parecia reinar a mais profunda paz, fazia um perfeito contraste com os nossos corações tão agitados pelos tremendos acontecimentos da véspera. E como se esse contraste se agravava-se ao males, nós não podemos occultar a grave tristeza que nos dominava. Minha mãe entrecortava de suspiros e ais o constante pranto, que lhe corria dos olhos; o padre João ia cabisbaixo e mudo; só Paulo da Rocha parecia indiferente a tudo, e fazia os gastos de uma conversação, sustentada somente para disfaçar as dôres.

A velha Roza nos recebeu com a lhana hospitalidade da gente do Amazonas. Inteirada do motivo que nos levara a procurar abrigo sob seu tecto, mostrou compartilhar da nossa desgraça, e suspirou tristemente, ouvindo-nos contar a historia de meu pae que não sabiamos se teria escapado á fúria dos cabanos, ou si teria succumbido naquella luta desigual.

Accomodamo-nos na casinha da velha Roza, da melhor maneira que nos foi possivel. Minha mãe, Julia e duas escravas tomaram conta de um dos quartos, e o padre João, Paulo e eu aboletamo-nos em outro.

Tive então occasião de apreciar melhor o estranho carater do sineiro da matriz. Ao passo que o vigario passava a noite em barulhentas lamentações, o velho do outro mundo guardava uma serenidade admiravel, e sempre de sorriso nos labios parecia do alto da sua magestade da sua sublime alma, vellar tuterlamente por nós. Bem se notava que de vez em quando surprehendia-o uma perturbação profunda, mas que passava rapida e fugitiva, para dar lugar de nova aquella tranquillidade de espirito que para nós era verdadeiramente phenomenal.

Ente incomprehensivel aquelle!

Ás vezes, quando se falava na cabanagem, Paulo da Rocha nos espantava com as suas expressões de sympathia por uma causa que em nosso animo era perfeitamente insustentavel. Ao mesmo tempo o seu modo de obrar tão em contradição com as idéas que lhe apraza emitir, fazia-nos seimar, vagamente receiosos. É verdade si fossemos naquelle tempo obrigados a faltar com franqueza, nós confessariamos que não confiavamos muito no velho do outro mundo, apesar de tudo que elle havia feito por nós. Vão lá explicar isto. Minha mãe, principalmente, não se soubera despir de antigos receios, e não podia olhar com segurança para o mulato. Tal é a força do preconceito. Foi preciso que a abnegação de Paulo da Rocha chegasse até o mais inaldito dos sacrificios para que esta grande alma tivesse nos nossos corações e na nossa memoria um lugar a que tinha direito.

Quarta-feira, 24 de outubro de 1877

Folhetim 6

Era tal a nossa injustiça que uma vez (ainda me lembro perfeitamente disto), estávamos todos sentados no terreiro, admirando o cahir da tarde, que na nossa terra é de uma sublimidade unica, quando veio-se a falar dos cabanos. Paulo da Rocha tomou a palavra e dissertou longamente sobre as causas da cabanagem, a miseria originaria das populações inferiores, as crueldades dos brancos para com os tapuyos, os inqualificaveis abusos praticados por aquelle, a paciencia continua desse, a paciencia que afinal tivera um limite, e sobre as medidas que se deviam tomar para fazer cessar este estado de cousas. Á medida que o velho falava com enthusiasmo concentrado como lhe era habitual, a principio vaga surpresa, e logo depois o medo foi se avivando no rosto de minha mãe, da velha Roza e do padre João. Depois foi o mulato bruscamente interrompido por minha mãe que lhe disse em um tom cruel.

— Isso dizem os cabanos para esconderem seus torpes motivos. Elles querem é matar e roubar. Quem sabe se nós não seremos victimas de uma traição bem arranjada?

O velho abaixou tristemente a cabeça e calou-se. Duas grossas lagrimas rolaram-lhe pelas faces morenas, mas logo enxugou-as com as costas da mão e um sorriso de duvida e resignação iluminou-lhe o semblante.

O padre João e eu abaixamos a cabeça envergonhados e arrependidos de uma crueldade intencional, nós pensavamos como minha mãe, e ao mesmo tempo o olhar e o sorriso do velho subjogava-nos o coração. Julia lançou sobre minha mãe um olhar de amarga censura. Minha mãe corou fortemente e calou-se, abaixando a vista.

Afinal separamo-nos para evitar o cruel acanhamento que se seguiu áquella scena. Desde esse dia, porém, fugiu a franqueza das nossas relações. Fallavamos pouco uns com os outros, andavamos todos mais tristes do que nunca, e o proprio Paulo da Rocha já não provocava a conversação e limitava-se ás poucas palavras exigidas pela cortezia. Um máo-estar indefinivel apoderou-se de nós. Julia já não era tanto minha amiga como d'antes, e o padre João cada dia mais se exprobrava a si mesmo o ter fugido da Villa-Bella.

Vivemos assim trez semanas, aquella vida monotona e desasocegada, desalentada e triste, alheios a tudo a que se passava a poucas leguas da nossa habitação. Durante todo esse tempo nem uma canôa passou pelo porto do sitio, nenhum signal appareceu de que não estávamos em uma terra deserta.

Um dia, ao acordar vi um tapuyo a conversar em voz baixa com Paulo da Rocha, debaixo de uma das laranjeiras do terreiro. Escondi-me para espreitar, e vi o desconhecido dirigi-se depois de algum tempo para o porto, embarcar em uma canôa que alli estava, e seguiu viagem.

Corri a contar a minha mãe o que vira. A pobre mulher quase enlouqueceu de medo. Só depois de muito trabalho pôde o padre vigário dissuadi-la do projecto de fuga, a que ella estava aferrada.

As razões do padre não deixaram de ter fundamento.

— De que nos serve fugir? dizia elle. Estamos completamente em poder do sineiro. Por mar não podemos escapar porque não sabemos para onde dirigir-mos e nem conhecemos estes lugares; por terra succede a mesma cousa, sendo que iríamos morrer de fome por esses mattos, ou cahir nas garras das onças. O melhor é esperar o perigo de pé firme, si é verdade que esse homem seja tão barbaro quanto a sra. pensa. Entreguemo-nos á Divina Providencia, que é o melhor amparo dos que padecem.

Assim apesar de tudo nós acreditavamos na traição de Paulo da Rocha. Acreditavamos nella, mas não tanto que nos resolvessemos a tentar fugir. O nosso espirito era preza da incerteza mais dolorosa e mais cruel que se póde imaginar. A desconfiança roia-nos a alma, e o que e era mais terrivel, era uma desconfiança para qual nós mesmos não achavamos base alguma solida, e que nós mesmos combatiamos nos momentos de reflexão. Será possivel, pensavamos, que este homem nos engane, e nos tivesse arrancado ao poder dos brazileiros para depois atraiçoar-nos? horriveis palavras, o mysterio com que se envolve, e sobretudo aquelle tapuyo desconhecido com quem fallou ás occultas?

Comprehendeis como era terrivel nossa situação?

Comprehendeis tudo o que havia de horrivel naquella ancia de saber a verdade?

Porém o que mais terrivel ainda havia nisto tudo é que nós nos sentiamos incapazes de romper essa duvida constante, não tinhamos bastante coragem para encarar a realidade face á face!

V

Um dia, eram duas horas da tarde e eu me banhava no porto quando julguei ouvir barulho de remos, e sons de vozes estranhas. Surprehendido, puz-me attento, e conheci que alguma canôa se aproximava do porto. Com effeito não tardou muito que eu não visse, tomado de espanto, dobrarem a ponta de uma ilha vizinha algumas canôas, eram trez ou quatro, cheias de gente, mas de uma gente exquisita, desconhecida, alguma cousa de phantastico e de estranho que eu via pela primeira vez. A primeira idéa que me assaltou a mente foi que eram aquellas pessoas que alli vinham os terriveis inimigos.

— Os cabanos, os cabanos! gritei eu, correndo para casa, louco de terror.

Minha mãe, o padre vigário, a velha Roza e Julia, que conversavam na sala, ergueram-se automaticamente, e pozeram-se a olhar para o rio, com o olhar desvairado e ancioso.

— Os cabanos! repeti eu, agarrando-me á batina do padre, e banhado em pranto.

— Estás doudo, menino? disse-me o vigario rudemente. Andas aqui a meter medo à gente! Onde viste os cabanos?

— Alli, alli! respondi apontando para a ilha que no meio do rio, separava-o em duas partes iguaes. Alli, atraz da ilha!

O padre João ainda quis replicar, mas n'esse momento as canôas appareceram de novo desta vez ninguem poudo deixar de vel-as

Vinham cheias de gente, como a principio me parecera. Cada uma d'ellas trazia á pôpa uma especie de pequeno mastro, em cujo tope tremulava uma bandeira encarnada.

— São elles! murmurou o padre com a voz sumida.

— Deus meu! soluçou a minha mãe, deixando-se cahir de joelhos, e cobrindo o rosto com as mãos.

A velha Roza parecia estúpida diante d'aquelle espectaculo. Eu tremia todo de medo agarrado ao padre. Só Julia parecia menos commovida.

— O que será de nós? balbuciou o vigario de Villa- Bella, arrancando um pequeno Crucifixo do seio, e beijando-o repetidas vezes.

Neste momento Paulo da Rocha appareceu, sahindo de um dos quartos. O velho sineiro da matriz estava pallido, mas sereno; somente o movimento das narinas denotavam a grande agitação que lhe ia dentro d'alma. Quando o vimos apparecer quasi sem ser presentido recuamos instinctivamente todos nós com excepção de Julia. Elle porém como si não tivesse reparado n'aquelle nosso injurioso movimento, disse-nos com a voz firme e forte, com um tom de franqueza rude que produzia sempre em nossos corações o desejado effeito:

— Não tenham medo. Vamos, entrem, e fechem-se dentro do quarto. Nada temam; padre mestre não se acobarde tão facilmente... você está a dar um máo exemplo a esta gente, que diabo! Veja se reanima a coragem desta gente.

E juntando o gesto á voz do velho obrigou-nos a entrar em um dos quartos. O seu gesto inspirava tanta confiança, o seu poste tinha tanta magestade, o seu olhar brilhava tanto que, mao grado nosso, uma esperanza insensata começou de invadirmos o peito. Deixando-nos no quarto, o velho sineiro adiantou-se sosinho para o terreiro. As canôas se aproximavam, e ouvia-se já distantemente as vozes dos cabanos. As escravas que andavam no cacaoal chegaram n'esse momento, gritando:

— Os cabanos, os cabanos!

Minha mãe ajoelhada perto da porta orava fervorosamente. Julia parecia mais curiosa do que amedrontada. O padre e a velha, sentados nas rêdes estavam mais mortos do que vivos, e as duas escravas choravam barulhentemente.

As canoas abeiraram, e encostaram no cedro que servia de ponte.

Então toda as minhas idéas romanticas reapareceram no meu espirito mais forte do que nunca. N'aquella hora tremenda a minha imaginação exaltou-se desmedidamente, e uma curiosidade infernal, e uma curiosidade irresistivel apoderou-se de mim, fazendo-me esquecer o medo. Eu queria a todo o custo ver o que si ia passar. Presentia alguma scena grandiosa, e toda a minha admiração pelo velho do outro mundo, aquella louca admiração que fizera o desespero de meus paes, e que o medo conseguira adormecer, despertou mais forte, mais poderosa, exigente, terrivel. O fogo da curiosidade devorava-me a alma. Abri a porta, e deitei a correr para o terreiro, sem que as pessoas que estavam commigo dessem por isso.

O que vi, senhores, era realmente digno de ver-se!

Quando cheguei a alguns passos de distancia de Paulo, sem que elle me visse, vali-me da agilidade que possuía, e trepei em uma das mangueiras do terreiro. Uma centena de pessoas, homens, mulheres e creanças, caboclos na maior parte, desembarcavam nesse momento com grande arruido. Os homens trajavam calça e camiza de algodão tinto em murixi vermelho, cubriam-se de grandes chapéos de palha, em cuja cópa se divisava uma grande cruz de panno de duas côres, escarlata e preto. No peito da camiza de algodão divisava-se um distintivo igual, e traziam preso á cintura um horroroso trophéo; uma porção de orelhas humanas, enfiadas em uma embyra, orelhas cortadas aos inimigos mortos. As mulheres vestiam tambem saia e camiza de algodão vermelho, e tambem usavam a cruz escarlata e negra, que era o distintivo de todos os cabanos. Aquelles homens e mulheres tinham uma physionomia ferozes. Homens e mulheres vinham armados de espingardas, terçados, chuços e espadas. Riam, gritavam, praguejavam, cantavam, entoavam ladainhas, e nos gestos desordenados se notava o feroz instincto do bruto, de evolta com os effeitos da aguardente e de um enthusiasmo, digno de melhor causa. Desembarcaram pois e dirigiram-se para a habitação em grande tumulto, quando lhes sahio á frente o sineiro da matriz.

— Então canalha! bradou o mulato com uma voz retumbante e aspera , então canalha! É assim que si invade o domicilio de um cidadão brasileiro?

Ao ouvir estas palavras quasi desmaiei de susto, e foi preciso agarrar-me aos ramos da arvore para não cahir. Fiquei pasmo de tanta audacia, ou antes de tanta insensatez. Eu contava ver os cabanos cahirem sobre o velho e massacrar-o immediatamente; imaginei qual foi o espanto que se apoderou de mim, quando vi aquella infreme multidão estancar surpresa e muda.

Paulo da Rocha continuou no mesmo tom de voz:

— Si vindes como patricios e amigos, terei muito gosto em receber a todos. Eu sou brasileiro, entendeis, tapuyos ruins? E si alguem ha entre vós que não seja meu patricio, que o declare se for capaz!

Quinta-feira, 25 de outubro de 1877

Folhetim 7

Paulo da Rocha era bello fallando assim! O seu olhar dominava. A sua fronte erguida tinha a magestade augusta da fronte dos reis, o seu craneo despido brilhava aos raios do sol, e o gesto alto e imponente parecia capaz de governar o mundo.

Ele continuou:

— Ninguem se atreve a declarar? Como é pois que se entra em casa de um brasileiro de uma maneira semelhante? Quem foi que aos mandor aqui? O que queres?

Senhores, o que se passou foi uma cousa tão estupenda e inaudita que temo não me acrediteis. Eu vi aquella multidão, ainda havia tão pouco barulhenta e feroz, humilhar-se diante do vulto sobrenatural do velho sineiro. Eu vi, senhores, com estes olhos, os cabanos, os terriveis cabanos que nada respeitaram, os homens que por toda parte levam a devastação e a morte, tremem diante d'aquelle velho, alquebrado pelos annos, e murmurarem desculpas.

— Patricio, balbuciu um que parecia chefe, nós chegamos como amigos.

— Sede bem vindos, respondeu o mulato, abrandando a rudez da voz; entrae e recebei a hospitalidade do pobre.

E Paulo da Rocha encaminhou-se para casa, seguida da multidão dos cabanos, que parecia ter recuperado a livre acção, e caminha gesticulando, gritando e entoando umas canções estranhas.

Estupefacto, desci da arvore e segui o bando. Quando chegamos á casa, ella parecia deserta.

Paulo da Rocha voltou-se para os cabanos e disse lhes em tom de amigavel superioridade:

— Patricio, á vontade! Mas que ninguem estrague o que lhe não pertence!

Immediatamente a multidão dispersou-se pelo sitio. Uns correram para o cacaol, outros para a horta, outros para o tendal. Aqui uma velha nojenta fazia vinho de cacáo nos <<tipitis>> e nos alguidares, alli uma chusma de creanças quebrava os galhos das arvores para colherem os fructos. No terreiro algumas mulheres improvisavam um fogão com trez pedras dispostas em triangulo, e cosinhavam o peixe furtado ao paiol da velha Roza. Na cosinha um grande circulo discutia e berrava, dançando umas danças nunca vistas. Por toda parte reinava a desordem. Trez ou quatro dos chefes estavam na varanda, onde Paulo lhes servia arguadente, peixe, farinha e tabaco, e conversavam com o mulato.

Paulo da Rocha fallava-lhes com arrogancia, e cada uma das suas palavras, eu esperava ver os tapuyos erguerem-se furiosos e matal-o. Mas parecia que o sineiro da matriz possuia algum condão maravilhoso. Os cabanos longe de se zangarem com os seus

modos, pareciam moderar-se a á medida que o velho se alterava. Era realmente extraordinario o que eu via, eu julgava estar sonhando. Paulo da Rocha interpelava-os, sobre os seus projectos, e lançava-lhes em rosto as mortes e os roubos que praticavam em toda a parte.

— Nós batalhamos por ordem de Deus, disse um tapuyo velho que parecia ser o mais autorizado; queremos dar cabo de todos os marinheiros,* (Portuguezes) porque são maçons, e inimigos dos Santos.

— E o que significa esta cruz que trazes ao peito e no chapéo?

— Isto é um signal bento. Todos os brasileiros hão de trazer a cruz para se livrarem das tentações do inimigo** (Diabo) É a religião que nos manda usal-a, porque é o signal da nossa redempção.

— E o signal da redempção é cousa que se traga no chapéo que anda por toda a parte, e rola pelo chão? disse Paulo da Rocha, arrancando o chapéo do tapuyo e atirando-o por terra. É assim que si é temente a Deus, quando se brinca com a cruz em que morreu Nosso Senhor? Então o signal da graça é cousa que possa andar pelos lugares mais immundos?

O tapuyo levantou tranquilamente o chapéo, e sorriu alvarmente, olhando para os companheiros. Um d'elles murmurou, com uma risada levemente sarcastica:

— E no entretanto dizem que você já foi rebelde no outro tempo, mestre Paulo...

— Eu fui rebelde, exclamou Paulo da Rocha erguendo altivamente a cabeça, mas a minha causa era grande e nobre. Nós em Pernambuco rebellamos-nos por uma idéa grandiosa, idéa que ficou afogada em sangue, mas não morreu, ha de vingar mais tarde ou mais cedo. Os cabanos matam e roubam pelo simples prazer do crime, ou antes porque têm inveja da prosperidade dos brancos. Nós não matavamos os velhos e as creanças, nem roubavamos os bens alheios; si derramamos sangue foi em combate, expondo a nossa vida, sempre em numero inferior ao dos legaes. E os cabanos o que fazem, o que querem? Dizem que são brasileiros, que são tementes a Deus, e matam os padres, as mulheres e as creanças. E querem se comparar comnosco? Acaso a onça traiçoeira pode comparar-se ao cão que só ataca frente á frente? O que viestes buscar aqui? Não sou eu tão bom brasileiro como qualquer dos cabanos? E no entretanto viestes em grande numero para atacar o sitio de uma pobre velha que nunca vos fez mal! Assim é a valentia dos cabanos!

— Mestre Paulo, você está enganado, disse o mais velho dos tapuyos, nós não vimos atacar o sitio, nós aqui estamos para visital-o, pedir-lhe um pouco de polvora e chumbo, e dizer-lhe que Mathias Paxiúba quer fallar-lhe.

— Onde está elle?

— Acha-se agora nas proximidades do lago da Franceza.

— Pois dize-lhe que irei ter lá o mais breve possivel.

— Elle mandou dizer-lhe que não faltasse, para dar uma prova que é um bom brasileiro. Se você não fôr, elle diz que você é pelos marinheiros.

— Hei de provar a Mathias Paxiúba que sou tão brasileiro como elle.

— Nós não duvidamos, mestre Paulo, mas é que já outro dia o camarada que veio chamal-o voltou dizendo que você tinha prometido ir, e até agora você não appareceu. Foi por isso que nós remamos para cá.

— Não pude ir tão cedo como queria, mas isso não é motivo para se duvidar de mim.

— Agora então vae?

— Sem falta. Vou acabar de fazer um serviço urgente e sigo logo. Podeis ir descançados.

— Viva mestre Paulo! bradou o mais velho dos cabanos agitando o chapéo ao ar.

— Viva! repetiram os outros em côro.

Nesse momento um dos rebeldes vio-me, e batendo-me no hombro, perguntou ao mulato.

— Quem é este <<coromim>>?

— É um brazileirinho ás direitas, é um afilhado meu.

A côr trigueira de meu rosto valeu-me n'essa occasião. Si eu fosse claro, estava perdido, porque teria excitado a desconfiança dos tapuyos. Accrescia que depois que estavamos no sitio eu gozava da mais completa liberdade; andava mal vestido, descalço, levava o dia inteiro ao sol, e os meus cabellos não viam pente desde a nossa fuga; as angustiosas preocupações da vida que levavamos não davam tempo a minha mãe para cuidar n'estas particularidades. Assim os cabanos acreditaram facilmente no que lhes dissera o sineiro, e um d'elles disse sorrindo para mim:

— Pois é preciso meter esta creança nas calças e camisa de <<murixí>> mestre. Os patricios devem todos andar vestidos da mesma forma.

Tive impeto de protestar contra o juizo que faziam de mim, mas o medo foi maior do que o orgulho, calei-me.

Os cabanos demoraram-se ainda algumas horas no sitio, depois de terem carregado as canôas de cacau, fumo, aguardente e tudo mais que puderam haver a mão, despediram-se calorosamente de Paulo da Rocha, recomendando-lhe mil vezes de deixasse de ir ver o chefe, e seguiram viagem. Paulo seguiu-os algum tempo com a vista, e foi depois abrir a porta do quarto em que haviam refugiados os nossos companheiros.

Todos elles pareciam mais mortos do que vivos. Paulo contou-lhes rapidamente o que se passara, e que elles não tinham podido ver, porque o medo não lhes o permitira. Minha mãe, reconhecendo então que fôra demasiado injusta com um homem cujo sangue frio acabava de salvar-nos, pediu-lhe perdão das suas passadas desconfianças, prometeu

que teria desde já a fé mais cega no character do velho do outro mundo. O padre João, ainda tremulo de susto, agarrou na mão do mulato, e sacudiu-lh'a com força, dizendo:

— Muito bem meu amigo, muito bem; você é um homem ás direitas, um homem extraordinario mesmo. Creia que todos nós lhe somos muito agradecidos, devemos-lhe a vida. Um dia Deus ha de recompensal-o.

Todos pareciam querer a troco de affagos e agradecimentos fazer esquecer ao sineiro as antigas injustiças. A alegria era geral. A gente abraçava-se e beijava-se como se estivesse escapado a um perigo certo. Paulo estava comovido, Julia, triumphante, olhava para nós, como querendo dizer:

— Eu logo vi que elle havia de salvar-os!

Fomos jantar, porque os acontecimentos desse dia tinham feito esquecer as necessidades do corpo. A refeição contou simplesmente de uma lasca de pirarucú secco assado e de um bocado de farinha; ninguem tinha appetite.

No fim do jantar Paulo da Rocha disse-nos:

— Meus amigos, até aqui tudo tem ido muito bem; falta, porém atravessar a crise principal, isto é o encontro com Paxiúba. Como ha de ser? Paxiúba é um homem feroz e sanguinario, nem ha de se deixar dominar tão facilmente como estes pobres diabos que vieram hoje aqui. Si eu não fôr fallar-lhe é muito capaz de vir elle e estamos irremediavelmente perdidos. Si fôr, não sei se será prudente deixar-vos aqui. Estas paragens andam infestadas de cabanos, e um dia podem, agora que conhecem o sitio, pregar-lhes alguma peça na minha ausencia Padre-mestre, o que diz v.revm^a ?

Até alta noite levou-se a discutir sobre o expediente a tomar, sobre o que se havia de fazer. Cada um lava um alvitre, que era combatido pelos outros; e assim só a muito custo se chegou a um accordo. Convencionou-se por fim que no dia seguinte partimos todos do sitio, e nos interramos pelo igarapé á dentro com direcção ao lago do Anuassú, pequena lagôa de pesca, muito pouco conhecida, em cuja margem direita devia existir ainda uma cabana construida no anno anterior para a pesca do pirarucú por um cumpadre da velha Roza, pobre escravo fugido que fora levado preso para a povoação poucos dias antes da chegada, por fortuna uma das escravas da velha conhecida a cabana, que ficava a duas leguas do rio, por lá ter estado muitos vezes. Que lá ficaríamos nós, e que o sineiro iria apresentar-se ao Paxiúba, levando em sua companhia a filha, para que o feroz rebelde não concebesse desconfiança alguma sobre o nosso abrigo; o que seria mais fácil si elle não visse Julia porque surgiria logo que esta ficaria em companhia de alguem, e queria saber quem era logo Paulo da Rocha podesse sem perigo, e d'ali procurariamos um meio de chegar a Manaos, pondo-nos sob a protecção dos legaes. Até a sua volta porem devamos permanecer no Amassú. O padre João disse então alegremente:

— Não tem duvida, meus filhos, eu encarrego-me de dirigir a casa, de caçar e pescar para nós todos. Com o auxilio da Providencia e de Luiz tudo há de ir as mil maravilhas.

Sexta-feira, 26 de outubro de 1877

Folhetim 8

Como não havia tempo a perder, tratou-se dos preparativos da viagem. As mulheres ajuntaram toda a roupa, fizeram um balaio de todas as provisões que haviam escapado ás furias dos cabanos, limpam utensilios de cosinha, prenderam as poucas gallinhas que restavam e foram arrumando a canôa; eu e o padre examinamos os anzões que felizmente eram em numero sufficiente, preparamos as linhas, concertamos as frechas e arcos, e enchemos um grande póte de vinho de cacáo. Paulo visitou a canôa e os remos, e preparou as pressas uma tolda falsa de japá para abrigar os gêneros na viagem. Esta noite toda não dormimos, e mal rompeu o dia, embarcamos na canôa, deixando aquelle sitio que nos dera hospitaleiro abrigo por algum tempo, e que a velha Roza não poude abandonar sem lagrimas.

Em poucas horas chegamos ao Anuassú, e logo depois a beiramos no porto da cabana do pescador. Era uma miseravel palhoça que mal poderia acomodar duas pessoas; uma dessas casinhas que os pescadores costumam construir á beira dos lagos de pesca, no verão, para nellas se abrigarem da chuva e agazalharem o peixe. Acomodamos-nos como foi possivel no miseravel casebre. Como constava a nossa nova habitação de uma só peça, tratamos logo de fazer uma separação com estacas e palha formando assim dois quartos, uma para homens e outro para mulheres; arranjou-se também uma coberta para servir de cosinha, e ficamos desde de logo estalados no nosso refugio quasi tão bem como si estiveramos nas nossas casas em Villa-Bella. O padre parecia satisfeitissimo, e exclamava a cada momento:

— Magnifico ! Soberbo! Ora digam que Deus não sabe prover ás necessidades das suas creaturas!

No dia seguinte Paulo e Julia seguiram de torna viagem em direcção ao lago da Franceza. Nós não podemos ver partir o velho sineiro sem grande inquietação. Pela minha parte senti muito a ausencia de Julia; fui sentar-me á beira do lago, e chorei quasi todo o dia.

Passaram-se alguns dias depois da partida dos dous pernambucanos; a nossa vida era simples e monotona. Pela manhã o padre João e eu iamos á pesca e á caça, e voltavamos ao meio dia para o almoço. Depois passava-se o resto do dia em palestra, até

às seis horas quando se jantava, fechando-se logo as portas e soprando a luz por causa dos carapanans; tratava cada um então de dormir até o dia seguinte.

Uma manhã fomos acordados por Paulo da Rocha. O sineiro vinha só e estava muito triste. Brilhava-lhe porem o olhar, e tinha como que um sorriso de orgulho. Perguntamos-lhe por Julia, e respondeu-nos que os cabanos, desconfiados d'elle, tinham exigido que ficasse a menina com elles emquanto Paulo vinha tratar de uns negocios urgentes. Que elle se aproveitava occasião para acompanhar-nos a Serpa, d'onde nós poderíamos seguir facilmente para Manãos, emquanto elle voltaria para ver a filha. Comquanto pareceu-nos esta historia estranha e inacreditavel a aceitamos e fingimos acreditar no que nos contara o velho. Cada um de nós porém, nadava em um mar de conjecturas sobre a sorte de Julia.

Eu não posso, senhores, recordar-me d'estes factos sem que os meus olhos se encham de lagrimas e o meu coração transborde de reconhecimento por aquelle homem extraordinario que foi para mim um pae, e cuja alma era dotada de uma sublimidade inaudita. Outro homem como Paulo da Rocha, senhores, eu nunca mais verei!

O que se passara em referencia a Julia foi muito diverso do que nos contou o velho; só depois conhecia a verdade por uma testemunha occular.

Quando Paulo da Rocha chegou com a filha á presença do feroz Paxiúba, este sabia que o sineiro havia nos salvado, a mim e a minha mãe; de seu furor, e que nos escondera em um lugar só do velho conhecido. A primeira cousa que disse pois o cabano ao pernambucano foi que era preciso, era urgente que elle entregasse os marinheiros á justa vingança dos brasileiros.

— O filho dessa raça maldita, disse o tapuyo com ar resolutivo e cruel, o filho de Guilherme da Silveira não pôde viver!

Paulo da Rocha foi sublime diante da exigencia do chefe. Ergueu a cabeça altivo, e fitando os seus olhos de aguia no rosto horrendo do cabano disse em voz sonora e breve estas nobres palavras:

— Paxiúba, um pernambucano põe acima de tudo as leis da honra. Eu jurei pela vida de minha filha salvar e proteger o filho de Guilherme da Silveira, e á custa da vida de Julia hei de salva-lo.

— Tu és um traidor! bradou em voz de trovão o cabano, pondo-se em pé, e ameaçando-o com os punhos. Tu és um traidor, mestre Paulo, tu te vendeste vilmente aos marinheiros e aos maçons! Há muito tempo que eu desconfiava de ti! Mas toma cuidado! Ninguém se atreve a encarar face á face com Mathias Paxiúba, o brasileiro! O filho do marinheiro ha de morrer para que se extinga a memoria d'aquella familia maldita, e para vingar os nossos irmãos assassinados por ordem do <<juiz de paz>>. Tu has de entregal-o, ou te arrependers!

— Paxiúba, respondeu o sineiro, quando se chega a minha idade, não se teme o insulto e nem a ameaça em se tratando do cumprimento do dever. Tu és o mais forte, pôdes fazer o que quizeres, mas pode ter certeza que não te entregarei por cousa alguma o filho do “juiz de paz”.

Paxiúba quiz lançar-se sobre o velho, mas a attitude calma, serena, magestosa de Paulo impoz-lhe respeito. Elle moderou o tom de voz, mas foi com furor concentrado que disse ao velho, lentamente, para que cada uma das suas palavras o ferisse no coração.

— Mestre Paulo, tu vas partir em busca do menino, e has de trazel-o à minha presença em companhia da mãe e do tal padre. Tua filha fica comigo, e por Nossa Senhora te juro que Julia pagará pelo filho do marinheiro; cada dia que se diga que Paulo da Rocha sacrificou a carne da sua carne para salvar um inimigo dos seus patricios, o descendente dos tyrannos do Brazil... não queiras que se diga que o pernambucano não merecia se pae, e que Deus errou quando lhe deu uma filha. Vae!

Paulo curvou a cabeça abatido, mas súbito ergueu-a, e com o olhar em fogo, a fronte altiva, e um divino sorriso a iluminou-lhe o semblante, encaminhou-se para o porto sem dizer palavra e sem despedir-se da filha.

VI

Senhores, vou resumir o mais possivel o resto da minha historia; a cabeça se me perturba, o coração agita-se no peito e a voz corta-se-me de lagrimas quando recordo estas cousas; desculpae pois este desalinho de pharses e de idéas, e consenti que eu abrevie.

No dia seguinte ao da volta de Paulo, seguimos todos para Serpa. Levamos muitos dias de viagem, porque foi-nos forçoso procurar os caminhos mais longos, dar voltas enormes, andar constantemente pelos furos mais estreitos e algumas vezes até arrastando a canôa, para escaparmos ás vistas dos cabanos que infestavam aquelles lugares. Quanto tinha de doloroso e horrivel aquella fuga não vol-o direi. Todos nós iamos sobressaltados e Paulo era por vezes presa de uma profunda tristeza. Afinal chegamos á villa, e no mesmo dia deixou-nos o sineiro para ir, como elle nos disse, em busca da filha, mas na realidade para simplesmente aproximar-se della e tentar algum meio de salvação. Nós estavamos em segurança e o mulato podia partir descançado sobre a nossa sorte.

Passamos muitos dias em Serpa, em casa de um portuguez, antigo amigo de meu pae, e lá sabemos a desastrada morte de Guilherme da Silveira, que fora victima dos cabanos na sua propria casa. Minha mãe estava a morte por muitos dias e no seu desespero arrancava os cabellos e maldizia os brasileiros. Eu apesar da minha idade senti bastante a morte de meu querido pae; entretanto as minhas impressões dolorosas duraram pouco tempo, ainda que fossem vivas. Um dia ouvimos dizer que o acampamento dos

rebeldes no Lago da franceza fôra atacado pelas tropas do governo, que os cabanos tinham logrado fugir na quase totalidade, lançando-se ao rio e nadando toda a noite, que os legaes se apercebendo disso tinham lançado fogo as palhoças, morrendo assim um pequeno numero de mulheres e creanças que não se tinham podido salvar a tempo, e em cujo numero estava Julia; e finalmente que Paulo da Rocha fôra preso na ocasião em que procurava extinguir o incendio de uma das palhoças, e levado para a Villa-Bella como cabano, apesar de duas ou tres testemunhas afirmarem ter visto o mulato chegar ao acampamento apenas um quarto de hora antes dos legaes, como querendo aproveitar-se do combate para furtar a filha.

Choramos muito pela morte de Julia, e o padre prometteu empregar todos os esforços para tirar o sineiro das garras da justiça. Naquelle tempo porém a simples suspeita de cabanismo era um crime horroroso, e o governo estava disposto a agir com rigor contra os perturbadores da ordem. Além disso Paulo da Rocha tinha má reputação em Villa-Bella, e o facto da sua filha estar com os cabanos no momento do ataque e de elle se achar ali tambem na occasião, foi sufficiente para que todos o vissem com prazer ser levado para a cadeia. De nada valeram ao velho do outro mundo os rogos e os protestos do padre João; julgado e condenado foi remettido para Obidos e recolhido á fortaleza com grilhões aos pés.

Durante todo esse tempo eu não ouvi fallar do meo velho amigo. Nós seguimos para Manaos para a casa do meo tio Lourenço que no fim de alguns mezes, mandou-me para o seminario do Pará e de lá para Olinda, d'onde só voltei ao Amazonas no fim de alguns annos.

N'esse intervallo meo tio mudara a sua residencia para Obidos, e minha mãe viera viver em sua companhia. Para aqui vim tambem depois de formado, e então vi o sineiro da matriz. Á primeira vista não o conheci, foi preciso que me affirmassem a sua identidade para que eu acreditasse n'ella. Paulo parecia ser centenario. Rugas profundissimas cortavam-lhe o rosto em todos os sentidos, a cabeça pendia-lhe sobre o concavo peito, o corpo era de uma magreza extrema, as mãos tinham grossas veias azues, o olhar já não tinha luz, o semblante não tinha mais vida. Mas nos seus labios descordos e molles estava esteoreotypado aquelle divino sorriso de resignação e bondade, o sorriso com que Christo sorriu do alto da cruz aos seus algozes, e que era a unica cousa que restava do velho sineiro.

Paulo quasi não sahia a rua; o seu estado valetudinario não lh'o permittia e o comandante do forte tinha-o, a rogos do meo tio, despensado de todo o trabalho. Mas quando elle andava o lugubre tinir dos ferros contrastava de um modo tocante com aquelle craneo feito para ser venerado como de um heróe, e com aquelle sorriso terno, que era a revelação de uma grande alma!

Depois de um anno de exforços inauditos conseguimos eu e o meo tio o perdão de Paulo da Rocha. A cabanagem havia já terminado, e o imperador estava disposto á clemencia.

O velho sineiro porém não viveo muito tempo. Apenas poude-se tiral-o da fortaleza, conduzil-o para nossa casa, onde dous dias depois expirou nos meus braços. Voou aquella sublime alma para o céu, sem murmura uma palavra siquer de censura aos seus algozes. A sua memoria porém vive no meo coração!